LIVRARIA
DE
JOSÉ MARIA NEPOMUCENO
N.°

RB 185,181

VELUT ARBOR ÆVO

Presented to the
LIBRARY *of the*
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

219877

Digitized by the Internet Archive
in 2019 with funding from
University of Toronto

https://archive.org/details/memorialdainfanc00mesq

MEMORIAL
DA
INFANCIA DE CHRISTO
E
TRIUMPHO DO DIVINO AMOR.

POEMA

em dez Cantos de oytava rythma,
por

Soror MARIA DE MESQUI-
TA PIMENTEL.

LISBOA.
Por Pedro Crasbeeck.
Anno 1638.

FREI Arſenio da Paixão Dõ Abbade do Real Moſteiro de ſanta Maria de Alcobaça, Geral, & Reformador de todos os de ſua Congregação neſtes Reinos de Portugal, & Algarue, &c. damos licença à madre ſoror Maria de Meſquita Religioſa do noſſo Moſteiro de ſaõ Bento de Caſtris extra muros da cidade de Euora, para que, auidas as licenças ordinarias, poſſa dar â impreſſaõ dous liuros, que tem compoſtos, intitulados hum, Infancia de Chriſto & Triumpho do diuino Amor: o outro, Memorial da Paixão de Chriſto: viſta a informaçaõ dos Padres, a quem cometemos o exame dos ditos liuros. O Doutor Frei Paulo Brandão Secretario de ſua Reuerendiſsima a fez. Alcobaça 17 de Agoſto de 1635.

Frei Arſenio da Paixão,
Abbade Geral.

[...]riado do nosso Reuerendissi-
[...] Padre Frei Arsenio da Paixão, Ge
ral, & Reformador de nossa sagrada
Religião Cistercience nestes Reinos
& senhorios de Portugal, & Algarue, li este
liuro composto em octaua Rima pella madre
soror Maria de Mesquita Religiosa do Mostei
ro de N. Padre S. Bẽto da cidade de Euora da
mesma Ordẽ, intitulado Memorial da Infan-
cia de Christo, & Triũpho do diuino Amor.
No qual não achei cousa contra nossa sagrada
Fé Catholica, nem q̃ encontre os bons costu
mes. Pollo q̃, & por seu superior estilo, digno
de tão alta materia, applicação de muitos lu-
gares da sagrada Escritura com explicações
dos Padres, ornato de varios & altos con-
ceitos, tudo versificado tão elegantemente
que mostra grandeza de engenho natural, &
artificioso, se lhe podé dar a licẽça que pede.
Em Alcobaça 17 de Agosto de 633.

Frei Theodosio de Lucena.

PROLOGO AO LEITOR.

Se he verdade conhecida
Que as obras de altos primores
Se pintaõ de varias cores
Pela desigual medida,
Que ha nos gostos de leitores;
Se as pennas cisnes que admiraõ
Por sutîs & delicadas,
Quando melhor aparadas,
Naõ se isentaõ, nem se tiraõ
De ficarem censuradas;
Se Orpheos de Apollo illustrados,
Que alcançaõ por excellencia
Em Aganippe banhados
Conceptuosa eloquencia,
Tem de que sejaõ notados:
Que pode alcançar, que espera,
Quem de Sciencia he taõ falta
Em materia que se exalta
Sobre a mais suprema esphera,
Porque em valor he mais alta?
Foi cantar de tal sojeito
Temerario atrevimento,
Mas mostrar do entendimento
Faltas, medrando o affeito,
Naõ presumo abatimento.

Que meu ſaber neſta empreza
Moſtre quão pouco comprende,
Quando a deuação ſe eſtende,
Não me afronta eſta pobreza,
Entendame quem me entende.
Se o engenho ſem diſtancia
A meu amor ſe igualàra,
E ſcienci a me dictàra
Com tão ſublime elegancia.
Que a materia exageràra,
Com duplicada alegria
Que cantàra, me examino,
Porque fora o Canto dino
Dos applauſos que pedia
Eſte Aſſumpto tão diuino.
Mas pois que tão limitado
Pulſa meu ſaber humano
Nos primores de atilad o,
Não poſſo mais, ſinto o dano
De o ter tão mal diſcantado.
Tibio & falto meu engenh o
Grande & vehemente a vontade
Sinto grão contrariedade
Porque quando a cantar venho,
Hum quer, outro diſſuade.

A Infancia gloriosa
Do minino triumphante,
Que não teuẽ semelhante,
Na grandeza poderosa
De ab initio Deos amante.
Em applausos de memoria
Vos dou leitores prudentes,
Mysterios de tanta gloria,
Festejaios sapientes,
Celebrai tão alta historia.
Os que o seu Memorial
Da Paixão sollenizastes,
Recebei com gosto igual
Este, pois os bens fundastes
Na Infancia celestial.
Que se aquelle a cujas plantas
Se humilha a mais alta esphera,
Feito humano não nacera,
O timbre de glorias tantas
Nunca o mundo merecera.
Ainda que com grosseiro
Pinsel o pinto nacido,
Nas almas seja esculpido:
Que seu amor verdadeiro
O pintarà mais luzido.

Todas com diuino aceio
Lhe fação cama de flores.
Porque hum minino que veio
Do Ceo, ferido de amores
Sempre deue andar no seio.
Sempre nas almas morada
Lhe deue ser concedida,
Pois dà a quem o conuida
Em premio dessa pousada
Luz, descanço, gloria, & vida.
Nos corações retratado
O veja eu, para ir sofrendo
Quão mal soube ir descreuendo
O seu diuino tratado
Quando tão bello o for vendo.
Que se fruto tão fecundo
De meu trabalho tirasse,
Màs que as faltas me notasse
De meu mao discante o mundo,
Não creio que me aggrauasse.
Com letras nesta alma escrito
Fique de eterna impressão
Com elle no coração
Do piquenino Infinito
Dou principio à narração.

Aa ſenhora Maria de Meſquita Pimẽtel, que deſpois de eſcreuer a Paixão de Christo, & Triumpho do diuino Amor, em oitaua rima. eſcreueo a Infancia de Chriſto, & Triumpho do diuino Amor no meſmo verſo.

SONETO.

COM voz de ciſne ſonoroſa & graue
Para a fenis de amor hũ lenho erguestes
Adonde cos acentos q̃ eſtẽdeſtes
O mũdo ſuſpendeis branda & ſuaue.
A finezas de amor clauſura & chaue
Nos crauos do jardim da Cruz puzeſtes:
Mas ſe em ecos de Marte feneceſtes,
D'elles ao plectro abriſtes noua claue.
Do diuino amor o eſtremo aceito
Nos tormentos da morte, preferido
Voſſa voz conſumada o entoaſſe.
Que por conſumação de ſeu conceito
ſe em triumpho fenece jà crecido
A triumphos Infante oje renace.

Outro ao meſmo intento.

SONETO.

PElos confins da morte prodigioſa
Com as azas do amor ſolta & detida
Que pàra o voo por ſoltar a vida
Hum liberal amor, parca ditoſa.
Voſſa penna de induſtria laſtimoſa
Das penas de Ieſus compadecida
Ligou em verſo a triſte deſpedida
Para verdugo da alma affectuoſa.
Que como jà da morte d'eſte amante
Lá do principio a vida foi nacendo
Contra as penas da morte triumphãdo:
Nella a pena acertou principiante
E quiz deſpois de triumphar morrendo,
Triumphaſſe em nacer no mundo amando.

Em louuor de soror Maria de Mesquita Pimentel, & de seu liuro.

Do Doutor Frey Luis de Sà da Ordem de são Bernardo.

SONETO.

Mar auilla fatal de nuestra edad
Ya feniz os mostrais em boz sirena:
De spues q̃ en bibo fuego os dexo llena
M i nardo; de su engenio, y santidad:
Es tampas os offrece la deidad
Quita ndo Amor de vuestra dulce vena
Pi ramides que exalsan vuestra pena,
Mem orias que eternizan de verdad.
Te ntad la fama que hasta aora muda
L a boz offrece ya, que al tẽplo llama
De sus aras por victima, el oluido:
Raro tendreis el nombre, que sin duda
Ingenio inuentara la antiga fama
Y arte para os dar lo que es deuido.

De Frey Theodozio de Lucena da Ordem de S. Bernardo.

SONETO.

SVſpenſaõ doce, do maior tormento
Cantais ſuaue, em metrica armonia
Excedendo em brandura, & melodia
A voz q̃ ſe formou no ondoſo argẽto.
Com brando impulſo, mas ſonoro acento
Da luz, que a clara luz criou do dia,
Sendo ſeu reſplandor ſegura guia,
Os raios penetrais, felice intento.
Com ſutil arte, por ſublime esfera
O juſtiçoſo ſol, deſde Leuante
Atè donde perdido reuerbera,
Sem perigo leuais, que radiante
Ouro em vòs cria, feminina cera,
Para aſsi ſe engaſtar fino diamante.

A la señora Maria de Mesquita en loor de su estremada virtud, y celebre ingenio.

SONETO.

SI sois vergel de luz, Cielo de flores,
Y emula de si misma os acredita
Duplicada virtud, qual ciega admita
Duda la eleccion entre esplendores:
Consumasse la embidia en sus dolores,
Que en vano detrimentos solicita
Si en aras tiene Dios de vna Mesquita
Luzes de ingenio, de virtud olores.
Muda la admiracion sola os alabe,
Calle la lengua, quando mas presuma
Torrentes de eloquencia, y buelos de aue:
Y porque en suspension no se consuma,
Pues en su pluma vuestro loor no cabe,
Alabeos escriuiendo vuestra pluma.

Livraria M.^r^ de Mag.^r^ Limoeiro.

MEMORIAL DA INFANCIA DE Christo.

ARGVMENTO.

Criou Deos aos Anjos soberanos:
Lucifer rebellou contra elle logo;
Cahio, por pensamentos ter insanos,
Para sempre sem fim, no eterno fogo:
Formou Eua, & Adam, pais dos humanos,
O qual enternecido de seu rogo
Comeo do singular fruto vedado
Perdeose, & Deos saluale tem traçado.

CANTO PRIMEIRO.

O Triũpho do immẽso amor diuino
Feruoroso, ẽtranhauel, & excellẽte
Na Infancia de Deos, feito minino
Crecida execução de amor ardẽte,
Encarecer ao mundo determino,
Se para tanto tenho a voz decente,
Ia que nos estremozos fins seus pude
Principiar com plectro humilde & rude.

A Espirito

2

Espirito ardente, amor suaue,
Assi como por bem de nosso dano
Entrando as tres Pessoas em conclaue,
Destes voto que fosse o Filho humano:
Asi d'este meu canto sede a claue:
Inspiraime hum alento soberano,
Com que vosso triumpho escreua, & cante
Em heroico verso bem soante.

3

E vòs ò sacro Apollo, omnipotente,
Que da dourada Ecliptica baixando
A ser pastor no mundo diligente
Vos vai o Amor diuino destinando:
Temperai minha lyra docemente,
Para que ao som d'ella vá cantando
Amores de huma ouelha, que perdida,
Vos trouxerão do Ceo, por lhe dar vida.

4

De inuocar a Minerua jà me priua
Temer que o saber seu nada me quadre,
E vou buscar a fonte de agoa viua,
Da qual o immenso mar sahio de madre.
O daime huma eloquente vea altiua,
Diuinissima Filha de Deos Padre,
Para cantar do Filho soberano,
Que em vos se quiz vestir do ser humano.

Bernardo

5

Bernardo, Orpheo diuino, em cujos laços
Se quiz ligar a aruore da vida,
Que por força de amor, & não de braços
Nos vossos, sendo immensa, està metida;
Pois vòs à sombra d'ella tão bons passos
Fizestes de garganta, seja ouuida
Minha voz, & fauòr dai ao que canto,
Como quem dos Cantares soube tanto.

6

Aquelle Rei & Deos, que là ab æterno
Foi infinitamente glorioso,
E de si mesmo o ser tem sempiterno,
Em toda a perfeição marauilhoso,
Infinito, admirauel, sabio, eterno,
Immenso, forte, rico, poderoso,
Bondade sem medida, summa alteza,
Luz inexhausta, centro de belleza.

7

Fez a suprema maquina estrellada
Taõ subida de ponto, em rico augmento
Corte celeste, olympica morada
De seu imperial ethereo assento,
D'espiritos angelicos ornada,
Os quais seu soberano entendimento
Matizou co pinsel das viuas cores
De seus mais rùtilantes esplendores.

8

Subſtancias incorporeas, cujos annos
Não limitão os tempos atreuidos,
Aquem inda os mais altos dos humanos,
Inferiores ſaõ nos doẽs ſubidos;
Porque no ſer dos dotes ſoberanos
Ficarão tão perfeitos, & luzidos,
Que leuão às mais couſas que ſaõ bellas,
A ventagem, que o ſol leua às eſtrellas.

9

Sonoros echos ſaõ da voz diuina,
Pura, intellectual, candida eſphera,
Em quem a luz que a graça lhe deſtina,
Como em claros eſpelhos, reuerbera:
Dotoulhe a ſem igual grandeza Trina,
Que mais na perfeição d'elles ſe eſmera,
Clara noticia da immortal ſciencia
Com perſpicaz ſuprema intelligencia.

10

Aquelle, que entre eſquadras purpurantes
Seraficas fez Deos tão ſublimado,
Que poſto ſobre throno de diamantes.
Aos demais ficou auentejado:
Foi Luzbel, que nas luzes ſcintillantes
Belliſsimo ſe vio ficar banhado,
Sendo na ſoberana alta morada
O da celeſtial chaue dourada.

11

Ao qual, antes que Deos Adam creaſſe
Quiz ſua ſingular diuina alteza
Reuelarlhe como elle jà traçaſſe
De ſe vnir à humana natureza.
Por amante quiz logo que o julgaſſe;
Que eſte declara mais ſua fineza,
Quando a affeição he tanta, que não para
A tè que a lingua o coração declara.

12

O myſterio eſtupendo, ſacroſanto
De ſua Encarnação, alto & diuino
Lhe fez patente,& a marauilha eſpanto
De ver o immenſo Deos, feito minino:
E aquelle ſummo Amor, que pode tanto,
Que do ſolio eterno, & vnitrino
Para o materno ventre fez caminho,
Sem do peito do Pai deixar o ninho.

13

Imperioſamente a Diuindade
Lhe mandou q̃ adoraſſe a Deos humano,
Tomando d'elle exemplo na humildade
De ſe abaixar, com ſer tão ſoberano.
Mas Luzbel, deprauado na vontade
De pura enueja, & de ſoberba inſano,
Adorar homem Deos, não quiz neſt'hora;
E neſta obſtinação eſtà tègora.

14

Que vendo como a Angelica nobreza
Com ſubidos quilates excedia
Ao ſer humano, & elle na belleza,
Graças, & perfeições ao ſol vencia:
Iulgou com cego error, que eſta baixeza
Indigna do valor que nelle auia,
Natureza adorar menos ſubida,
Ainda que eſteueſſe a Deos vnida,

15

Leuado da vangloria, deo hum ſalto,
E ſeguindo a ſoberba neſte inſtante,
Nas azas da ambição ſobio tão alto,
Que diſſe: A Deos ſerei eu ſemelhante:
Temerario, arrogante, de luz falto
Se precipita em penas tão diſtante,
Quanto da mais ſublime claridade
Eſtâ a mais profunda eſcuridade.

16

E logo começou, vſando d'arte
Para que ſeu peccado mais creceſſe,
De dizer a cada eſpirito a parte
Que adorar Deos humano não quizeſſe:
Que pois tinha de alteza tanta parte,
A reſplendor menor não ſe rendeſſe;
Porque ſeria grande abatimento
Seu, dar a menor ſer exalçamento.

Eis

17

Eis que niſto a Iuſtiça da alta corte
Michael, com diuino zelo ardente
A todos ſe adianta, & toma a ſorte
De combater por Deos omnipotente:
Com animo leal, conſtante, & forte
Ordena hum eſquadrão d'Anjos potente
Que nos campos de paz, pura & diuina
Quer cometer batalha cryſtallina.

8

Com ſeus penachos brancos, & dourados
Da meſma cor as armas luminoſas
Sae o bello eſquadrão de Anjos armados
Eſmaltados de pedras precioſas:
E trazem por diuiza em realçados
Eſcudos, & adargas fulguroſas
Huma Virgem ſublime, pura, & bella,
Que a frõte d'hum dragão fero atropella:

19

O forte Capitão, em quem ſe encerra
Todo o valor conſtante, & ſoberano
Com ſeus Heroes inclytos por terra
Em o Ceo adorarão Deos humano:
E antes que a fatal batalha, & guerra
Começaſſe co Drago, autor do dano,
Entre dez mil centenas de milhares
Começou d'entoar eſtes cantares:

20

Gloria, que nunca ſeja fenecida,
Tenha Deos infinito, & increado,
Não ſó no ſer diuino, mas ſubida
Vitoria ſe lhe dè, ſendo humanado:
Os choros reſpondião com crecida
Acclamação: Sem fim ſeja louuado,
Louuor ſe cante à ſanta Humanidade
Vnida ao Verbo Eterno da Trindade.

21

Luzbel entre a ſoberba & ouſadia
Sahio com armas negras, ſemeadas
D'hũas minguantes lũas, & ſeria,
Porque erão ſuas glorias jà mudadas:
A diuiza do eſcudo que trazia,
Era, que em viuas chamas abraſadas
Siſypho vinha em degredo eterno
Da duração, imagem là do inferno.

22

Seu bellico eſquadrão leuaua em liga
Terceira parte das luzes fermoſas,
Que ē noite eterna eterno horror caſtiga
Neſſas chamas ſem fim caliginoſas.
Iuntos entrando jà na fatal briga
Começão as trompetas belliceſas
A faz r tal rumor, que declaraua
Que a maquina dos Ceos ſe arruinaua.

Com

23

Com rutilante, & cortadora eſpada
Moſtrando Michael ſeus fortes brios,
Na vil ſoberba intrepida, danada
De Lucifer, meteo os duros fios;
Dizendo com voz alta, & confiada,
Por caſtigar do Drago os deſuarios:
Quem como Deos immenſo, & ſoberano,
Vnido ao Verbo Eterno o ſer humano?

24

E neſte acerbo golpe penetrante,
Lucifer là do Libano ſagrado
Mais ligeiro que o vento, em hũ inſtante,
Na regiāo eſcura foi lançado:
Deceo o brauo Aſſur tão arrogante,
Que com Deos competia em ſeu eſtado,
E aquelle mais ouſado, que Phaetonte,
Cahio nas negras aguas de Acheronte.

25

Deo queda do prazer à cruel ancia,
Da candida innocencia à culpa eſcura
De Deos gloria ſem fim, a mòr diſtancia,
Que ha do bem ao mal, que ſempre dura:
Da concordia do amor, à diſſonancia
D'aquelle odio mortal, com que procura
Tomar do Creador ſempre vingança
Em deſtruir a ſua ſemelhança.

Foi

26

Foi caida local, pois que da alteza
Do monte Olympo, excelso, glorioso,
Que merecia ter por natureza,
Foi lançado no pego tenebroso:
Donde sem fim com immortal tristeza
Nesse infeliz lugar caliginoso
Forão com elle os anjos condenados
Em fulgores sulfureos sepultados.

27

E como de ab æterno em Deos morasse
A summa Sapiencia que o regia,
Ià primeiro que o chaos claro ficasse,
E que Phebo dourasse o bello dia:
Primeiro que do Ceo se despojasse
A gloria que Luzbel alli sentia,
Primeiro que reinassem os elementos,
E a força intrepida dos ventos:

28

Ordenou que nos thronos crystallinos,
Lâ dos raios da luz pura dourados,
Dos quais os anjos maos Luciferinos
Por soberba ficarão despojados:
Aos homens creando, fossem dinos
D'estarem nesses thronos assentados,
Para que possuindo tanta gloria,
Fosse o diuino Amor tendo vitoria.

29

Diuiſos os potentes elementos
D'aquelle globo, donde ſe abraçarão,
Deſpois q̃ Deos lhe poz ſeus fundamẽtos
Por entre os leues os que mais pezarão:
Criados jà os prados opulentos,
Que com flores. & heruas ſe adornarão,
Deſpois que ſe tornou eſphera pura
A confuſaõ do chaos negra, & eſcura:

30

As montanhas altiſsimas creadas,
Montes, & valles, aruores, & frutos,
Rotas as bellas fontes prateadas,
Que vão aos rios dando ſeus tributos:
Aues, peixes, ſerpentes fabricadas,
Os manſos animais, & os feros brutos,
Deſpois de poſta ao mar lei q̃ guardaſſe,
E que nunca jà mais a quebrantaſſe:

31

Logo com grande amor a ſumma alteza
Que com ſomente hum Fiat poderoſo
O orbe todo creou, toma a baixeza
Da terra entre ſuas mãos (acto eſpantoſo)
E forma Adam moſtrando ſua grandeza
Em honrar eſte barro myſterioſo,
Que d'elle a natureza tomaria,
Com que as obras de amor realçaria.

32

Aquella graue maſſa bem formada
Segundo o deſtro artifice excellente
De eſpirito viuente foi dotada,
Mais que a luz das eſtrellas refulgente:
Ficou eſta figura tão ornada
Das mãos d'aquelle Deos omnipotente,
Que ſe em belleza aos Anjos não chegaua,
Muito pouco diſtante lhe ficaua.

33

Em graça foi celeſtial creado,
E dotado de graças excellentes,
E da juſtiça original armado.
A qual por dom ficaua aos deſcendentes:
Immortal ſer lhe foi communicado,
Nem a morte inimiga dos viuentes
Fora naſcida, nem no mundo entrara,
Se Adam, como indiſcreto, não peccara.

34

Quizo Senhor, que tem do Ceo a chaue,
Que em braços de Morpheo alli naſcido
Teueſſe Adam hum extaſi ſuaue,
Em que foi breue eſpaço ſuſpendido:
Da coſta varonil potente, & graue
A molher lhe tirou, que em grao ſubido
A julgou dentro n'alma ſua idea,
Não por humana, mas por Semidea.

Por

35

Por quanto a perfeição, & os valores
Da graça, dentro nalma ſem medida
Lançaua para fóra os eſplendores,
Dandolhe huma belleza nunca ouuida:
Cos olhos nella Adam, diz com clamores;
Eſta molher que vejo, he minha vida,
Pois de meu proprio ſer foi fabricada,
E Deos da minha coſta a tem tirada.

36

Creadas eſtas nobres creaturas,
A terra lhes deo Deos, em que moraſſem,
E que d'ella immortais, ſantas, & puras
Ao Empyreo Ceo ſe tresladaſſem:
E para que de todas as doçuras,
Eſtando em ſua graça, ſe lograſſem,
Com ſeu poder immenſo, & ſummo auiſo
As foi pòr no terreno paraiſo.

37

Nenhum juizo humano bem comprende
A ſumma perfeição marauilhoſa,
Que fermoſea, adorna, & que ſ'eſtende
Por toda eſta prouincia glorioſa:
Alli quanto o deſejo mais pretende
Em doce variedade deleitoſa
Eſtaua em ſoberana cifra pura,
Sem ter mais que querer, a creatura.

38

Em a tapeçaria bella, & fina,
Que cobre o pauiméto fresco, & ameno,
Aquella fermosura tão diuina
Se vè, que està ornando o Ceo sereno:
Alli com viua graça peregrina
Mostra este paraiso que he terreno,
Esses rubis do Ceo, & pedras finas
Na belleza das flores, & boninas.

39

Cloris com Flora andando em cõpetencia
Sobre o lisongear das bellas cores,
As madexas do sol por excellencia,
E os risos da Aurora poem nas flores:
Mostrauão de Amalthea a eminencia
A bizaria, & luzidos primores
Auassalando as luzes dos planetas
As candidas bellissimas mosquetas.

40

Aos ricos topazios vsurpauão
As pallidas coroas admiradas
As lindas marauilhas, que ficauão
Com ellas lindamente coroadas:
Da cor dos peixes Tyrios s'esmaltauão
Entre as frescas boninas mais prezadas
Os purpureos crauos, graciosos,
Ligando as clauellinas mui gozosos.

41

Florecia narciſo flor amante
Com perfeição, & graça ſuperada
De ſeu agricultor, ſem ſemelhante,
Deos, que he perfeito bem, ſó namorada:
Com doce emulação a flor gigante,
A viſta neſte ſol ſempre fixada,
Vfana de ſe ver com tal valia
Moſtra que ſò comſigo competia.

42

Todo o campo era eſphera de verdores,
E os coraes na purpura diſtintos
Entre cachos de perlas, & de flores
Enriquecião verdes labyrintos:
No matiz ſoberano, & viuas cores
As pedras parecião de jacintos,
Que eſmaltão a rica corte glorioſa
Com ſua perfeição marauilhoſa.

43

Alli entre as fragrantes flores bellas,
Que enriqu cia a Aurora com ſeus raios,
A viola valia mais entre ellas,
Que quantas roſas brotão freſcos Maios:
Eſtaua mais luzida, que as eſtrellas;
Porque moſtraua jà viuos enſaios
Neſſa cor, do amor que em Deos ardia,
Porque na veſtidura eſſa trazia.

O liri

44

O lirio, a cecem, & a freſca roſa,
Que com perlas dos olhos eſmaltaua
A mãi de Memnon bella & graciosa,
Quando a Phebea luz denunciaua:
A pureza diuina a Deos gozoſa
D'aquella Phenis rara, figuraua;
Aquem a graça immenſa, & luz diuina
Matizou, como Aurora matutina.

45

Alli Pomona os frutos de doçura
Produzia por arte mais goſtoſos,
Maçaãs de rubicunda fermoſura,
Peros reais belliſsimos, luſtroſos:
As cerejas purpureas na pintura,
Os figos rebaldios ſaboroſos,
A fermoſa romaã, que apparecendo,
Logo o rubì ſeu preço hia perdendo.

46

As amoras, aquem a neſcia gente
Affirmão darlhe a cor dos amadores,
Aqui repreſentauão claramente
As almas aquem Chriſto deo as cores:
Porq̃ encrauado em cruz, qual delinquẽte,
Vertendo o ſangue ſeu com tantas dores,
Todas eſtas amoras eſcolhidas
Forão d'eſſe licor ſacro tingidas.

47

O Nilo por ſeis bocas murmuraua,
Cõ que o imperio de Flora hia banhãdo,
O poderoſo Ganges oſtentaua
Seu primeiro cryſtal liquido & brando:
A reluzente origem ſe moſtraua
Do Tigris, & do Eufrates tributando
Ao campo matizado d'eſcarlata
Em vrnas de ſapphir liquida prata.

48

Nadaua ſobre as aguas modulando
O branco ciſne, & da eſphera neuada
Aſſopraua Fauonio conuidando
A doce philomela celebrada:
Cos bicos de rubis vinhão voando
Quantos Orpheos nos ares tem morada,
Para entoarem armonico concento
Ao orgão volatil do brando vento.

49

No meio com ventagem mui crecida
D'eſte jardim ameno, & deleitoſo
Plantada eſtaua a aruore da vida
Com ſeu diuino fruto precioſo:
O qual tinha virtude tão ſubida,
Que quem de ſeu ſabor marauilhoſo
A doçura goſtaua, immortal era,
E ſem morte goſtar, ſempre viuera.

50

E poz a ſoberana Sapiencia
Neſte pomar de alteza auentajada
Outra aruore diuina da ſciencia,
Que do bem, & do mal era chamada:
E para que de Adam a excellencia
Lhe não deixaſſe a alma alienada,
Tal como Lucifer, aquem vangloria
Derribou no inferno da alta gloria,

51

Hum preceito lhe poz facil, ligeiro,
E foi, que d'eſte fruto não goſtaſſe,
No qual ſer Deos Senhor ſeu verdadeiro
Em eſta obediencia confeſſaſſe:
Que pois era do mundo theſoureiro,
E tambem Viſorrei, conſideraſſe
Ser elle Emperador de Emperadores,
Aquem obedecer deuem ſenhores.

52

O roſto fero ſem vergonha alçaua
Metido no Eſtygio lago Auerno
Lucifer, que d'alli ſempre eſpreitaua
As obras que fazia o Sempiterno:
Mordendo a boca, os dentes apertaua
Vendo como o immenſo Deos eterno
Tinha creado Adam com doẽs ſubidos,
Para lograr os ſeus bẽs jà perdidos.

53

Qual touro, que a garrocha fera, & dura
Lhe entrou, tal como seta bem talhada,
Que com a dor mortal vingar procura
A morte, que jà sente atrauessada:
E não achando o autor, faz na figura
O estrago com furia tão danada,
Que com as crueis pontas, sem ter braços,
O vulto deixa alli feito em pedaços:

54

Assi este cruel autor de danos,
A quem ferio a mão alta, & potente,
Cõ raiua acerba em seus mortais enganos
Vai dar a morte a Adam mui cruelmente:
Que vendo não ter sò bens soberanos,
Mas ser de Deos imagem excellente,
Por não poder tomar d'elle vingança,
Se quer satisfazer na semelhança.

55

Sahio do lago Estygio denegrido
Lugar, donde sem fim tem seu degredo,
Sem aruore auer, que com ruido
No jardim aduertisse este segredo:
Porque em suas cauernas recolhido
Eolo se escondeo de puro medo
Vendo no que foi anjo refulgente,
Hum estupendo corpo de serpente.

56

Nesta sagaz figura parte azinha
Vencendo em ligeireza o leue vento
Pola tenção danada com que vinha
De enfeitiçar Adam no entendimento:
Sabendo q̃ o q̃ então mais lhe conuinha
Para poder sair com seu intento,
Era porlhe hum eclipse à razão graue,
Que este o coração logo vencer sabe.

57

Entra a serpente astuta inopinada
Naquelle paraiso deleitoso,
Era no corpo fera bem formada,
Mas de molher tomou rosto fermoso:
Porque nunca vitoria sublimada
Teuera seu desejo venenoso,
Nem nunca a innocencia se enganara,
Se por ardil tal rosto não tomara.

58

A feminil fraqueza sem receio
Dos tredos vis ardìs de seus enganos
Fabricada por Deos, donde lhe veio
Alcançar tantos dotes soberanos:
Fez que Eua apetitosa, sem ter meio,
Lhe saisse ao encontro, com que os danos
Tão larga entrada, & occasião teuerão,
Que à sua descendencia se estenderão

A ser

59

A ſerpente maligna, o brauo touro
Começa ſeu veneno de ir lançando
Com beneuolo geſto em taça d'ouro,
Que tal he em quem vẽde o fallar brãdo:
Que riqueza, que gloria, que theſouro,
Lhe diz, Senhora minha, eſtais gozando!
Tantos annos logreis, como eu deſejo,
Os ſingulares bens, que aqui vos vejo.

60

Que flores, que fragrancia, que freſcura,
E que aruores tão bellos, & fermoſos!
Quão ditoſa ſera a creatura,
Que goſtar de ſeus pomos ſaboroſos!
Ora dizeime agora, que clauſura
Quiz Deos pòr neſtes frutos precioſos,
Porq̃ vos poz preceito em não goſtardes
De todos, pois q̃ os fez para os logrardes?

61

Eua com roſto graue ſoſſegado
Lhe diz, que o alto Deos omnipotente
A ambos jà licença tinha dado
De comerem de todos largamente:
Porem do pomo ſó que eſtà plantado
No meio do jardim tão eminente,
Que não goſtaſſem d'elle, & cõ mui forte
Preceito os obrigou de terem morte.

62

Eu vos dou bom ſeguro, diz a arteira
Serpente, fraudulenta, & venenoſa,
De não verdes a ora derradeira
Da vida, que tere s ſempre gozoſa:
E ſe me vos tomais por conſelheira,
Alcançareis ſciencia venturoſa,
Semelhantes ſereis a Deos eterno
Na quelle ſaber ſeu, que he ſempiterno.

6

Porque bem ſabe Deos, que em qualquer dia
Que comerdes do pomo da ſciencia,
Voſſos olhos abertos ſem porfia
Alcançarão ſuprema intelligencia:
E ſe vòs caminhardes pela via
De me guardar a mim obediencia,
O mal & o bem comprendereis famoſos,
E ſereis como deoſes glorioſos.

4

Eua ſem preſumir ſeu falſo trato,
Poz os olhos no pomo deleitoſo;
Vio a belleza ſua, & ſeu ornato,
Iulgou não auer outro mais fermoſo:
Goſtou d'elle com peito a Deos ingrato,
Sentio ſer no ſabor muito goſtoſo,
E d'elle deo a Adam, que ſem prudencia
Comeo, perdendo logo a innocencia.

Oo caſo

65

Oo caſo eſtranho, graue, & não cuidado!
Que tendo do preceito fè inteira,
Ià por dar goſto a Eua o tem quebrado:
Tão grande he dos amantes a cegueira:
Em tomando o ſabor d'eſte bocado,
N'alma lhe entrou a morte verdadeira;
E abertos ſeus olhos, & ſentidos,
Ambos virão ſeus bens ſerem perdidos.

66

Entrou logo em conſulta a Alteza immenſa
Com ſua infinita omnipotencia,
E contra Adam de morte deo ſentença
Merecida, por inobediencia:
Batendo logo o Amor, pede licença
Para poder entrar neſta audiencia
Com clamor appellando da diſcordia
Para a celeſtial Miſericordia.

67

D'ambos a appellação foi concedida
No ſummo tribunal da Diuindade,
Que ſendo nas peſſoas diuidida,
He hum ſò Deos, ſó huma Mageſtade.
E logo pelo Amor foi referida
A humilde appellação com breuidade:
A Iuſtiça lhe iae contrapoſta
Supplicando rigores, por reſpoſta.

68

Soberano Senhor, pois a offensa
De ser contra vòs erro cometido
Requere huma infinita recompensa,
Porque infinito amor vos he deuido:
Esta justa razão dou por defensa
Para fauorecerdes meu partido,
E para ser Adam bem castigado
Com a morte immortal, por seu peccado.

69

Morra, porque com frechas de ira braua
He justo se castigue hum insolente,
Que da razão rainha fez escraua,
E o appetite poz por presidente:
Morra o que creado em graça estaua,
E tendo vossa imagem excellente
Escureceo seu lustre & gentileza,
E asi morra sem foros de nobreza.

70

Morra, pois que creado sem segundo
Em perfeições, & graças o primeiro
Se quiz lançar no pego mais profundo
Para de Lucifer ser companheiro:
Morra quem possuindo todo o mundo
Peccou, por comprir gosto tão ligeiro;
Pois quanto a culpa està em causa leue,
Tanto maior castigo se lhe deue.

71

Morra quem para ſi foi inhumano
Em ſe moſtrar a vós deſconhecido;
Morra quẽ por amor de hũ cego engano
O mundo fez ficar todo perdido:
Morra, porque peccou, & fez o dano,
Eſtando do aluedrio enriquecido,
E para dizer tudo mais barato,
Morra, & diga a ſentença: Por ingrato.

72

Logo a Miſericordia, que ſe arrea
Do bem tão cordeal, q̃ poem nos danos,
Com que as obras de Deos mais fermoſea,
E moſtra ſeus valores ſoberanos:
Raſgandolhe o amor a doce vea,
Que verte de fauor para os humanos,
Põdo os olhos em Deos, cõ grãde affeito
Aſsi a voz lançou do interno peito.

73

Omnipotente Deos, bondade pura,
Se condenais Adam a eternas dores,
Voſſa miſericordia fica eſcura,
Porque ſe eclipſarão ſeus reſplandores:
Bem ſabeis vos, Senhor, que mais ſe apura
Meu preço, quando os erros ſaõ moiores,
Porque quanto mais crece ſeu exceſſo,
Tanto com mais quilates reſplandeço.

74

E aſsi neſta maldade deprauada,
Na qual Adam perjuro, & imprudente
Aquella rica peça tem quebrada,
Em que vos deleitaueis tão contente:
Voſſa Miſericordia realçada
Ficarà, ſe por ſerdes Deos clemente,
A tornais a ſoldar, ſem que à caida
A não faça de todo ſer perdida.

7

Piedade, Senhor, que inda que a alteza
De ſer por voſſas mãos Adam formado,
Faz ſeu erro ficar com mor graueza
Pois mais pecca quem he mais leuãtado:
Com tudo a ſua fraca natureza,
E o ſer em fim de barro fabricado
Alguma eſcuſa dá em ſua culpa,
Para que meu effeito nelle eſculpa.

76

Piedade, Senhor, que arrependido
Diz metido na fragua do tormento
Que eſte fruto indigeſto prohibido
Para elle morte foi, não mantimento:
E pois he d'elle o erro conhecido,
Tomailhe por deſconto o ſentimento,
Pois q̃ de hum peccador & alma catiua
A morte não quereis, ſenão que viua.

Piedade

77

Piedade, alto Deos, pois he tão certo
Que o fere jâ dos tempos a inclemencia,
E nos campos d'espinhos descuberto
Os anda cultiuando em penitencia:
Com rosto de suor todo cuberto,
Porque vos não guardou obediencia,
Come que he qual abrolhos, pão amargo
Dando tributo ao mar seu pranto largo.

78

Piedade, perdão, pois que ligado
Tem aquelle reato na garganta,
Que despois de hũa alma auer peccado,
A liga, como corda, & a quebranta:
E pois a culpa o poz em tal estado,
Achese em vòs, Senhor, clemencia tanta,
Que o não condeneis a eterna morte,
E lembreuos que sois amador forte.

79

Torna com temeroso tom esquiuo
A Iustiça diuina a mais queixarse:
Não he justo q̃ fique hum homem viuo,
Que no saber a Deos quiz igualarse:
Se com supplicio eterno, & excessiuo
Não pretendesse bem d'elle vingarse,
Ficaria a Iustiça sem ter vida,
Pois nesse estado està, sendo perdida.

81

Senhor diz a immortal Miſericordia,
Pois tenho em voſſo ſer a deidade,
E minha celeſtial ſumma concordia
Faz mais reſplandecer voſſa bondade:
Não caſtigueis Adam com tal diſcordia,
Pois ſabeis de ab æterno ſer verdade
Que vos coſtumo dar crecida gloria
Em ter de voſſas obras a vitoria.

82

A Verdade entre as duas mui perplexa
De Deos olhaua a face glorioſa,
Vendo como a Iuſtiça para quexa
Tinha cauſa baſtante, & mui forçoſa:
E como a Miſericordia não dexa
De ſer no que allegaua poderoſa,
Com roſto mageſtoſo, & mui ſuaue
Diz com a voz tão clara, quanto graue:

83

Excelſo, alto Senhor, Deos ſoberano,
Eterno Rei, ſupremo, juſtiçoſo,
Que enfreais, & regeis o Oceano
Com voſſa lei, & mando poderoſo:
Tãbem a tinheis poſta ao homẽ humano,
E lhe auieis propoſto riguroſo,
Que ſe peccaſſe, logo morreria,
E ſua geração tal fim teria.

84

Pois a verdade vossa ha de comprirse,
Que palaura lhe destes, donde alcança
Que pode o mundo todo destruirse,
E ella ficar firme sem mudança:
Por onde o que conuem, he concluirse
O castigo de Adam com a esquiuança
Que vos pede a Iustiça, & he deuido,
Por quanto d'elle estais tão offendido.

85

Mas tambem vejo aqui mui claramente
No perdão que a Iustiça vos impede,
Como a Misericordia que he presente,
Tem immensa razão no que vos pede:
Vosso eterno juizo sapiente,
Que tudo justamente ordena, & mede,
Na sciencia de seu diuino estudo
Dè traça para pór remedio em tudo.

86

De sorte que ficando castigado
De Adam o erro graue, & desatino,
Não fique para sempre condenado,
A cujo beneplacito eu me inclino.
De rica diadema coroado
No soberano throno o Amor diuino
De resplandor o Ceo enriquecendo,
Começa de fallar, assi dizendo:

87

Eterno Padre, Verbo ſempiterno,
Immenſo Deos de Deos, lume de lume,
E eu diuino Amor, ſuaue, interno,
Cujo fogo alumia, & não conſume:
Pois o terceiro ſou no ſer eterno,
Que rege o Ceo & terra por coſtume,
Para Adam perdão peſſo enternecido,
Que meu immenſo ardor me tẽ mouido.

88

Se o ter contra a Grandeza incircunſcrita
De noſſo ſer diuino elle peccado,
Huma ſatisfação pede infinita,
Como a Iuſtiça aqui tem allegado:
E ſe a Miſericordia ſolicita
Fauor, com que elle ſeja perdoado,
Determino em balanças mui perfeitas
Fazer que fiquem ambas ſatisfeitas.

89

Para a Iuſtiça o fim ir conſeguindo,
Que pretende, & procura juſtamente,
Que he a culpa de Adam ficar punindo
Com preço que lhe fique equiualente;
Conuem que de cemente eu và ferindo
Com ſetas de diuino fogo ardente
Peſſoa de valor tão infinito,
Que dé ſatisfação de ſeu delito.

A debil

90

A debil miſerauel natureza
Não pode por ninguem ſer reſtaurada,
Senão por quem com immortal deſtreza
A ſoube fabricar, & fez de nada:
E pois chegou a eſtar a immenſa Alteza
Tão infinitamente injuriada,
Só com ſatisfazer Deos offendido,
Então ſe lhe darà preço deuido.

91

Pagar não pode bem a creatura,
Porque ſeu cabedal he pouco forte;
Morrer não pode a deidade pura,
Porque em Deos infinito não ha morte:
A vós, Verbo do Padre com doçura
Por mãdado do Amor vos cabe em ſorte,
Que para bem de Adam ſejais humano,
E como homem, & Deos, cureis ſeu dano.

92

Em huma Virgem mãi immaculada
Tomareis mortal corpo & tereis vida,
E a fraca natureza endeoſada
Ficarà, por eſtar com voſco vnida:
Se per huma molher pouco auiſada
A geração humana foi perdida,
Per outra, que tera ſupremo auiſo,
A poſſe alcançarà do paraiſo.

O Padre

93

O Padre eterno jà do amor mouido
Lhe diz, vendo o ardor com q̃ se inflama:
Amor, de puro amor enternecido
Quero que veja o mundo vossa chama:
Verbo do peito meu, filho querido,
Em quem minha belleza se derrama,
Mostrai vossa sciencia omnipotente
Em reparar a pobre humana gente.

94

Vós sois minha immortal sabedoria,
Vós idea, por quem fui debuxando
O homem, que per graça possuia
Esse bem, que não soube ir conseruando:
Pois por quem cobrarà elle a valia
Do treslado que escureceo peccando,
Senão por vòs, restaurador benino,
Que de vossa imagem o fareis dino?

95

O brando amor com cordeais ardores
Pede sejais resgate de catiuos,
Que em tormentos crueis, penas, & dores
Erão dinos de estar morrendo viuos:
Assi por estes termos superiores
Com jubilos de gostos excessiuos
Iunta a Iustiça com Misericordia
Para sempre sem fim terão concordia.

96

O Filho omnipotente sempiterno
Ià de se ver humano desejoso,
Ao Padre, & Amor com affeito interno
Logo o Sim concedeo marauilhoso:
E jà no crystallino assento eterno
Dos Anjos soa o canto deleitoso;
Que asim acclamação lhe dão cõ gloria,
Victor, victor, Amor leua a vitoria.

97

Este foi o triumpho soberano
Primeiro, que o Amor por excellencia
Alcançou, procurando o bem humano
Com esta singular conueniencia:
Elle se mostra alegremente vfano,
Por ser bem despachado na audiencia:
E eu que outro triumpho sacrosanto
Quero jâ começar, deixo este Canto.

MEMORIAL DA INFANCIA DE Chriſto.

ARGVMENTO,

Manda Deos Gabriel com a embaixada
Aa intacta donzella Paleſtina:
A Virgem prudentiſsima ſagrada
Seu diuino querer humilde inclina.
Logo neſſe momento foi ligada
A natureza humana co a diuina,
E em ſeu candido ventre ſacroſanto
Por ordem concebeo do Eſprito ſanto.

CANTO SEGVNDO.

ANtes q̃ minha voz ao plectro apliq̃
O ſerafica eſquadra glorioſa,
Voſſo zelo meus beiços purifique
Cõ viua braza, ardente, luminoſa:
Para que docemente notifique
Com vea em conſonancia ſonoroſa
Do Amor celeſtial o raro exceſſo,
Se cantar poſſo hum bem, q̃ não mereço.

Fermoſos

2

Fermosos noue coros, que cantando
Com doce melodia, interna, & pura,
As noue irmãas a tras ides deixando
De cada qual tornando a voz escura:
Do nectar, de que sempre estais gostando,
Me dai, para que cante com doçura
Como de especie humana, & de diuina
Deos, por saluar Adam, fez medicina.

3

O supremo Monarca, a cujo Imperio
Tudo sogeito està, tudo obedece,
Aquelle que não só este Hemispherio,
Mas o outro tambem de luz guarnece:
Para o profundo obrar & alto mysterio
De sua Encarnação, amante dece
E entra com a diuina Sapiencia
No consilio de sua Prouidencia.

4

Na casa d'esmeraldas preciosa
Do crystallino Olympo omnipotente
Estellifero polo da fermosa
Luz Trina, mais que o sol resplandecẽte:
Com pratica suaue deleitosa
Não menos elegante que eloquente
A Prouidencia, a quem tudo se inclina,
Foi espalhando assi a voz diuina:

5

Impassiuel Senhor, forte, & guerreiro,
Como para saluar Adam perjuro
Hei decretado saia do Cordeiro
Sangue sacro, innocēte, humano, & puro;
Do Verbo, digo, em carne verdadeiro
Meio de se alcançar o bem futuro,
Que antes q̃ o mũdo fosse, & a luz do dia,
Ià no Ceo por amòr morto se via;

6

Pois por officio tem minha excellencia
Em tres tempos cifrar todo o gouerno
De vossa infinita omnipotencia
E poder sem medida, sempiterno:
No presente obrando por essencia,
No futuro com meu destino eterno,
E do passado à terra recordando
As grandezas que sempre fui traçando.

7

Agora, ó Deos de immensa & summa alteza,
Em este tempo, & circulo presente
Appareça no mundo a mòr grandeza
De vosso immenso ser omnipotente:
Agora que o peccado em profundeza
Abrio sua larguissima corrente,
Agora vossa graça poderosa
Solte mais larga a vea caudelosa.

A escāda

8

A eſcada ſe veja jà pendendo
Do alto Ceo à terra cà lançada;
Porque venha a ſer homem Deos deſcẽdo,
E o homem và fazer com Deos morada:
Entre o Rei, a pouzada enriquecendo,
Per porta que ſerà ſempre cerrada,
Deſcenda ao lirio puro inuiolado
O crauo hypoſtatico encarnado.

9

O Padre, o Filho, o Amor nũ ſer Deos trino,
Mouido com affecto de clemencia
Lançando raios, como ſol diuino,
Do alto throno de ſua omnipotencia;
Penetrando o clamor doce & benino
D'aquella tão ſuaue Prouidencia,
Deſpois de auer a pratica propoſta,
Aſsi com branda voz lhe dà reſpoſta:

10

Prouidencia, por quem com mão extenſa
Moſtro que meu Imperio poderoſo
O refulgente Ceo tem por deſpenſa
Que dà ſuſtento ao mundo grandioſo.
Pois vós moſtrais o tẽpo em que a offenſa
De Adam, tenha remedio piedoſo,
Seja pois eſte, & he conueniente,
Porque ſou Deos que amo ſummamente.

11

Que ainda que a proterua culpa fera
O fez ſer para mim acerbo, & duro,
O meu amor para elle he tal, qual hera
A ſeu peito ligado, eſquiuo, impuro:
E ſe morte ſem fim deuida lhe era
Polla culpa mortal; eu sò procuro
Tomar, porque o amei, da hera a traça,
Que docemente o muro liga, & abraça.

12

Bem ſabeis, Prouidencia, com certeza
Como quis tantos annos eſperaſſe
Por tal bem a humana natureza,
Para que o preço d'elle penetraſſe:
E porque não achei neſta largueza
De tempo aquella phenis que alcançaſſe
O encarnado ordir na tela rica
Que, por nella encarnar, theſouro fica,

13

Sò cos dedos o Ceo fiz tão fermoſo,
E em dizendo, logo foi creado,
Tambem fazendo o mundo tão luſtroſo,
Me moſtrei ſummamente abbreuiado:
Mas eſte paraiſo deleitoſo,
Em que o ſegundo Adam ſerà lançado,
Foi digno de ter doens tão ſoberanos,
Que me deo que cuidar por muitos anos

Porqu

14

Porque ainda que a ſumma Sapiencia,
Que aqui preſente eſtà, mui bem podia
Darlhe num breue inſtante a excellencia,
Que para Mãi de Deos lhe competia;
Quiz tanto dilatar minha ſciencia
Eſtes bens que dotarlhe pretendia,
Sò por moſtrar q̃ vence em graças bellas
A terra, o Ceo, o ſol, a lũa, eſtrellas.

15

Mas pois a eſclarecida & bella Aurora
No mundo eſtende jà os ſeus candores;
E tanto nella a terra ſe melhora,
Que ſeus abrolhos vè tornados flores:
Quero que a Sapiencia diga agora
Aos Seraphins da gloria moradores
As raras perfeições de que he dotada,
Para da terra, & Ceo ſer adorada.

16

E logo a Sapiencia enriquecida
Com a precioſiſsima coroa,
Que a ſeu raro valor he tão deuida,
A qual ſuas grandezas apregoa:
Naquelle ſolio puro em pè ſubida
A donde a voz de Tres em hum ſer ſoa,
Começa de dizer graue & ſerena
As perfeições da candida açucena.

17

Eu Sapiencia eterna, que sou mestra
D'aquella arte, das humanas vidas,
E minha clara luz he que as adestra
Nas cousas immortaes & engrandecidas,
Eu que com meu primor & manha destra
Mostro como ser deuem abatidas
As da terra, & co as plantas ser pisadas
As altas sobre as frontes leuantadas:

18

Eu que conto as areas là dos mares
Com todas as estrellas por inteiro,
E que penetro as aues nos cantares
Como o voar que fazem mais ligeiro;
Eu que alcanço das gotas os milhares
Atè o fim & termo derradeiro;
Eu que sei dos abismos a baixeza,
Como alcanço do Ceo a mòr alteza:

19

Eu fonte de quem toda a graça mana
Por diuino tropheo de meus valores,
Em a virgem Maria soberana
Puz o sello real de meus primores:
Na natureza angelica, & humana
Repartidos os bens que saõ maiores,
Toda a graça por todos derramada
Só n'ella puramente està cifrada.

Conce-

20

Concebida esta Virgem mãi diuina,
He verdade purissima, & mui certa
Não lhe empecer a aue de rapina,
Que em todos lança as vnhas tão esperta:
Que o Deos de amor suaue a fez tão dina
Que debaixo das azas encuberta
A deixou, reseruando a sua alma pura
Da original mancha fea & escura.

21

Foi huma alma entre todas venturosa
Qual phenis sobre todas escolhida,
Alma, que sem cair, sempre fermosa
Fez Deos mais altamente redemida:
Molher em perfeições marauilhosa,
Que dos raios do sol toda vestida
Fogio da sombra do erro escurecido
Deixando o dragão fero escarnecido.

22

He aquella cidade santa, & pura,
Cujo resplandor claro he o Cordeiro,
Que para lhe regar a fermosura
Se fez rio d'amor que vem ligeiro:
He arca virginal, na qual mistura
O Padre seu thesouro verdadeiro
Com o preço menor da filagrana
Em vnião diuina com a humana.

23

Em grao de perfeição mui leuantado
Teue todos os does que são maiores,
Preso o fomes peccati & sogigado,
Nunca sentio paixões interiores:
Mas em summa amizade concordado
Todo o affecto, & appetites inferiores
Sugeitos à razão dentro em sua alma,
Sempre como a Rainha lhe dão palma.

24

Aquellas tres donzellas sobrehumanas
Filhas do Rei de todo o dom perfeito
Fè, Esperança, & Charidade vfanas
Todo o thesouro encerrão no seu peito:
O Esposo com glorias soberanas
De seu coração faz florido leito,
Donde a maior pureza concebida
Brotando sempre està fruto de vida.

25

He a que na humildade vence o brio
De Amão impio, tyranno, & insolente,
E com Elrei de eterno poderio
Intercede por toda a humana gente:
He quem trara à terra sem desuio
A bella luz do Ceo indeficiente,
Para cos raios seus das creaturas
Fazer fogir as treuas mais escuras.

26

He de Iacob a estrella esclarecida,
A molher forte, que Salamão vozea,
A vara de Israel bella & florida,
A clausa oriental porta Phebea:
A Rainha que de ouro està vestida,
A planta de Leui de fruto chea,
A arca do mannà rica & fermosa,
A flor de Iericò, & intacta rosa;

27

O Iris verde & roxo, que tomaua
Tão docemente as mãos aos Ceos & terra,
Quando a aue pacifica tornaua
Em sinal de trocar em paz a guerra:
O throno de marfim, q̃ o Templo ornaua,
O monte, que sem mãos deitou a terra,
A pedra que aos Ceos sempre ennobrece,
E com ella aos homens enriquece.

28

Ella he a casa excelsa, & sumptuosa,
Donde eu celestial Sabedoria
Mostrei minha sciencia poderosa,
E o preço que tem minha valia:
A imagem do Padre preciosa
D'esta Phenis sem par virgem Maria
Dirá com seu saber que tudo sabe,
Pois nella ha de caber o que lhe cabe.

29

Não só nas perfeiçoẽs, & graças da alma
He phenis ſingular, & ſobrehumana.
Mas às molheres todas leua a palma
Na proporſaõ da fermoſura humana:
Toda a belleza d'ellas fica em calma,
Porque he eſta Senhora ſoberana
Fermoſa como a lũa eſclarecida.
E como ò ſol puriſsimo éſcolhida.

30

São como ouro de Arabia ſeus cabellos,
E tanto he hum sò d'elles poderoſo,
Que d'elle faz amor os laços bellos,
Com que prende d'amores ſeu eſpoſo:
O ſol autor da luz naſcido em Delos
Vendo que a hum cabello tão fermoſo
Não podia ſeu raio ſer ſubido,
Ficou ſeruindo ao corpo de veſtido.

31

Como he do Ceo a meia lũa clara:
Aſsi he ſua fronte de belleza;
As ſobrancelhas arcos da preclara
E muito mais que angelica pureza:
Naris de proporſaõ tão bella & rara,
Que aparta as duas roſas com deſtreza:
E qual primeira zona, aſsi compaſſa
Todo eſte Ceo d'amor com ſutil traça.

Suas

32

Suas fermoſas faces ſaõ da Aurora,
De neuado jaſmim purpurea roſa;
E por mais rico eſmalte, nellas mora
A caſtidade pura, & vergonhoſa:
Da cor, & graça d'ellas ſe namora
A primauera eterna, & cobiçoſa
No ſeu pinſel diuino poem as cores
Que nas faces lhe poz o Deos de amores.

33

Seus olhos ſaõ carbunclos luminoſos,
Os quais tẽ (como o ſol) a luz por propia,
E mais que elle, luzentes & fermoſos
De raios ſoberanos lanção copia:
Cauſaõ na viſta affectos milagroſos,
Porque a gloria q̃ enlea, lhe he impropia.
E com diuino impulſo ſente o peito
Mouerſe a deſejar o bem perfeito.

34

A gentil boca he de hum coral ardente,
A qual verte fragrancia mui cheiroſa;
Seus dentes ſaõ, quais perlas do Oriente,
Eſmaltes, com que fica mais fermoſa:
A garganta columna tranſparente
Da fabrica da corte glorioſa,
O caſto peito candido, & roſado,
As mãos, como arminho mais neuado.

Em

35

Em ſeus diuinos pès tem tais compaſſos,
Com ter os demais dões tão copioſos,
Que o paracleto Eſpirito a ſeus paſſos
Com grande admiração chama fermoſos:
Porque graça lhe poz Deos com os braços
Immenſos, immortais, & poderoſos,
Que ficou n'alma, & corpo pretioſa,
E ſem imperfeição toda fermoſa.

36

Sua voz he tão doce, tão ſonora,
Que com requebros d'alma enternecidos
Lhe pede o Deos de amor, a quem adora
Que queira jà ſoar em ſeus ouuidos:
Eſta diuina voz ouça elle agora,
Pois ella eſtà pedindo com gemidos
Que a vara de Ieſſe jà florecida
Leue o celeſtial fruto de vida.

37

Diſſe: & as ſoberanas Ierarquias
Admiradas de ouuir tão doce hiſtoria,
Começarão com nouas armonias
A dar a Deos eterno noua gloria:
Pedindolhe com doces melodias
Quizeſſe jà ao mundo dar vitoria
Deſcendo ao gremio puro d'eſta Aurora,
Que elles já reconhecem por Senhora.

O Padre

38

O Padre ſoberano omnipotente
Confirmou ſer a hora jà chegada,
O Eſpirito ſanto diligente
Chama ò denunciador d'eſta embaixada:
O Verbo com deſejo mais ardente
No thalamo real quer ter entrada, (ma,
Que ouuindo ſeus louuores, mais ſe infla-
Pois ſempre crece o amor cõ a boa fama.

39

No tempo que a Phebea luz entraua
Com ſeus raios no Aries dourado,
E com ſeu fogo puro lhe abraſaua
O liquido licor jà congelado:
E quando com preſteza caminhaua
Aſtrea, para dar veſtido ao prado,
Ouro aos montes, rica & fina prata
Aos rios, nos quais o Ceo retrata:

40

Eſtando Deos no throno lumiñoſo
No qual ſua luz pura reuerbera,
Chamou o meſſageiro venturoſo,
Que hà tãto o Ceo a terra, o limbo eſpera:
Não eſcolheo o Principe famoſo
Michael, que do Ceo guardamór era,
Senão a Gabriel, porque a diuina
E ſumma Sapiencia aſsi deſtina.

41

Humilde chega à porta a elle aberta,
Laurada d'ouro fino & cryſtal puro,
Vé de rubìs a quadra eſtar cuberta,
Que toda a perfeição lhe vem de juros
Vio aquella belleza deſcuberta
Dos topazios que tem o rico muro,
A arte, a bizarria, & a riqueza
Obras da ſingular diuina Alteza.

42

Chegou ao ſitial, que he de borcado,
Todo de hum raio puro de ouro feito,
Que deixa o coração alienado
A perfeição de tão diuino objeito:
Em ſeu throno fermoſo vio ſentado
O verdadeiro Deos, & com reſpeito
E doce admiração de tanta gloria
Suſpendeo o ſentido, & a memoria.

43

Neſte tempo Maria ſanta & pura
O lauor dà almofada já deixaua,
Porque Erebo trazia a noite eſcura,
E no reino de Thetis Phebo entraua:
Tomando o ſacro liuro da Eſcriptura,
Achou como Iſaias declaraua
Que huma Virgem a Deos conceberia,
E ſempre intacta & pura ficaria.

Neſte

44

Nesta lição sua alma a Deos aspira
Com corrente de amor mais apressada,
Que parece que nella jà lhe inspira
A gloria que para ella tem guardada:
O quão doce & suaue que suspira!
Com que feruor em lagrymas banhada
Pondose de giolhos tais quais setas
Ditia estas palauras tão discretas!

45

Omnipotente Deos, que d'essa altura
Com as luzes de vossa claridade
Penetrais o amor que em mim se apura,
Em que abrasada està minha vontade:
Quando, Senhor, com vossa vestidura
Mortal, disfarçareis a diuindade,
Para que possa o pobre Adam despido
De vosso ser diuino ser vestido?

46

Quando celestial diuina Alteza
Mostrareis o infinito em summa breue,
Vnindo o fraco ser à fortaleza,
Que em vos des de ab æterno sẽpre esteue?
Quando o metal grosseiro à subtileza
De vossa essencia pura (porque leue
Possa da terra ao Ceo ficar o passo)
Vnido verei jâ com forte laço?

47

Quando no eburneo throno esclarecido
Ao nouo Salamão verei sentado?
E quando o Eliseu do Ceo descido
O defunto fara resuscitado?
Quando aquelle sinal sera comprido,
Que foi sem fê de Achaz menosprezado,
Que huma Virgem, q̃ tal sempre seria,
O forte Emmanuel Deos pareria?

48

Oo quão ditosa & alegre fora agora!
Que riquezas, que gloria possuira,
Se vendo jà nascida esta Senhora,
Com meus olhos mortais tanto bẽ vira!
Oo Deos, a quẽ minha alma tanto adora,
Por quem meu coração sempre suspira,
Fazeime escraua d'esta Virgem pura,
Se digna sou de ter tanta ventura.

49

Disse: & ficou suspensa tão fermosa
Em extasi diuino arrebatada,
Que com força d'amor mais poderosa
Manda Deos Gabriel com a embaixada:
No rosto de jasmim a cor de rosa,
Com que o diuino ardor a tem cercada,
Fez que com infinito amor interno
Ao filho diga assi o Padre eterno:

50

Descendei de meu peito, ò summa gloria,
Descendei às entranhas de Maria,
Que he digna de alcançar esta vitoria,
E sò este tropheo lhe competia:
Descendei, pois na vida transitoria
Alcançou ter comigo tal valia,
Que quero que em seu gremio vnido seja
Vosso ser ao mortal, como deseja.

51

Sae de Deos a illustre fortaleza
Gabriel, rodeado de luz pura,
E alegraua o Ceo ver a lindeza,
Que leuaua em tomar de homem figura:
Elle estima esta forma, & gentileza
Muito mais que de Archanjo a fermosura,
Por quanto este vestido, & ser humano
Por librè ha de ter Deos soberano.

52

Chega o diuino Archanjo luminoso
Todo vestido d'ouro, & d'encarnado,
Por ver que d'esta cor Deos cubiçoso
Està para cobrir o seu borcado:
Aa porta o esquadrão marauilhoso
Dos Anjos, de que vinha acompanhado,
Deixou; & por virtude sublimadã
Na casa logo entrou, sendo cerrada.

53

Vio, que guardaua a porta hũa donzella
Mais luzente que o ſol ao meiodia,
Tremula ſcintillaua como eſtrella,
Hũa roupa brilhante que veſtia:
Aceſa em ſua mão tinha hũa vela
Com hum rico letreiro, que dizia:
A luz & intelligencia da verdade
Alcança de Maria a caſtidade.

54

Iunto d'ella com roſto alabaſtrino
Outra dama de ſol toda illuſtrada
Com mil laços de prata, & de ouro fino
Sobre huma rica veſte leonada
Eſtaua com hum cofre cryſtallino,
E huma letra nelle bem grauada,
Que diz: A humildade verdadeira
Das graças de Maria he theſoureira.

55

Outra de fermoſiſsimo ſembrante
Com huma chaue de ouro o Ceo abria;
E com ter elle a porta de diamante,
Aſsi como de cera ſe rendia:
Sobre a purpurea roupa roçagante
Tinha em cifra outra letra, que dizia:
Abre Maria o Ceo por excellencia
Com o fiat de ſua obediencia.

Sobre

56

Sobre raios de nuuẽs prateadas
Estaua huma bellissima figura;
Que bordada de chamas agitadas
Mostraua ter a rica vestidura:
Como as sublimes aguias coroadas
Azas tinha cercadas de luz pura;
E no rosto de hum sol resplandecente
Os olhos punha fixos firmemente.

57

Hum Cordeiro pacifico, & fermoso
Das nuuens jà rasgadas abaixaua,
E a donzella (ò caso prodigioso)
Assi com letras d'ouro declaraua
Da oração o affecto feruoroso,
Em que a virgem Maria se occupaua;
Fixa no sol diuino verdadeiro
Traz à terra das nuuens o Cordeiro.

58

De outras mil diuinissimas figuras
Vio o Archanjo a casa rodeada,
Que saõ as graças, doens, virtudes puras,
De que a virgem Maria foi dotada:
Aa vista de tão raras fermosuras
Ella, como Rainha coroada,
Estaua parecendo junto d'ellas
Hum sol que lança raios entre estrellas.

59

Poz o giolho em terra absorto em glorias
Na rara perfeição da alta Princeza,
Que suspende dos Anjos as memorias
Ver cifrada de Deos nella a belleza:
E para assegurar suas vitorias,
O adorou na humana natureza;
Que porque esta Luzbel não concedera,
Nos abismos cahio da summa esphera.

60

Aue (lhe diz) santissima Donzella,
Aue, phenis de amor vnica, & pura,
Aue, que sobre as aues sois mais bella,
Aue, que voais sempre à mòr altura:
Aue, tão estimada, que só nella
Aquella real aue, que se apura
Na luz do eterno Sol com clara proua,
Em vós se quer vestir de penna noua.

61

Aue, de cuja graça tão rendido
Se sente aquelle Deos q̃ em vòs se enleua,
Que por digno fauor mui merecido
Vos quer mudar em aue o nome d'Eua:
Todo aquelle louuor, que he mais subido,
A vossas perfeições o mundo deua,
Pois em vòs Deos de amor, mar caudaloso
Ha de caber por modo milagroso.

62

Deos vos ſalue, de graça nunca alhea,
Por mais q̃ brame, & grite todo o inferno,
Pois graça vos ha dado a alta idea
Là no eſcuro carcere materno:
Deos vos ſalue, de toda a graça chea,
A quẽ cõcede & ordena o Ceo ſuperno
Cifrar em vòs a graça todo o modo
Das graças que Deos deo ao mundo todo.

63

A graça toda Deos vos communica,
Graça ſem ter medida vos tem dada,
Graça, que dos bens todos vos fez rica,
Graça, que a ſeu amor he igualada:
Graça, que voſſa vida ſantifica,
Graça, que vos faz ſer endeoſada,
Graça, que em voſſo vẽtre a Deos enlaça,
Para que vòs ao mundo o deis de graça.

64

O Senhor he com voſco, bella Aurora,
Pois antes d'elle vir por deſcendencia
A voſſo ſacro gremio, jà d'agora
Em vós o vejo eſtar por excellencia:
Com voſco ſempre eſteue deſde a hora
Que eſſa alma vos vnio, com aſsiſtencia
A corpo celeſtial; que alma tão bella
Em caixa de marfim traçou metella.

65

Entre as molheres todas sois bendita,
E sobre os Seraphins mais excellente;
Pois em vós por amor Deos deposita
A grandeza entre todas eminente:
Vossa gloria serà sempre infinita,
Pois vos dirà Bendita toda a gente; (da
Que em fim cõ morte ao mũdo Eua côui-
E por vós ha de entrar em elle a vida.

66

Bendita sois, Senhora pois nascestes
Para serdes resgate de catiuos;
Bendita, pois ao mundo cà viestes,
Para que os homens mortos fossem viuos:
Bendita, pois a terra enriquecestes
D'aquelles bens, que saõ superlatiuos;
Bendita sereis sempre, pois sois meio
Do perdão do peccado horrendo, & feio.

67

A Virgem se turbou; muito se admira
De ver o estilo & forma da embaxada;
Resoluerse não sabe no que infira
De cousa jà mais d'ella imaginada:
Pasma de ver que hum Anjo lha refira,
Que inda que fosse a vellos costumada,
Quem em Deos por pureza se transforma,
Nẽ em Anjo quer ver de hũ homẽ forma.

Oo não

68

Oo não temais, Maria, que por irdes
Esse temor perplexo despedindo,
E para de esperança vos vestirdes,
Quero tão doce nome ir repetindo:
Em ouuindo, Maria, consentirdes
Nesta minha embaxada vou sentindo,
Porque não he estranho Deos lhe desse
Virtude, que a tal obra vos mouesse.

69

Tanta graça, Senhora, em Deos achastes,
Tanto para com elle merecestes,
A tão sublime alteza vos alçastes,
E por ser qual vos fez, tanto valestes,
Que de todos os coros triumphastes,
E merecer na terra cà podestes,
Que antes de ser na gloria collocada,
Fosseis dos mesmos Anjos adorada.

70

Sò o que he Deos eterno, & soberano,
Não sois, por ser immensa sua alteza,
Porem ao Seraphim, q̃ he sobrehumano,
Venceis com mil quilates de grandeza:
Deixastes muito a tras o ser humano,
Excedestes em tudo a natureza;
Toda a graça, que foi Eua perdendo,
Por vós a vai o mundo merecendo.

71

Em vosso sacro ventre Virgem pura,
Conçebereis por modo inexplicado
De Deos a Imagem viua, a fermosura,
O resplandor eterno sublimado:
Do Padre o Verbo feito creatura
Mortal, Senhora, aueis de ver gerado
Sem tempo eternamente là sem madre,
E cà nascer em tempo sem ter padre.

72

Iesus se chamarà o Infante interno
Minino, por ser Deos de amor subido,
Sera grande, & do Alto sempiterno
Todos lhe chamarão filho querido:
Darlheha o sceptro, o throno, & o gouerno
De Dauid, que he seu pai esclarecido,
Porà seu solio eterno, & sublimado
Na casa de Iacob, por ser sagrado.

73

Sera sem fim seu reino illustre, & forte
Por toda a eternidade poderoso,
A pezar do inferno, & mais da morte,
Mas que o soberbo cão seja enuejoso:
Elle sempre tera a real sorte
De ficar com triumpho valeroso:
Que asi como he Senhor da eterna gloria,
Assi ha de leuar sempre a vitoria.

Tornando

74

Tornando a cor rosada ao branco gesto
Com hũ olhar modesto, humilde, & graue;
Alça o rosto tão graue, quanto honesto
Esta que fez mudar a Eua em aue.
Diuino embaxador, que manifesto
(Lhe diz) fazeis de Deos o amor suaue,
Como ha isto de ser, Anjo subido,
Que de pureza voto hei prometido?

75

A diuina embaxada mui bem creio,
Mas o Como de vòs saber queria:
Como pode caber, sem ter enleio,
O mar em huma concha, que elle cria?
Com que rara inuenção, ou cõ que meio
Mãi & tambem donzella ser podia?
Como dos Tres de hũ ser, q̃ rege o mũdo,
Humano se fara só o Segundo?

76

O Como que pedis, a mim se tolhe
Comprendelo, Senhora (lhe responde)
A tal Como meu hõbro aqui se encolhe,
Que só Deos este Como em si esconde:
Para si tão secreto Como escolhe,
Que a seu saber immenso corresponde:
O Seraphim mais alto na priuança
Este raro segredo não alcança.

Descerà

77

Descerà ao mysterio de alto espanto
O que Espirito santo he nomeado;
Da virtude do mui Alto sacrosanto
Fara vosso sentido alumiado:
O que de vòs, Senhora, nascer santo,
De Deos sempre será filho chamado:
A esteril Isabel que he prima vossa,
Concebera; nada ha que Deos não possa.

78

Daime, Senhora, o Sim que Deos aguarda,
O qual serà a chaue, que do peito
Trara o doce filho, que ahi guarda,
Ao throno, que em vos amor tem feito:
Olhai que como amante, jà lhe tarda
O Sim, que em vnião de laço estreito
Ha de ligar o fraco ao poderoso,
Do thalamo saindo, co no esposo.

79

Olhai que o velho Adam com triste pranto
Vos pede deis o Sim que o Ceo adora;
Escutai de Dauid o doce canto
Ao som da arpa sua tão canora:
Ouui o choro dos prophetas santo,
Que vos brada com voz doce & sonora,
De vossos santos pais senti os brados,
Que vos chamão em lagrymas banhados.

80

Olhai as abraſadas Ierarquias
Que vos eſtão pedindo internamente
O comprimento de ſuas alegrias,
Que d'ſte doce Sim eſtá pendente:
Enchei ſuas cadeiras jà vazias
Com eſte Sim, que a Deos omnipotente
Fara deſcer à terra, & os humanos
Sobirâ ſobre os thronos ſoberanos.

81

Vede que o mundo q̃ he de morte herdeiro,
Vos pede eſte diuiuo Sim jucundo,
Para o liurar do eterno catiueiro,
E merecer gozar do Ceo rotundo:
Em fim, Senhora, he certo & verdadeiro,
Que a eſte Sim de valor, & tão profundo
A terra, o limbo, o Ceo ſe rēde & humilha
Como à mais alta & rara marauilha.

82

Chegado pois o tempo deſejado
Das grandezas de Deos marauilhoſas,
A Virgem bella colicor ſagrado
De humas lagrymas doces, & gozoſas
Banhando aquelle roſto ſemeado
De perfeições, & graças milagroſas,
Alça as diuinas mãos pura, & ſincera,
E diz ao paranimpho, que a eſpera:

Morador

83

Morador da celeſte Ierarquia,
Para dar vida ao mundo cà deſcido,
Bem ſei que tanto bem não merecia,
Como por vós me foi offerecido:
Tendome por indigna da valia,
A que por graça Deos me tem ſubido:
Eis aqui do Senhor eſtà a eſcraua,
Façaſe em mim o que eſſa voz fallaua.

84

O doce & alegre Sim a Virgem dando,
Foi ouuido no reino glorioſo:
Abrioſe logo o Ceo, porque eſperando
Eſtaua d'elle o eco ſonoroſo:
E logo do paterno peito brando
Sahio o Verbo eterno, poderoſo;
E ſem abrir a arca do theſouro,
Entrou com a coroa & ſceptro de ouro.

85

Entrou o ſol diuino, refulgente,
Como por hum eſpelho cryſtallino,
Com ſeu raio vibrado tranſparente
No ſoberano gremio alabaſtrino:
Dentro na arca do cedro preminente
Ficou, qual fica a perla em nacar fino,
Ficou eſta Senhora eſclarecida
Dando veſtido ao ſol d'elle veſtida.

Eſte

86

Este virgineo gremio todo em torno
Vnidos Padre, Filho, & Amor cercarão,
E co sangue da Virgem, feito ao torno
Ao diuino Salamão gerarão:
Hum corpo alli de soberano adorno
E realçada proporsaõ formarão,
Vnindo a diuindade ao ser humano,
Ficando nelle o filho soberano.

87

Em vnião ficarão juntamente
Com a pessoa eterna em laço estreito
Gozando a gloria & ser mais eminente
No grao q̃ he mais subido, & mais perfei (to:
E o Verbo immortal omnipotente
A diuindade sua com effeito
Na natureza humana deposita,
Em fim vne a mortal à infinita.

88

Os espiritos bellos, que esperarão
Aa porta estas nouas de alegria,
O Sim suaue apenas escutarão,
Festejando do eco a melodia,
Quando todos humildes adorarão
A Deos eterno, filho de Maria;
E mil festas & danças lhe fezerão
Com parabens de gloria, que lhe derão.

Hũs

89

Hũs eſquadrões fermoſos vertem roſas,
A porta d'eſta caſa alcatifando,
Outros trazem do Ceo pomas cheiroſas,
Que pello tecto d'ella vão lançando:
Outros com ſuas citharas fermoſas
Em coros docemente eſtão cantando
Como ella, A vara he das bellas flores,
Que dà fruto de vida a peccadores.

90

E porque a perfeição d'eſta obra acabe,
Em extaſi he juſto ſe leuante,
A dorando em ſeu ventre o q̃ não cabe
No Ceo, & nelle vè tornado infante:
O que ſentio então, ſó ella o ſabe,
E nem de hum Seraphim ſerà baſtante,
Para o poder dizer, a lingua aguda,
Quanto mais eſta minha, q̃ he tão ruda.

91

A gloria que ſentis, alta Princeza,
Mal poderà de mim ſer explicada,
Por quanto he infinita na grandeza,
E minha poſſe he muito limitada:
Mas para proſeguir tão alta empreza,
Daime huma voz excelſa, & delicada,
Porque afinando o plectro, entretanto
A elle leda ponha nouo Canto.

MEMORIAL DA INFANCIA DE Christo.

ARGVMENTO.

Por obseruar de Cesar o edito,
Com a celestial alta Rainha
Se parte são Ioseph a seu distrito,
E com grande trabalho ella caminha:
Leua no ventre seu, Deos infinito;
E como a nosso bem assi conuinha,
Entra na mangedoura, porque entende
Que em pobreza tão vil nascer pretende.

CANTO TERCEIRO.

CHerubim do sagrado paraiso, (da,
Em q̃ o segũdo Adã quiz ter mora
Do qual jardim com seu supremo auiso
Vos fez ser defensor cõ forte espada:
Vosso fauor náo seja aqui diuiso
D'esta minha voz ronca, & desmaiada;
Daime vossa doçura, Orpheo diuino,
Para poder cantar de Deos minino.

2

Daime, ſanto Ioſeph, a voſſa lyra,
Que em extaſi o Ceo teue ſuſpenſo,
A voſſa doce voz, que a terra admira,
E o peito enternece a Deos immenſo:
Fauorecei minha alma, pois aſpira
A cantar do ſol puro, que inoffenſo
Deixa o cryſtal, que voſſa gloria cauſa
Com fazer noue mezes nelle pauſa.

3

Daime forças iguais a tal ſujeito,
Que ſe deslumbra a minha fraca viſta,
E he juſto a luz me cegue de hum objeito,
Que não ha Seraphim que lhe reſiſta:
Voſſo fauor me esforce o fraco peito,
Para que d'eſte aſſumpto não deſiſta,
Pois quanto de o cantar ſou mais indina,
Tanto ſera voſſa obra mais benina.

4

Deſpois que Deos por ſeu alto deſtino
Mandou o bello Archanjo co recado,
Que fez da ſaluação o mundo dino,
E foi remedio do mortal bocado;
Deſpois que da juſtiça o ſol diuino
Por juſtiça quiz ſer ſol, & ſoldado,
Para com ricas armas da milicia
Vencer de noſſas culpas a malicia;

5

Despois q̃ a mãi q̃ he em toda a gẽte humana
Singular na pureza, & castidade,
Foi visitar a prima soberana
Não sò por fè, senão por charidade;
Despois que a Ioseph justo desengana
O Nuncio que vem là da eternidade,
De não trazer no ventre a Virgem pura,
Senão do Padre eterno a fermosura;

6

Ambos juntos viuião com pureza
Mui digna de immortal fama & memoria,
Que lhes fazia as almas na belleza
Tais como os Seraphins q̃ estão na gloria:
E mais louuor merecem nesta empreza,
Porque os Anjos sem guerra tẽ vitoria,
E elles em fraca maça da flor d'ella
Dão palma à castidade pura, & bella.

7

O illustre Ioseph na vida actiua
Seruir a sua Esposa sò pretende,
Tambem a singular contemplatiua
Abraça, que a sciencia d'ella aprende:
Ambos das duas saõ estampa viua,
Porque seu cabedal todo se estende
Em adorar a Deos com sacrificios,
E em fazer a pobres beneficios.

8

Co trabalho das mãos o ſanto eſpoſo
Ganha o comer à Virgem delicada:
Ella para elle em tudo venturoſo
O buſca com a empreza da almofada:
Suſtentaſe o Minino precioſo
Que no thalamo puro faz morada,
Tornãdo ẽ ſangue, a fim de darnos vida,
O manjar, que he da mãi doce comida.

9

Do ventre da ſantiſsima Maria
Puro, celeſtial horto cerrado
Crecia o doce fruto cadadia
Pelo diuino Eſpirito plantado:
O tempo que a ſeu Deos obedecia,
Para poder já ſer na terra nado,
Sobre azas de falcoens hia voando
A eſte vltimo termo jà chegando.

10

E no ponto em que o mundo perto tinha
Eſte felice bem, que deſejaua,
O pifaro real, & a caixa vinha
Co bellico clarim, que bem ſoaua:
O concurſo da gente ſe auizinha
A ver a rara pompa com que entraua,
En tre o rumor confuſo & pauoroſo
Eſte pregão ouuirão bellicoſo:

O Em-

11

O Emperador de Roma ſoberano
Segundo Ceſar, & primeiro Auguſto,
Senhor vniuerſal de quanto humano
Mora no clima brãdo, & frio, & aduſto,
Manda q̃ ſem fallacia, fraude, & engano
Pontualmente ſe execute ao juſto
Em quanto ſe dilata o ſeu diſtricto,
O juſto comprimento d'eſte edicto.

12

Manda que cadahum buſque a nobreza
De ſeu proprio ſolar, patria querida,
A donde origem tem, & natureza
De ſua geração baixa, ou ſubida:
E ahi cadaqual com a certeza
Da verdade, que he ſempre eſclarecida,
Eſcreuendoſe, a Ceſar dè tributo,
Como a ſenhor & principe abſoluto.

13

E aquelle que por outrem, ou peſſoa
Não der ſatisfação a tal mandado,
O edicto real tambem pregoa
Que ſeja grauemente caſtigado:
Sendo rebelde à Imperial coroa,
Sera por falſo & traidor contado,
Perdendo a liberdade deſejada,
E a fazenda a Ceſar applicada.

14

Torna a ſoar a trompa bellicoſa,
Eſtremeceſe o necio, & erudito,
Abaxa o ſenador com mageſtoſa
Pompa, ao conſiſtorio fixa o edito,
Que do ſenado & Ceſar imperioſa
E abſolutamente foi ſubſcrito:
E deixa os peitos fortes admirados,
E os fracos confuſos, & toruados.

15

Todos chorão ſeu mal, & o dos parentes,
Que todos pelo edicto jà catiuos
De Ceſar ficão, & là por entredentes
Para elles pedem a Deos males nociuos:
Chorão eſcrauos ver ſeus deſcendentes,
Pois antes que no mundo ſejão viuos,
De catiueiro tem a triſte ſorte,
Que he jà antes da vida ter a morte.

16

Mas pois os força em fim neceſsidade,
Fazer d'ella virtude, he muito juſto:
Pois a força tomada por vontade
Sempre faz ſer a dor de menos cuſto:
Conuemlhe ſogeitarſe à poteſtade
Do alto Emperador Ceſar Auguſto;
Por quanto não querẽdo o q̃ elle ordena,
Sentirão o rigor de ſua pena.

Ià para

17

Jà para obedecer cadahum ſe parte
Com ligeireza & preſſa em demaſia,
Para a vizinha ou mais remota parte
Donde tem a eſtirpe & tronco, faz a via:
Que o temor que entre todos ſe reparte,
A ninguem a detença permitia,
Porque vindo com corpo de gigante
A todos logo a morte poz diante.

18

O diuino Ioſeph a toda a gente
D'eſte caminho em dores leua a palma:
Porque a pena da auſencia, que jâ ſente,
O coração lhe poem em triſte calma:
Sente neſte rigor de verſe auſente
Ir apartado o corpo de ſua alma,
E ficar ſua Eſpoſa ſem ter vida,
Que eſtà com caſto amor a elle vnida.

19

Sente que por não ter a bolſa franca,
Não eſtà (como he juſto) apercebido,
Para leuar comſigo a roſa branca,
Cuja fragrancia enleua ſeu ſentido:
Sente tanto, que a alma ſe lhe a rranca,
Ver que o tempo ditoſo he jà co mprido,
De naſcer Deos na terra, & deſpedirſe,
Quando mais deſejaua não partirſe.

20

Para casa se vai com a alma fria
Cercada de hum rigor duro, & molesto;
E vio que o resplandor do claro dia
Tinha a diuina Esposa no seu gesto:
Vio todo o comprimento da alegria
Na quelle senhoril olhar honesto,
E na quella belleza sublimada
De sua ausencia a dor vio retratada.

21

Virgem, que o sol cegais com a luz pura
(Lhe diz) q̃ d'esses olhos se derrama,
Dos quais o resplandor & fermosura
Escura deixa a mais brilhante chama:
Senhora, em cujo amor, & fè se apura
Hũ peito, q̃ em diuino ardor se inflama,
Despedirme de vòs, he dor tão grande,
Que não sinto remedio, que ma abrande.

22

De vosso casto amor a alma vencida
Dous estremos sustenta receosos,
Porque no bem de veruos sente vida,
E em despedirse, tranzes lastimosos:
Partirme sem vos ver, he dor crecida;
Porem sustos me offrece mais penosos
Neste estremo subido de quereruos
O chegar a vos ver para não veruos.

Bem

23

Bem ſabeis jà, minha adorada eſtrella,
Como de Ceſar o edito forçoſo
Me diuide de voſſa viſta bella,
E reſplandor diuino, & glorioſo:
Tambem ſabeis, puriſsima donzella,
Pois viueis em meu peito venturoſo,
Que ſe, como he decente, modo achara,
Tambem neſta jornada vos leuara.

24

Porque comigo fora o paraiſo,
Que para gloria ſua Deos fabrica,
Em quem contẽplo, vejo, em quẽ diuiſo
Que mais ſuas grandezas amplifica:
Comigo fora Deos, pois ſutiliſo
Com viua fè, que d'elle eſtais tão rica,
Que vos veſte de gloria ſoberana,
E que vòs o veſtis de tela humana.

25

Forão comigo os Seraphins da guarda
Indo fazendo cortes por coſtume
Ao ſol, que cobre jà a nuuem parda,
O qual procede d'hum & d'outro lume:
E na vida mais gloria não ſe aguarda,
Que aqui ſe cifra toda, & ſe reſume;
Nem eu, para a viagem ter ſegura,
Podia deſejar maior ventura.

26

Porem, da virgindade claro espelho,
Donde ella mais se apura, & se diuisa,
Eu não tomo do amor aqui conselho,
Que a leuaruos me faz força precisa:
Com a razão, Senhora, me aconselho:
Ella prudentemente he quem me auisa,
E diz que sofra a pena d'esta ausencia,
Porque irdes vòs não he tanta decencia.

27

Que se alcancei saber eu adoraruos
Logo despois de Deos, como a mãi sua:
Se soube cá na terra veneraruos,
Como a quem veste o sol, & piza a lua:
Não tenho cabedal para leuaruos,
Nem o fausto conuem q̃ em vòs se inclua,
Pois quãdo a Deos no gremio enthesou-
As regras da pobreza professastes. (rastes,

28

Nesta escola, Senhora, ambos viuemos,
Os thesouros da vida não buscamos,
Porque os da gloria eterna apetecemos,
E nelles todo o bem solicitamos:
Assi que ir ambos juntos não podemos,
Porque ainda q̃ em casa o mal passamos,
Não vos leuo eu tão pobre ẽ tal jornada,
Porque ireis a mil penas arriscada.

O que,

29

O que, posto que rude na linguagem,
Com affecto elegante aqui vos pesso,
He que em vossa oração nesta viagem
A parte me otorgueis que vos mereço:
Pois nem dos Seraphins me faz ventagem
O amor que se deue a vosso preço,
Que sem limite, termo, nem medida
Sempre de mim em Deos fostes querida.

30

E sempre asi sereis eternamente
Em prospera fortuna, ou aduersa sorte,
Gozando de vos ver, ou estando ausente,
A vida possuindo, ou tendo a morte.
A Deos, entre as molheres excellente;
A Deos, minha dulcisima consorte,
Que por vos não causar tormento largo,
Mais nesta despedida não me alargo.

31

A Virgem o thesouro derramando,
Que vence as ricas perlas Indianas,
Sentia o coração irse arrancando
Entre angustias & penas deshumanas:
Despois que seu tormento foi mostrãdo
Nas lagrymas diuinas soberanas,
Como doce serea com encanto,
Asi lhe vai dizendo em voz de pranto:

32

Seraphico Ioſeph, que d'entre a gente
Sois na graça eſcolhido, & na grandeza,
A quem ſegura luz immortalmente
Com laços de amor caſto me tem preza:
He poſsiuel que voſſo animo intente
Apartaruos de mim, tendo certeza
Que de voſſa preſença diuidida
Logo o fim hei de ver de minha vida?

33

Poder-i eu deixar de acompanharuos?
Eſtarei ſem ſeruiruos & ſem veruos
Eu, q̃ por dom do Ceo ſoube eſtimaruos
Tanto, quãto por Deos ſoube quereruos?
E de mim podereis vós apartaruos,
Se o ſol eterno, que ha de obedeceruos,
O amor q̃ em vòs viue, & ſe entheſoura,
Não vio nem deſcobrio em quãto doura?

34

Deſpois do filho, que he ſumma ſciencia,
Que no peito do Padre ſempre mora,
E no thalamo meu por aſsiſtencia
A natureza humana ſe encorpora:
Em vòs o meu amor por excellencia
Se emprega, & de verdade vos adora;
Vos ſois de minha vida fiel reparo, (ro.
Meu pai, meu doce eſpoſo, & meu empa

Pois

35

Pois se despois de Deos, sois meu bem todo,
Em quem de meu descāso està a esphera;
Como vos deixarei? de nenhum modo
Eu, que deixar a vida antes quizera:
Digo que a toda a pena me acomodo,
Com tanto que vos siga; & quem me dera
Que aqui vosso querer ao meu se vnira,
Porque a esta jornada Deos me inspira!

36

Leuaime pois em vossa companhia,
Que tão diuina he, que me leuara
Aa fera Libya ardente, & Scythia fria,
E nos rigores seus descanso achara:
Eu sofrerei do tempo a tyrania
Porque com vosso alento, ó prenda cara,
Alcançarei com força vitoriosa
Passar montes de neue rigurosa.

37

Esse fauor, bellissima escolhida,
Para aliuio da dor em que nauego
(Lhe torna) estimo mais q̃ a propria vida,
Pois mais q̃ a vida val d'alma o sossego:
Comigo ireis, ó luz esclarecida.
Porque em tal companhia não và cego;
Antes possa ter vista em grao subido
Que alcance ver de vòs o sol nacido.

A Virgem

38

A Virgem agradecida, & cuidadosa
Começa de prouer logo hum cestinho
Dos paninhos, que da arca venturosa
Tirou para enuoluer o sacro arminho:
Que bem sabe a Rainha preciosa
Quão necessarios saõ neste caminho
Para o parto tão pobre, quão celeste,
Que no sitio ha de ter da lapa agreste.

39

O Patriarca ajunta a ferramenta,
Em que, sendo tão nobre, se recrea;
E porque com mui pouco se contenta,
Accomodou no alforje a pobre cea:
Aa Esposa diuina se apresenta,
Que a terra & ceo Empyreo fermosea;
E ambos se dispoem para a jornada,
Em que Deos fez a sua desejada.

40

Deixão de Nazareth o sitio amado,
E tomão seu caminho trabalhoso
Contra o rigor do tempo enregelado;
Em que Boreas reina furioso:
Ioseph com hum volante delicado
Cobre o rosto da Virgem luminoso;
Ella com grauidade peregrina
Leua a seu hombro santo a mão diuina.

Caminhão

41

Caminhão a Belem; muito lhes custa
Esta jornada em tempo tão nociuo:
O vento tudo fere, & tudo adusta
Co rigor de seus sopros excessiuo:
Para esta, q̃ he do Ceo Rainha Augusta,
Busca o consorte seu mui compassiuo
Aliuio & refrigerio que lhe valha,
Para vencer das neues a batalha.

42

Mas quanto mais solicito buscaua
Remedio contra os ventos rigurosos,
Tanto mais seu rigor se acrecentaua,
Que Eolo os vai soltando furiosos:
Para alentar a Esposa, desejaua
Os solares effectos calurosos,
Os quais lhe nega o pai de Phaetonte,
Encobrindo a Phebea roxa fronte.

43

Indo com cuidadosa vigilancia,
Pela derrota aspera & fragosa,
Vio huma casa debil, pobre estancia
Exposta ao vento & agua fluctuosa:
Que não sò daua mostras de inconstãcia,
Em sofrer tempestade temerosa;
Porem de leue vento combatida
Prometia de ser logo caida.

De taipa

44

De taipa antiga ſaõ ſuas paredes,
E jà mais nunca forão cafeladas,
Nem quantos eſta minha hiſtoria ledes,
Outras verieis tão arruinadas:
As portas de buracos, como em redes,
Seguras de poderem ſer fechadas,
Porque nada do que eſta caſa encerra,
Podião cubiçar ladroẽs da terra.

45

Dentro o ſanto Ioſeph, que dor & pena
Sente, pollo fauor que à Virgem tarda,
Vio com raios de luz, & não pequena
Veſtida hũa molher de ſarja parda:
Humilde, manſa, alegre, & mui ſerena,
Como quem de temor não ſe acouarda.
Nos hombros azas tinha; que a pobreza
Pode voar ao Ceo com ligeireza.

46

Preſas vio a ſeus pés de huma cadea
A tres gigantas feras, & eſtupendas,
De tolhidas nenhũa ſe menea,
Se forças para os homens tem horrendas;
Porque tanto a pobreza ſenhorea
Regeitando da terra as ricas prendas,
Que piza aquẽ adora & eſtima o mundo,
E o deixa a ſeus aſſaltos timibundo.

A primeira

47

A primeira giganta, que exhalando
Nas almas està ſempre a golodice,
Com que ella vai as culpas fulminando,
Que fraudulenta as gera na meiguice,
Mil clamoroſos gritos està dando,
Dizendo aſsi com ciſo na doudice:
A pobreza, porque na alma ſe encarne,
Preſa a concupicencia tem da carne.

48

A ſegunda, que parto inexorauel
Foi, deſque Adam peccou, d'eſta primeira,
Lince na viſta, & com inſaciauel
Sede de quanto ve, que tudo feira;
Com voz medonha, triſte, formidauel,
Errante fere o ar d'eſta maneira:
A pobreza em priſaõ mais q̃ de abrolhos,
Tem ligada a cobiça, que he dos olhos.

49

A terceira fortiſsima giganta,
Que ſempre a deſtruir o mundo aſpira,
Que o eſuaece, prende, cega, encanta,
Quando ſeus coruſcantes raios gira;
Brãda com furioſa voz que eſpanta,
E crepitante diz ardendo em ira:
A pobreza me prende, que atreuida
Triumpha da ſoberba d'eſta vida.

50

Ioseph a benditiſsima pobreza
Saudou com applauſos de alegria;
Alegre lhe pedio a alta Princeza
Quizeſſe vir em ſua companhia:
E vendo ella o muito que na empreza
Seu illuſtre triumpho engrandecia,
Lhe diſſe: Eſſe fauor, Virgem diuina,
O Ceo por bem ſupremo mo deſtina,

5

Iá antes de Deos ter mundo creado,
Que vos ſeguiſſe agora neſtes paſſos
Eſtaua em ſua idea decretado,
Para elle vir nacer entre meus braços:
Para ficar com elles tão ligado,
Que atè prẽder os ſeus na cruz cõ laços,
Dos meus jà mais na vida não ſe aparte,
E eſteja nelles ſempre em toda a parte.

52

E pois eſtou jà poſta em tanta alteza,
Errarà quem pobreza for chamando
A mim, que eſtado tenho de riqueza,
Pois Deos, de pobre eſtado a ha de ir to-
D'aqui me nace jà a fortaleza, (mãdo:
Com que aquelles tres vicios vou pizãdo,
Que no mũdo enganado mais dominão,
E todos os peccados originão,

E ſe

53

E ſe no exterior fraca apparencia
Tem eſta pobre eſtancia, em que habito,
Guarda no interior a preminencia
Do bem, que chega a ſer quaſi infinito;
Que he ſaber deſprezar a excellencia
De quanto o mũdo traz no peito eſcrito,
Gozando eu de contino no deſpreſo
De quanto elle idolatra, & o tem preſo.

54

Aqui no interior d'eſta morada
Mora o deſcanço, a paz, à liberdade,
A querida alegria deſejada,
Que enche toda a medida da vontade:
A ſegurança firme, & confiada
De poſſuir os bens da eternidade,
Que goza toda a alteza extraordinaria,
A pobreza de eſprito voluntaria.

55

Ledos vão os diuinos caminhantes
Leuando na aſperiſsima carreira
Aquella, que por ſerem d'ella amantes,
Sempre lhes foi na vida companheira:
Vai ſaõ Ioſeph com olhos vigilantes
Reparando na pena, & na canceira,
Com que a luz, q̃ a do Ceo ſingulariza,
Sem poder dar paſſada, a neue piza.

56

Todo enleuado em Deos olha para ella,
Que no frio & na neue rigurosa
Està, qual entre nuuens, clara estrella,
E quanto mais cansada, mais fermosa:
Sente muito o trabalho, que vê nella,
A qual com discrição marauilhosa
Dissimulaua alegre, & mui serena,
Porque elle não sentisse maior pena.

57

Ainda que bordado de alegria
Mostreis esse sembrante crystallino,
(O casto esposo diz) doce Maria,
Bem sei sentìs a dor, como imagino:
Veruos cansar, Senhora, sò temia,
E sabe Deos, que d'este bem diuino,
Que he trazeruos comigo, carecèra,
E por vos não ver pena, antes morrèra.

58

Primeiro, só temia a ausencia forte,
E não as trinta leguas de aspereza,
Que estão d'aqui a Belẽ cidade & corte,
Donde està de meus padres a nobreza:
Temia, que partindo sem meu norte,
Sempre andaria em treuas & incerteza,
E cego no caminho seria morto,
Sem que jà mais chegasse ao doce porto.

Vós

59

Vós por me dardes gosto, alento, & vida,
E porque em firme amor, em fè inteira,
Em cortezia, em ser agradecida
Em tudo sem segunda, sois primeira;
Gostastes de seguirme na partida,
Porque he cousa, Senhora, verdadeira,
Que vestida do sol, me enriquecestes,
E de meu norte estrella ser quizestes.

60

Agora sinto, Virgem delicada,
Veruos entre esta neue, & cruel frio,
Que toda a terra d'ella está cercada,
E immouel o crystal do vago rio:
Vos cursando tão aspera jornada
A pè sem que achar possa em tal desuio
O comodo de hũ bruto humilde & mãso,
Em que podesseis ir com mais descanso.

61

Sinto não ser, Senhora, tão ditoso,
Que assi como vos leuo no meu peito,
Vos leuàra de modo, que gozoso
De vos seruir ficàra satisfeito:
Meu fraco cabedal faz ser forçoso
Que vades vòs comigo d'este geito;
Que sempre a companhia da pobreza
Deslustrosa do amor faz a grandeza.

62

Sinto que o ſacro parto ſe chegaſſe,
Pois muito não tardar tenho por certo,
E que ſem ter ſocorro, vos tomaſſe
Em caminho tão aſpero & deſerto:
Imaginar que ajuda vos faltaſſe
Me poem o coração em tanto aperto,
Que menos dar a vida me cuſtàra,
Que ſentir hũa dor, que me he tão cara.

63

Não deis entrada a penas tão eſtranhas,
(Reſponde a prudentiſsima Maria)
Pois leuo a Deos guardado nas entranhas,
E vòs, que me guardais, ſois minha guia:
A a pobreza, que glorias tem tamanhas,
Sò nome de riqueza competia,
Pois depoſito ſois vós do meu ouro,
E Deos de eternos bens he o theſouro,

64

E quanto a Deos nacer, que tudo abarca,
Pareceme que a hora jà ſe chega,
Que a porto o leua já a Virginea barca,
Na qual ha noue meſes que nauega:
Porque o diuino Infante, q̃ he monarca,
Com ſeu doce clamor jà não ſoſſega;
Brada, que quer ſair, como a lúz d'alua,
Ficando eu na pureza ſempre ſalua.

65

E noue vezes trinta em ſeu dourado
Balcão ſe virão raios do ſol fino,
E do Aries de ouro ao remontado
Capricornio enuiou fauor diuino:
Deſpois que o menſageiro ſublimado
Do ſoberano Rei, que he vno & trino,
Se deſpedio de mim, & logo vnida
Ficou ao ſer mortal a eterna vida.

66

Nem he juſto que eſtranho vos pareça
Nacer em tal lugar, nelle ſer poſto,
Porque no fim da vida ſua cabeça
Não terâ mais q̃ em cruz ſeguro encoſto:
Vamos, porque elle quer que ſe conheça
Que eſcolheo lugar pobre por ſeu goſto,
Para poder deixar aos eſcolhidos
Dos bens, que eternos ſaõ, enriquecidos.

67

Aſsi andando vão & entre temores
Ioſeph ſua querida Eſpoſa anima,
E quanto o tempo moſtra mais rigores,
Tanto mais dentro n'alma ſe laſtima:
A Deos vai penetrando com clamores,
Que ſò por ſerem ſeus, tanto os eſtima,
Que ſubidos nos Ceos,tais como eſtrellas
Lhes moſtrão de Belem as torres bellas.

68

Ià, diuina Princeza, algum conforto
[Diz o ſanto Ioſeph) minha alma ſente,
Porque chegamos jà ao doce porto,
No qual deſcançareis da pena ingente:
Aqui cobrarei vida, que vou morto,
Por ver quão riguroſa & cruelmente
Vos offende eſta neue, que procura
Comvoſco competir, & fica eſcura.

69

Ià vejo a patria amada, em que o tributo
A Ceſar poderoſo ſera dado;
E a nòs de voſſo ventre o doce fruto
Liurarà do que â Adam fez o vedado:
Là teremos deſcanço, & mais conduto,
Que quatro dias temos caminhado
Com trabalho, canceira, dor, tormento,
E com tão limitado mantimento.

70

Vamonos deſuiando do ruido
D'eſta confuſa turba preſſuroſa,
Que vem pagar ao Rei cenſo deuido,
E faz eſtar minha alma temeroſa:
Que não ſei ſe entre as vozes & alarido
A confuſaõ dos brutos furioſa
Vos atropellarà, doce Maria,
Que a pê vos vai cobrindo a neue fria.

Acuda-

71

Acudamos, Senhora, aos parentes,
Dos quais, eſpero & creio com certeza,
Que moſtrarão d'Elrei ſer deſcendentes
Em nos agazalhar com grão largueza:
Se bem que neſte tempo jà as gentes
Tão cega opinião tem da nobreza,
Que cuidão q̃ ſe abatem, ſendo nobres,
Se moſtrão conhecer parentes pobres,

72

Com as plantas pizando a neue pura
Hia a Virgem cuberta de pureza,
Fazlhe verter o vento que ſe apura
Aljofar ſobre as roſas de belleza.
As azas jà deſprega a noite eſcura,
E Phebo eſtà do mar vendo a largueza,
A feia eſcuridade ſò aſsiſte
Veſtindo de temor o mundo triſte.

73

Com lagrymas Ioſeph banhando o roſto,
Que lhe eſtauão correndo d'elle em fio,
Aa porta d'hum parente eſtà jà poſto
Para ver ſe o recebe ſem deſuio:
Elle com geſto cheio de deſgoſto
Moſtrando grauidade, & ſenhorio
O gazalhado & amor, com q̃ o conforta,
Era darlhe em o roſto com a porta,

Vaiſe

74

Vaiſe o Santo com paſſo preſſuroſo
Buſcar outro no ſangue mais chegado,
O qual ſe lhe moſtrou mais riguroſo,
E motejando d'elle, & em parte irado
Andar (diz) vagabundo, & ocioſo,
Que atreuimento he deſcompaſſado
Quererdeſme afrontar com appellido,
Que nem por ſonhos tendes merecido.

75

A Virgem leuantaua a Deos o affeito,
E o coração em lagrymas vertia,
Não por ſe ver tratada d'eſte geito,
Mas pelo que Ioſeph niſto ſentia:
A elle hia raſgando a dor o peito
Por ver quanto a Senhora padecia,
Sem lhe valer ninguem, nem dar ajuda
Numa neceſsidade tão aguda.

76

Ella com a ſuaue paciencia,
Com q̃ ſempre ſofreo na vida os danos,
Cercada da puriſsima innocencia
Com que excedeo a todos os humanos,
Lhe roga que não tente a inclemencia
De parentes, que ſaõ tão deshumanos;
Que Deos, q̃ no ſeu ventre faz morada,
Socorro lhe dara, & mais pouſada.

Mas

77

Mas elle, que com ancia solicita
O comodo d'aquella a quem adora,
A casa donde hum seu amigo habita,
Se vai com confiança naquella hora:
Que como o mais difficil facilita
Do amor a amizade vencedora,
Espera nelle achar bem differentes
Respostas, das q̃ achou em seus parẽtes.

78

Sae o amigo, & traz por seu resguardo
De martas hum roupão que o enriquece
E vendo são Ioseph com gabão pardo,
Affirma que tal homem não conhece;
Andai (lhe diz) porq̃ fauor não guardo,
Senão para quem julgo que o merece,
O Ceo vos fauoreça em tal perigo,
Que sò Deos quer o pobre por amigo.

79

Bem sei que só Deos, q̃ he summa bõdade
(Lhe diz) quer por amigo o q̃ ve pobre;
Porque em elle estimar essa amizade
Diuas grandezas suas mais descobre:
Mas quem tem sò por honra a vaidade
Do ouro, em q̃ idolatra, engeita o cobre;
Que esse ouro, que a soberbas o prouoca,
Lhe diz q̃ não tem ser, se em cobre toca.

Suppost

80

Supposta esta verdade, ver quizera,
Senhora, as estalagens rodeando,
Se encontro com pessoa não seuera,
Que pode ser q̃ achasse hum peito brãdo
Vamos entre esta gente, que venera
O edicto de Cesar, & seu mando:
Para que assi fazendo em todos proua,
A nos agazalhar algum se moua.

81

Chega Ioseph illustre a huma pousada
E mostra a mais que Angelica creatura,
A quem o grão trabalho da jornada
Illustraua do aspecto a fermosura:
Diz como esta Senhora vem cansada
E se naquella casa por ventura
Acharia hum cantinho sem desuio,
Que està prenhe, & a mata o cruel frio.

82

Responde rindo o estalajadeiro:
Por certo meu irmão que tendes graça
Em vir com tal demanda sem dinheiro.
Mal sabeis vòs o que na vida passa:
Eu nunca dou entrada, sem primeiro
Me meterem na mão grande fogaça,
Nem a condição minha se enternece,
Senão com quem entrando, me diz: Ecce

Po

83

Por Deos do Ceo & terra, lhe ſupplica
São Ioſeph, que quizeſſe agazalhala,
Porque a neue tormentos lhe duplica,
Que a ella na brancura não ſe iguala:
Que bem póde fazela alegre, & rica
Neſta neceſsidade conſolala,
Com lhe dar hũ palheiro, em q̃ tempere
O rigor, com que o tempo a mata, & fere.

84

O ruſtico vilão intereſſeiro
Com alma empedernida, bruta, & fria,
Vendo que lhe não daua alli dinheiro,
Sem o qual nenhum bem fazer queria;
Da porta da eſtalagem no terreiro
Poz Ioſeph, & a ſantiſsima Maria,
Vencendo na dureza o tigre Hircano,
Que ſe os vira, ficàra mais que humano.

85

Dizendo, Amigo meu, em voſſos dias
Nunca mais por aqui façais tais idas;
Ou trazei, para achar entranhas pias,
Eſſas razões em ouro conuertidas:
Eu muito bem conheço rapozias,
E as artes de roubar ſaõ mui ſabidas;
I com eſſa, que tanto amor vos deue,
Ou viua, ou vâ morrer no frio, & neue.

Calla

86

Calla Ioſeph moſtrando em tais cõbates,
Que tem de diamante o ſofrimento,
Por quanto o mundo ſer caſa de oràtes,
Penetraua com ſeu entendimento:
Deixa das eſtalagens disbarates,
Dos amigos o deſconhecimento,
E olhando a Senhora tão ſofrida,
Lhe diz com voz em choro conuertida:

87

He, Senhora, meu peito eſtreita caſa,
Para ſentir anguſtia tão diffuſa,
E naufrago na pena que me abraſa
Entre perplexidade mui confuſa:
De lagrymas a viſta ſe me arraſa,
E chorar em tal caſo não ſe eſcuſa;
Pois vòs tendo do Ceo o penhor caro,
Na terra eſtais com tanto deſemparo.

88

Eu triſte vejo, & ſei, que por mais q̃ ande,
Não poſſo de ninguem ſer ſocorrido,
Nem acho hũ peito humano, q̃ ſe abrãde,
E ſó o meu padece enternecido:
Neſta neceſsidade, que he tão grande,
Pois que todos me tem jà deſpedido,
Determino ir buſcar as rochas duras,
Que mais ſe abrandarão, q̃ as creaturas.

Que

89

Que não ſera milagre, pois os tiros
Neſta guerra de dor, que de mim nacem,
Sendo lagrymas viuas & ſuſpiros,
Endurecidas pedras ſe abrandaſſem:
Façamos para là noſſos retiros,
Que meus ais pode ſer q̃ iſto alcançaſſem,
E ſe em peitos humanos não tẽ medras,
Pode ſer que ſinais fação nas pedras.

90

Lá fòra da cidade, junto ao muro
Me lembra que huma coua antiga auia,
Feita de hũ pedernal groſſeiro & rudo,
O qual ſeruia alli de eſtrebaria:
E poſto que o lugar he mal ſeguro,
Eſtamos em eſtado, que ſeria
Grande bem alcançar tão pobre abrigo,
Por vos não ver metida em mais perigo.

91

Vamos, q̃ entre o temor q̃ eſta alma exhala,
Hum vehemente impulſo a fauorece,
Hum reciproco affecto mudo fala,
Que de bens infinitos a enriquece:
Là, diz, me eſpera hũ bẽ, q̃ não ſe iguala
A algum dos q̃ o mortal goſto appetece;
No que ſinto de glorias examino
Ser entre os ſoberanos mais diuino.

Pois

92

Pois para là nos guia nossa estrella,
Sigamos a quem bens nos solicita,
Que o grande resplandor que se ve nella,
Em esta escuridade jà palpita.
A Virgem tão humilde, quanto bella,
A quem o frio & neue necessita,
Com são Ioseph caminha à mangedoura,
Que mais, q̃ o sol, a terra esmalta & doura.

93

Antes que a meia noite o curso acabe,
Entrão naquella escura & estreita coua,
Donde nascendo Deos, verão que cabe
Aquella marauilha, que he mais noua:
Onde verão quão bem seu amor sabe
Dar de sua fineza certa proua;
Pois em fazer alli Deos encolhido,
Mostra elle seu poder todo estendido.

94

Entra Ioseph, & vai logo traçando
Como possa abrigar a Esposa amada,
A pedra co fuzil solicitando
Sahio a chama viua desejada:
Elle contente, & alegre jà ficando,
Por ver estar a lapa alumiada,
De palma & cedro vai folhas colhendo,
Para que com o feno vão ardendo.

Foi

95

Foi numa parte alli por elle achado
Hum presepio de rocha produzido,
Em que estaua de tempo sustentado
Hum tronco escarcauado & carcomido:
O qual era lugar depositado
Para os jumentos terem seu partido,
Donde dous animais vio recolhidos,
Que sendo tais, estão enternecidos.

96

Quando no meio curso a noite entraua,
Dos olhos da Senhora scintillantes
Sahio hum resplandor, que deslumbraua
As luzes das estrellas radiantes:
Ià são Ioseph suspenso se admiraua,
Se em seruila solicito andaua antes,
E vendo tanta luz, jà se retira,
Porque parece hum sol, que frechas tira.

97

Que he isto (diz) prodigio de luz pura,
Milagre singular do que vos cria?
Que raios lançà a vossa fermosura,
Em que abrasada està minha alma fria?
Que vistes, ó bellissima creatura,
Que asi a noite escura tornais dia?
Que claridade he esta tão diuina,
Que excede a tudo quanto se imagina?

98

Que paraiso està em vosso peito,
Queme enuia tal gloria & tal fragrancia
Que achãdo jà minha alma o corpo estreito,
Suspira pella mais sublime estancia?
Não sei que tendes, mas sei q̃ o bẽ perfeito
Sò em vòs tem perfeita consonancia,
Dizeime, pois de luz estais tão rica,
Dizeime o bem que o Ceo vos comunica.

99

Vistes de algum espirito glorioso
O rosto mais diuino que o da Aurora?
Mas não; porque do vosso precioso
Hũa belleza sae vencedora:
O de Deos em seu throno poderoso
Virieis vós, dulcissima Senhora,
Que quando os Seraphins o tem cuberto,
A vossos olhos fica descuberto.

100

A copiosa luz, que resplandece,
E no meu rosto apura mais seu preço,
Pella qual vossa lingua me engrandece
E dà maior louuor do que mereço:
Querido Esposo meu (lhe diz) se creee,
Não vos deue admirar, pois o excesso,
Com que o Ceo me enriquece de fauores,
Sinaes farà em mim muito maiores.

Não

101

Não vi a Deos, como o vio Isaias
Em seu excelso throno leuantado
Mas cedo o hei de ver nas palhas frias
Tremendo em doces lagrymas banhado:
O comprimento de minhas alegrias,
Seraphico Ioseph, he jâ chegado,
E sinto o coração ser muito estreito
Para a gloria em q̃ inunda este meu peito.

102

Nem será para mim tambem piquena
A que vòs me dareis, se hũ breue espaço
A canceira alentais, & a graue pena
Procurando do sono o doce laço:
Isto que vos supplico, Deos o ordena,
Não sejais d'este bem, Esposo, escaço;
Que o pede & solicita meu desejo
Polla necessidade em que vos vejo.

103

O Santo obediente não replica,
Ainda que nos males da canceira
A vista, aquem sua alma sacrifica,
Bastara por mezinha verdadeira.
Ao longo do presepio jà se applica
Fazendo de huma pedra cabeceira,
A donde lhe vsurpou o brando sono
A posse dos sentidos, de que he dono.

104

Chegou o tempo das eternas bonanças,
E a Virgem glorioſa conhecendo,
Que aquelle bem izento de mudanças
Queria vir a terra enriquecendo;
Sobio de ponto nas bemauenturanças
Em tanta gloria a alma ſuſpendendo,
Que os Anjos admirou cõ nouo eſpanto,
E neſta admiração dou fim ao Canto,

ARGV-

MEMORIAL DA INFANCIA DE Christo.

ARGVMENTO.

Nace entre animais Deos sempiterno:
No presepio a Mãi logo o reclina;
Manda os Anjos do Ceo seu Pai eterno,
Porque lhe cantem gloria, & paz diuina.
Vão chamar com resplandor superno
O coro pastoril, que se lhe inclina.
Vem todos adorar a Deos nacido,
Por amor disfarçado, & empobrecido.

CANTO QVARTO.

O quẽ cõ furia immẽsa,& sonorosa
Nacida de hũ mimoso amor ardẽte
Lançàra a voz Orphea & deleitosa
Em estilo grandiloco & corrente,
Para cantar a historia gloriosa
De Deos do Ceo, nacido pobremente,
Que aos humanos nace feito humano,
Sendo dos altos Ceos Rei soberano!

2

Hum medroſo temor, debil, & frio
Me eſtà na vea o ſangue congelando,
Em ver meu penſamento com tal brio
Ià de hum Ceo para outro andar ſaltãdo:
Temo imitar o cego deſuario
D'aquelle que por arte indo voando
Cahio, & nome deo ao mar profundo,
Não me aconteça a mim dalo ao mundo.

3

Aguia diuina, àmado Euangeliſta,
Que no ninho do amor vos forão dadas
As azas, com que ſobre a humana viſta
Subiſtes às altezas increadas;
Empreſtaimas a mim neſta conquiſta,
Para com voſſas pennas delicadas
Começar de ſubir aonde paraſtes,
Que foi no Verbum caro, q̃ moſtraſtes.

4

Em Belem de Iudà na ſexta idade,
No mundo eſtando a paz em grao ſubido,
Ieſu Chriſto, que foi na humanidade
Pello Eſpirito ſanto concebido;
O Verbo, que em ſuprema deidade
Gerado foi do Padre & bem nacido
Do ventre de Maria ſoberano
Temporalmente nace, ſendo humano.

Cerrada

5

Cerrada a Oriental porta Phebea,
Paſſou o Rei do Ceo por meio d'ella,
Tal como por vidraça, que ſe arrea
De mais luz, quando o ſol paſſa por ella:
Qual o coração fica, que na idea
Que concebe o juizo pura & bella,
Não ſente dano algum dentro no peito,
Ficando ſaõ, parindo ſeu conceito.

6

Lançando a Virgem os raios de pureza
No Ceo com infinita fermoſura,
Na terra vio da gloria eſtar a alteza
Num corpo de cryſtal, todo luz pura:
Vio do Padre a imagem de belleza,
Engaſtada no ſer da creatura,
Vio o Verbo, que no ſeu peito aſsiſte,
Como chorando, ao frio não reſiſte.

7

De giolhos ſe poz profundamente
Adorando por terra o ſer diuino,
E com materno amor, mas reuerente
Nos braços de marfim toma o minino:
Das lagrymas o banha na corrente,
Mas não o liga ao peito cryſtallino,
Que antes de goſtar d'elles a ambroſia,
Dores quer padecer na terra fria.

8

Enuolue a ſoberana Virgem pura
Em paninhos o doce filho amado,
Almofada lhe faz da pedra dura,
E o poem no preſepio reclinado.
Ià Deos, para que Adam mude figura,
Entre dous animais eſtà lançado:
Porque em ſe miſturar com tal baixeza,
Perde elle do ſer bruto a natureza.

9

Ià o gigante Rei das fortes malhas
Vinganças riguroſas não grangea,
Mas em pannos enuolto, nas batalhas,
Em que he de amor vencido, ſe recrea:
Ià paga o que não deue poſto em palhas,
E redemida fica a culpa alhea,
Pois nellas chorar Deos com dor intenſa,
Baſta para do mal, dar recompenſa,

10

Ià de Dauid o filho nouo infante
Com çurrão & cajado aqui nacendo,
Nas guerras a ſeu pai he ſemelhante,
Pois mata ſò com funda combatendo:
Iâ com obras de amor forte & conſtante
Se moſtra tão valente acometendo,
Que por ganhar Micol, a alma querida,
Ao infernal gigante tira a vida,

11

Ià o Verbo diuino que antes era,
Que o mũdo fosse, & teue o ser primeiro,
A quem minha alma cre, & considera
Primeiro fim do mundo, & derradeiro;
Aquelle alto concepto, que Deos gera,
Concepto summamente verdadeiro,
Na lapa, a quem o vento tanto aballa,
E stâ feito Minino que não falla.

12

Ià aquelle que he lume procedido
D'outro lume, que nunca foi gerado,
De quem todos os lumes hão nacido,
Que tem a terra & Ceo clarificado,
Nas escuras da noite apparecido,
Na inclemencia do inuerno congelado,
Tendo nelle o amor tal dominio,
Que sò por padecer, nace no frio.

13

Ià aquelle alto ser, que de ab æterno
Dilatado infinito espaço esteue,
Aquelle q̃ enche os Ceos, terra, & inferno,
E tudo com seu braço só sosteue:
Aquelle omnipotente Verbo eterno,
Que todas as grandezas em si teue,
Cifrando o soberano ser diuino,
Com ser tão grande Deos, nace Minino.

Com

14

Com ſumiſſaõ proſtrada mui profunda
Diante da ſuprema immenſa Alteza
Aquella Virgem Mãi, em que ſe funda
O templo ſoberano da pureza;
Eſta que em perfeições ſem ter ſegunda,
Foi honra cà da humana natureza,
O filho aos peitos poem, q̃ geme & chora,
E humilde diz ao Pai, que no Ceo mora:

15

De tudo creador Deos increado,
Que do celeſtial paterno peito
Deſtes o Verbo à terra disfarçado,
E nella mora jà em carne feito;
Para ſempre ſem fim ſejais louuado,
Pois que ſendo o valor tão imperfeito
D'eſta ſerua, Senhor, q̃ a vós ſe humilha,
Nella obraſtes tão alta marauilha;

16

As vozes dos eſpiritos diuinos
Vos cantem repartidos em capellas,
E louuemuos os raios cryſtallinos
Da lũa, & ſol, & das eſpheras bellas:
Do dia os reſplandores peregrinos,
Da noite as luzidiſsimas eſtrellas,
A terra o fogo, o vento, o mar, o rio,
A planta, o animal, a neue, o frio.

17

Tudo, Senhor, vos louue & mais vfano
O homem, pois de vós he tão amado,
Que fizestes o sacro filho humano,
Para o fazer a elle endiosado.
E vós, fermoso Infante soberano,
Que estais na terra Deos dissimulado
Entre o frio cruel por peccadores,
Ardendo em cordeais chamas de amores;

18

Em venturosa alegre & feliz hora
Sejais à terra vindo, bem supremo,
Belleza, a qual aqui minha alma adora,
Grandeza, a que venero & de que tremo;
E ferida do amor esta Senhora,
Que fez chegar o immenso a tal estremo,
Ao extasi subio, que he mais perfeito,
Ficando Deos mamando no seu peito.

19

Là na suprema corte as Ierarquias
Festejando este bem incomparauel,
Vão dar os parabens das alegrias
A Deos no throno excelso, & admirauel:
Que hum amoroso pai nunca em seus dias
Alcança ter prazer tão entranhauel,
Como he ver seu morgado enriquecido
Em ter hum filho homem jà nacido.

20

O Anjo Gabriel, como lhe coube
Poder ter maior parte nesta gloria,
Por ser o mensageiro que bem soube
Denunciar tão milagrosa historia;
Para que mais ao filho humano louue,
Pede a seu Padre eterno por vitoria
Que deixe os Anjos todos vir à terra,
Pois todo o bem do Ceo nella se encerra.

21

O Creador alegre & apraziuel
Responde ao paranympho que o venera,
Que vão ver logo a luz inaccessiuel,
Que nas obras de amor tanto se esmera:
Que adorem sua gloria incomprensiuel,
Pois, sem deixar a rica & alta esphera,
Està numa lapinha de pobreza
Derramando do Ceo toda a riqueza.

22

Todas as legiões se lhe humilharão,
E para festejar esta alegria,
Partir para Belem logo ordenarão
Na noite que mais clara està que o dia:
De noua luz as azas esmaltarão
Com galas mais subidas na valia,
Vencendo ao bello sol na fermosura,
E a lũa argentada na brancura.

23

Em carro de crystal resplandecente,
Cujas fermosas rodas são de estrellas,
Com anaglifos de ouro reluzente,
Que mostrão mais valor estando nellas;
O esquadrão dos Anjos eminente
Vestido de mui ricas varias telas
Lançando de ouro tiros, apparece
Na lapinha que os homens enriquece.

24

A popa com decoro soberano
Trazia por docel o sol dourado,
O veo da branca lũa mui vfano
Nas grades se mostraua prateado:
Vinha com artificio sobrehumano
O doce Amor diuino debuxado,
O arco rutilante alli puxaua,
E com setas as almas traspassaua.

25

Trazião num assento d'esmeraldas
Hum bellissimo sol de diamantes,
E nelle com riquissimas grinaldas
A paz lançando luzes rutilantes:
Com seu cabello ondado nas espaldas,
Que fazia reflexos semelhantes
Ao que Delio faz, do mundo vida,
Na peregrinação sua luzida.

O carro

26

O carro com ſonoro mouimento
Seis vnicornios brancos conduzião,
Que ſem exagerar meu penſamento,
Piramides de neue parecião:
Abrem campos de luz em rico augmento
No compaſſo ſuaue que fazião,
Como os ciſnes, no rio vão cortando
Cryſtal, ſem nunca as azas ir molhando.

27

Ia entrão no preſepio ſoberano,
Adonde o Rei da gloria eſtá nacido,
Encobrindo co pobre & baixo pano
O ſeu veſtido de ouro enriquecido:
Alli vem Deos diuino eſtar humano,
E o Monarca immenſo tão medido,
Que ſendolhe do Ceo curta a grandeza,
Cabe ſò em tres palmos de largueza.

28

Vem a ſagrada Mãi com ſer donzella,
No ſeu bello Minino eſtar ſuſpenſa:
E como elle ſeus raios lança nella,
Ficalhe claridade mais immenſa:
Vem, como aquelle Deos, q̃ nacco d'ella,
Para remediar de Adam a offenſa
Padecendo o rigor do cruel frio,
Lançando eſtaua lagrymas em fio.

Vem

29

Vem na celestial pobre casinha
Em throno de ouro fino leuantada
A Caridade estar como Rainha,
De mui rica capella laureada:
O crystallino peito aberto tinha
Nelle escrita esta letra ensangoentada:
Hoje nace o Amor, que por amores,
O sangue ha de verter com crucis dores.

30

Estaua logo a Fé da destra parte
Com fortissimo escudo de diamante,
Com hũa palma na mão por estandarte,
E nella hũ arco em cruz, q̃ he triũphante:
Donde com perfeição, & com noua arte
Encrauado se via hum bello Infante,
Que para dar do amor sinal mais certo,
Do licor de rubi vinha cuberto.

31

Com circulo de letras argentadas
Estaua a laureada Cruz diuina,
Assi d'esta maneira declaradas
As verdades que a Fè ao mundo ensina:
Hoje com viuas chamas abrasadas
Amor a Deos do Ceo na terra inclina,
quer que saiba o mundo que disposto
Nace, para se ver numa Cruz posto.

De

32

De outra parte a virtude da Eſperança
E m trages eſtà alli de agricultora
Moſtrando em ſua mão com ſegurança
Huma dourada eſpiga vencedora:
E tão reſplandecente na abaſtança
A luz que ſae d'ella para fora,
Que ao reſplandor do ſol cauſa deſmaios,
Fazendo eſcurecer ſeus claros raios.

33

Com geſto ſingular & mageſtoſo
Caracteres d'eſtrellas produzia,
E neſſe reſplandor marauilhoſo
Aſsi a viſta humana ler podia:
Aquelle grão de trigo myſterioſo,
Que em terra virginal a pomba cria
Para poder o mundo ſer remido,
Iâ hoje a eſperança o dà colhido.

34

Os Anjos exalçados ſe humilharão
Adorãdo o poder, q̃ em Deos ſe encerra,
Os ſeus pès d'ouro puro lhe beijarão,
Em cuja gloria a pena ſe deſterra:
A paz, com que do Ceo alli chegarão,
Do carro triumphal a poem na terra,
E cantão com dulciſsimos accentos
Tal chançoneta ao ſom dos inſtrumẽtos:

Gloria

35

Gloria na excelſa alteza venerada
Se dè a Deos immenſo, & ſoberano;
Paz de boa vontade ſeja dada
Na terra ao mortal genero humano:
Ella no mundo tem jà hoje entrada,
Porque do mundo o principe tyrano
Da guerra, que lhe faz, ſe deſapoſſe;
Pois que jà hoje a paz tem d'elle a poſſe.

36

Das vozes a doçura & melodia,
Que a Deos no Ceo Empyreo penetraua,
As fermoſas eſpheras ſuſpendia,
Os luzidos planetas enleuaua.
Acordou ſaõ Ioſeph, o qual dormia,
Ainda que com a alma vigiaua,
Tendo no doce ſono jà ſonhado
Todo o prazer que vio ſendo acordado.

37

Vio, os olhos abrindo, o Ceo aberto,
Que diſtillaua leite & mel diuino,
Vio, ſendo noite, o ſol cõ mais concerto
Illuſtrar o Horizonte de ouro fino:
Vio naquelle lugar de tanto aperto
Eſtar o immenſo Deos, feito minino;
E vio o ſacro Apollo, que o Ceo doura,
Entre dous animais na mangedoura.

38

Vio a humilde lapa reluzindo
Ià na esphera da alua conuertida,
E nessa claridade competindo
Com a corte do Ceo esclarecida:
Vé como lhe podia ir referindo
Nome, pois que tem gloria tão crecida,
Do alcaçar soberano em que habita
A grandeza de Deos, que he infinita.

39

Vio aquella purissima creatura,
Aquella soberana & intacta rosa,
Aquella Mãi diuina Virgem pura,
Sua querida (digo) & doce Esposa:
A caridade vio na mór altura,
Ornada da coroa preciosa
Estar como senhora & alta Rainha,
Rodeada da gloria que alli tinha.

40

Vio os coros dos Anjos, que cantando
Estauão a porfia docemente,
E o tenro Minino, que chorando
Estaua, por dar gloria a toda a gente:
E vio quão claramente està mostrando
A quem dà a sentir o que elle sente;
Que chora, porque em passo semelhant
Vè tantos corações de diamante.

41

Como a Verbo do Padre ſempiterno,
Se lançou logo em terra, & o adora;
Seũ brando coração do peito interno
Em lagrymas desfeito ſalta fora:
Vai burcar o Minino & Deos eterno,
Que por tal coração de amores chora;
Que como o frio a penar o obrigue,
Buſca tão doce incendio, em q̃ ſe abrigue.

42

Chega Ioſeph com abraſado eſprito
Ao berço, que do Ceo throno parece;
E vendo tão eſtreito o infinito,
Seu peito temeroſo ſe eſtremece:
Abrazaſe em ardor tão exquiſito,
Que deſeja fallar, mas emmudece,
E neſſe não fallar, então diz tudo,
Porq̃ mais falla o amor, quãdo eſtà mudo.

43

Cos giolhos por terra em chama aceſa
A ligarſe com Deos ſua alma aſpira,
E da diuina boca de belleza
Bebe o ambar ſuaue, que reſpira:
Sente, ver que em tal bem ſua fraqueza
Parece que por debil, jà eſpira,
E ſobre o bello roſto do Minino
Em extaſi ficou de amor diuino.

44

Logo entre os esquadrões de Anjos cantores
Os que vem para nuncios, se repartem,
E para dar a noua aos pastores,
Com summa reuerencia jà se partem.
Os Seraphins, que saõ superiores,
Como de Deos jàmais nunca se apartem,
Ficão em companhia alli seruindo,
Tão diuinos mysterios applaudindo.

45

E primeiro que a noua gloriosa
Dos Anjos aos pastores fosse dada,
A Caridade interna & amorosa,
Que estaua no presepio coroada,
Espalha a voz suaue & deleitosa,
Por dar a todo o mundo franca entrada;
E de amor abrasado o peito forte,
A todas as nações diz d'esta sorte:

46

Desterrese do mundo a pena, & acabe
Nesta noite serena mais que o dia,
Pois jà naceo, quem males curar sabe,
Christo do sacro ventre de Maria:
Saiba o mundo estimar o Deos que cab
No presepio, se no Ceo não cabia,
Para que a todos caiba no estandarte
De tão larga vitoria larga parte.

47

Hoje ſe alegre o Santo, que a coroa
Aqui ſe lhe aparelha precioſa:
O peccador não tema, que o perdoa
Deos, & lhe cura a chaga perigoſa:
O Gentio ſe anime, pois lhe ſoa
A voz da Caridade generoſa,
Que com a luz do Ceo o eſtà chamando,
E para a vida eterna conuidando.

48

Ieruſalem deſerta & eſquecida
Se moſtre em tal ventura conſolada,
Pois ſó para a fazer Deos redemida,
Em o ſeu pouo vem fazer morada:
A força de ſeu braço mui crecida
Entre todas as gentes he moſtrada:
Todos os fins da terra o bem comprido
Verão no ſaluador, & Deos nacido.

49

Venha pedirlhe vida o que he jà morto,
Venha buſcar vigor o macilento,
Venha o que eſtâ perdido ter ao porto,
Venha o que fome tem, buſcar ſuſtento:
Venha o deſconſolado ao conforto,
Venha o deſalentado a ter alento,
Venha o cego alcançar a luz diuina,
E venha o pobre a lograr a rica mina.

50

Busquem todos a Deos, terão ventura,
Pois por todos se poz em tal pobreza,
Que não tem mais que numa pedra dura
A cabeça encostada por riqueza:
Busquem todos a Deos com a alma pura,
Pois seu diuino peito com largueza
A todos dá lugar nacido sendo,
E por todos despois se irá rompendo.

51

Disse isto; & Gabriel com noua gloria
Cercado de diuinos resplandores
Começa de dar parte d'esta historia
Entre milhares de Anjos aos pastores;
Os quais para alcançarem ter vitoria
Do lobo não roubar os seus penhores,
Com cem olhos, qual Argos, vigiauão
O seu querido gado, que guardauão.

52

O Anjo com a esplendida belleza,
Que faz do sol os raios eclipsados,
Entre elles se meteo com ligeireza,
E sua luz os deixa deslumbrados:
Desmaiarão-se todos por fraqueza:
Mas como erão pastores bem fadados,
A luz os esforçou, que os desmaiaua,
E d'este modo o Archanjo lhes fallaua:

Pastores

53

Paſtores, não temais, nem pauoroſos
Moſtreis acouardados voſſos peitos
Com a viſta dos raios luminoſos,
Os quais vos tem cauſado tais effeitos:
Soſſegai os aſſombros temeroſos,
Nem queirais a temor eſtar ſugeitos,
Porque vos trago aqui na noite fria
Nouas de hum grande goſto, & alegria.

54

Sabei que o Saluador vos he nacido,
Chriſto Senhor eterno, & verdadeiro
Na cidade d'aquelle Rei vngido,
Que foi, tal como vòs, paſtor primeiro:
E para que creais o referido,
Achareis hum Minino, que he Cordeiro,
Enuolto em pobres pannos humilhado,
E num preſepio alheio reclinado.

55

O Infante que eſtà neſta baixeza,
He homẽ Deos, Senhor dos Ceos & terra,
Que da terra & dos Ceos a mór riqueza
Aaquella mangedoura ſe deſterra:
Sabei que neſſa eſphera de pobreza,
Que palha de animais ſomente encerra,
Eſtâ a eſpiga, a quál ſe fertiliza
Com grãos d'ouro, q̃ amor prodigaliza.

56

Não està entre candidas estrellas,
Nem nos raios do sol tem feita a cama,
Não o cobrem do amor as azas bellas,
Sendo assi que do amor arde na chama:
Seu berço tem de palhas, & sobre ellas
Dos olhos perlas liquidas derrama,
As quais apura amor em fragua viua
Para resgate da alma que he catiua.

57

Vinde, pastores, ver a Deos nacido,
Vede o phenis de amor, que ahi renace,
Para ficar o homem renacido,
Quando seu doce peito se trespasse.
Disse; & logo ao Anjo esclarecido,
Em cuja doce voz a gloria nace,
Outro nouo esquadrão se lhe auizinha
De Anjos, que como o sol luzido vinha.

58

Desparão a diuina artelharia
De sua doce musica excellente,
A qual a Deos no Ceo a gloria enuia,
E pello ar soaua: Paz à gente.
Os pastores com gosto & alegria
Contemplando no bem que tem presente,
Determinão de ir ver logo o Minino,
Que he, cõ nacer mortal, Verbo diuino.

59

Apercebem a gaita & o pandeiro,
Poem capellas de louro, murta, & palma;
Cadaqual troca o habito groſſeiro,
Porq̃ os peitos lhe abraza ardente calma:
Com animo ſingello & verdadeiro
Ajunta pobres dões o amor d'alma,
Que com elle a pobreza offerecida
Val mais, que quantas joias ha na vida.

60

Hum leua o branco leite ſaboroſo,
Outro leuaua de ouos hum ceſtinho,
Qual o fauo de mel, que he mais goſtoſo,
E qual o variado vaqueirinho:
Qual do peito da mãi tenro & mimoſo
Arranca o recental & o cabritinho,
Qual de manteiga leua a panelinha,
E qual o coração, ſe nada tinha,

61

Olhão de huma alta ſerra a lapa rica,
Que deſparaua luzes, quais cometas,
E logo a gaita tocão, que repica,
Ao ſom da qual jà dão mil çapatetas:
Cadaqual mui gozoſo logo applica
As ligeiras & deſtras caſtanhetas,
E com ſeu bailho alegre & gracioſo
Chegarão ao preſepio glorioſo.

62

Entrão naquelle alcaçar ſoberano,
Naquella venturoſa caſa, a donde
O poderoſo Deos jà feito humano
Ao que lhe pede amor, ſò correſponde:
Adonde porque eſtà de amor vſano,
A forma de Senhor na palha eſconde,
E ſò moſtra a de eſcrauo, que vendido
Sera, por ſer o homem redemido.

63

Por entre nuuens vem o ſol, que acende
Com ſeu fermoſo raio o claro dia,
O qual com doce laço o peito prende
De ſua Mãi ſantiſsima Maria:
Vem o ſanto Ioſeph, que ſe ſuſpende
Na gloria de alcançar tanta valia,
Que ſe vè feito guarda, & theſoureiro
Do reſgate do mundo verdadeiro.

64

E vendo em Deos de amor prouas tão finas,
As offertas lhe offerecem mudamente,
Porque o Senhor das rodas cryſtallinas
Os corações conhece a toda a gente:
E oxugaõſelhe as lagrymas diuinas
Dos humildes paſtores co preſente,
E o dom que leua d'alma mais affeito
Lhe troca em alegria a dor do peito.

65

Elogo no rabil alli tocando,
Começão de fazer jogos, & danças
O ſanto Nacimento feſtejando
Com mil inuenções varias de mudanças:
Ante o Minino Deos ſaltão bailhando,
Que cos olhos lhes daua confianças,
Beijauãolhe os peiſzinhos delicados
Em deſejos aceſos namorados.

66

Neſtas branduras docemente humano
Eſtauà o tenro Infante diuertido,
Em cujo alegre roſto, & ſoberano,
Que era a ſeu toſco amor agradecido,
O coro paſtoril alegre, & vfano
Em ver a Deos de amores tão rendido,
Bailhauão com tal força ſem compaſſos,
Que querião fazer de ſi pedaços.

67

Com roncas vozes ſaõ tambem cantores,
Cujo canto ao Infante dà alegria,
Que não quer boa voz, ſenão clamores,
Quando ſabe que o eſpirito as enuia:
Viua o diuino pão, Deos dos paſtores,
Vai dizendo deuota a canção pia:
Viua o pão, que ha de dar vida goſtado,
E na caſa do pão eſtà jà nado.

Terreſtre

68

Terreſtre, humilde, pobre humanidade
Cobre tão profundiſsima grandeza,
E o Verbo neſte pão de deidade
Cuberto eſtà co veo da natureza:
Moſtra de ſeu amor a immenſidade,
Os ſublimes exceſſos de fineza,
Moſtra ſer paſtor, pão, Deos em nacẽdo,
Ao falſo Deos, q̃ he pão de dor, vencẽdo.

69

Quando crecerdes mais, doce Minino,
Vos chamareis Paſtor tão namorado,
Que o ditoſo rebanho fareis dino
De ſer com voſſo ſangue aſsinalado:
E com eſte ſinal de amante fino
Ha de ſer todo o numero contado
Das candidas ouelhas conhecidas
De vòs, por quem ſerão ſó redemidas.

70

E de paſtor, naceis jà preſumido
Soberano Senhor, porque a hiſtoria
De voſſo immenſo amor não cõprendido
Em eſte officio encerra ſua gloria:
Ià do Ceo por paſtor ſois cà decido,
E nacendo nos dais tanta vitoria,
Que quizeſtes primeiro ver paſtores,
Que foſſeis viſitado de ſenhores.

71

Como a pastor denoite vigiando
O esquadrão dos lobos là no monte,
Vos prenderà no horto derramando
Vosso gado, porque mais vos afronte:
Como pastor ao monte ireis trepando
Com capella d'espinhos nessa fronte,
E cajado, que posto sobre o hombro
Serà da terra, Ceo, & inferno assombro.

72

Tambem vos chamareis hostia, & pão viuo,
E sereis pão, pastor, Deos juntamente,
No fim mostrando amor mais excessiuo,
Pois que em nacendo o tendes tão ardẽte:
Seja pois nosso gósto mais festiuo,
E viua o saluador de toda a gente,
Que em Belem de Iudá he jà nacido,
Para deixar o mundo redemido.

73

A Virgem mãi, & seu Esposo amado
Em lagrymas se banhão de doçura
Vendo como festeja a Deos callado
O coro pastoril com tal brandura;
Que em differentes jogos occupado
Vendo do Rei do Ceo a fermosura
De sobressalto os vem tomando a alua,
Dandolhe no presepio doce salua.

74

Cadaqual com affecto enternecido,
Porque Deos pella vista o peito passa,
Lhe entrega o coração todo rendido
A seu diuino amor, brandura, & graça:
De nouo a clara luz do sol nacido
As entranhas feridas lhes trespassa:
Porque lançando os raios estendidos,
Lhes penetraua as almas, & os sentidos.

75

E beijandolhe os sacros pês sagrados,
E as mãos, com que fez tão claro o dia,
Tão cheios de fauor, quão namorados
Da luz que o bello Infante alli lhe enuia,
Em lagrymas de amor todos banhados,
Porque deixão tão doce companhia,
Partem, & não se vão, que a despedirse,
Seus corações não podem diuidirse.

76

A Mãi, que tem a alteza das altezas,
Em ter o Verbo em carne disfarçado,
Ao pai, que alcançou entre grandezas
O bem de estar com ella desposado,
As almas offerece em fogo acesas
O coro pastoril alli prostrado,
E com choro dos olhos amorosos
Hũs & outros se apartão saudosos.

Partem

77

Partem com graças n'alma accumuladas,
Cujo valor & alteza não tem preço,
As cabeças de feno coroadas
Melhor do que vierão no começo:
Alegres vão a ver ſuas malhadas
Dando louuor a Deos cõ grande exceſſo,
Anjos tambem aqui os vão honrando,
Porque os quizerão ir acompanhando.

78

E fica no preſepio a marauilha
Da noua & diuiniſsima Trindade,
Hum Deos, que eſtà enuolto na mĩtilha,
E que mamando eſconde a diuindade:
A Virgem ſua Mãi, a quem ſe humilha
A terra, & Ceo, por ſua dignidade,
O diuino Ioſeph, que ſobe a tanto.
Que he ſua alma hũ eſpirito, o mais ſanto.

79

Profundamente a Virgem conferia
Dentro no coração o que gozaua:
Os ſecretos myſterios reuoluia,
E no cofre do peito os encerraua:
O ſanto Patriarca em companhia
Com mil jubilos d'alma ſe enleuaua
Na ſoberana luz da Mãi tão pura,
E no Minino ſol da fermoſura.

Vè como

80

Vè como o liga, & aperta com abraços,
Como lhe dâ ſeu leite, & o adora,
Como lhe enlaça os ſeus tẽrinhos braços,
E elle com os olhos a namora:
Arrebatado o Santo neſtes paſſos
Paſma, enmudece, brada, ri, & chora;
Tantos poderes tem eſtes objectos,
Que cauſaõ nelle aqui varios effectos.

81

A Senhora o conuida cõ Minino,
Deſeja o Santo abrir para elle o peito,
Beijalhe o ſacro roſto cryſtallino,
Dalhe hum,& outro abraço mais eſtreito:
O candido Cordeiro mui benino
Vendo ſeu coração de amor desfeito,
Lhe moſtra no ſembrante hũ doce riſo,
E Ioſeph de prazer perde o juizo.

82

Neſtes actos diuinos, que mouião
A cubiça & inueja as Ierarquias,
E com razão na terra bem podião
Tornar em fogo viuo as almas frias;
Com outros mil prazeres que ſentião
Paſſarão ſete noites com ſeus dias,
Atè o oitauo vir, no qual ordena
O Ceo que a gloria dè tributo à pena.

Em

83

Em aquelle preſepio de pobreza,
Sem ter mais que os regalos dos paſtores,
Eſtauão ſatisfeitos co a riqueza
De ter a Deos, & nelle ſeus amores.
Aa viſta de tal bem, tanta belleza,
Eſpero, em que indigna de fauores,
O Infante me incline o ouuido ſanto,
Que o plectro afino jà para outro Canto.

MEMORIAL DA INFANCIA DE Christo.

ARGVMENTO.

Foi o dador da lei no dia oitauo
Para nos resgatar, circuncidado,
Que por isso quiz elle ser escrauo,
E o mundo com seu sangue ter comprado:
E despois de tomar o S. & crauo,
O soberano nome lhe foi dado
De Iesus, Saluador de todo o mundo,
Aquem adora o Ceo, terra, & profundo.

CANTO QVINTO.

AQuelle capitão & Cid diuino
Mais ligeiro na guerra, q̃ cometa,
O qual quiz Deos fazer com seu destino
De pastor, alto Rei, sabio propheta:
Que em perfeições & graças peregrino
Não lhe faltou ser musico & poeta,
Coujaarpa tanto ouuido penetraua,
Que o Anjo fugitiuo desterraua.

Tocando

2

Tocando com doçura este instrumento,
Em que Arion tangeo tão docemente,
Que ferido o delphim com seu accento,
De barca lhe seruio ledo & contente;
Cantaua o sabio Rei com sentimento
Nacido de hum profundo amor ardente,
A perfeição de Deos, sua belleza,
Seu poder, seu valor, & sua alteza.

3

Cantaua contemplando a fermosura
Do Ceo, do sol, da lua, & das estrellas,
A sua omnipotencia, em que se apura
O ser que elle quiz dar às cousas bellas;
Sua sabedoria immensa & pura,
Que tanto resplandece, & se vè nellas
Sua riqueza, & liberalidade,
Excellencia, grandeza, & magestade.

4

Mas o que a alma mais lhe suspendia
Neste doce instrumento, em que cantaua,
Erão as inuenções, em que a Deos via,
Quando em actos de amor o contéplaua:
Era considerar como sabia
Na primeira comedia, que traçaua,
Contente com tomar de homem figura,
E sendo creador, ser creatura.

5

Com quantas inuenções o amor traçaua
Mostraua aqui amor não cõprendido,
Pois sendo summo Rei, de aldeão entraua
Encobrindo o thesouro co vestido;
O infinito em ser, se acomodaua
Caber em poucos palmos de comprido,
Tremer de frio o fogo & estar lançado
Na terra o Deos do Ceo tão exalçado.

6

Morrer de sede, a fonte de agua viua,
O immortal, sentir mortal fraqueza,
O prazer, soluçar com pena esquiua,
Ser mais que todos pobre, a mór riqueza,
O Monarca & Senhor da gloria altiua
Nacer em a mais infima baixeza,
Estar entre animais na terra fria
A summa sem igual sabedoria.

7

D'esta comedia, em que entra Deos nacido
Representando o amante disfarçado,
Quando Dauid cantaua, suspendido
Em extasi ficaua leuantado.
D'elle para eu cantar de Deos ferido
Seja meu instrumento temperado,
Em o qual minha Euterpe com vitoria
Và modulando asi a doce historia.

Despois

8

Despois dos sete dias de alegria,
Em que nacido foi o sacro Augusto,
E as forças inuencíueis encobria
Na fraqueza mortal, Sansaõ robusto;
Chegou por bem do mundo aquelle dia
Em que a virgem Maria, & Ioseph justo
Nas almas padecerão o golpe brauo.
Que fez no corpo a Deos sinal de escrauo.

9

Foi a Circuncisaõ na lei antiga
O remedio q̃ a Abrahão Deos concedera
Contra a original culpa inimiga,
Em que agora o baptismo se venera:
Todos seus descendentes indo em liga,
Professaua qualquer alma sincera
A fè de hum medianeiro no futuro;
O qual ser Christo, a fè nos faz seguro.

10

Bem podera o Senhor omnipotente,
Como legislador da lei, liurarse,
Que estando o medianeiro jà presente,
Não lhe conuinha em si executarse:
Mas com ser Deos, achou que era decẽte
Tambem ao rigor d'ella sugeitarse,
Para de obedienecia & humildade
Dar exemplo perfeito nesta idade,

11

E porque em tão perfeita obediencia
Daúa o Senhor de si sinal primeiro,
Para se poder crer com euidencia
Que elle era o bem do mũdo verdadeiro:
Pois vendo de Abrahão ser descendencia,
Podião dar despois credito inteiro
A ser elle o Messias esperado,
Quando fosse no mundo diuulgado.

12

E como do amor o fogo actiuo
Tão interiormente o abrazasse,
Para se exagerar ostentatiuo,
Conuinha que tão cedo se sangrasse:
E porque visse o mundo o excessiuo
Desejo que elle tem, se o derramasse,
De o ver com este sangue redemido,
Pois tão cedo lho dà sendo nacido.

13

Em este venturoso & sacro dia
Sahio a branca aurora de mais galas
Deixando com prazer & alegria
O seu eburneo leito & ricas salas:
Ostentando a belleza, apparecia
Enuolta entre candidas bengalas,
Com perfeição risonha annunciando
O sol que vinha sangue derramando.

Logo

14

Logo as palreiras auęs neſta hora
Lhe cantão com prazer varios motetes,
E em quanto eſcuta a muſica ſonora,
Perlas vai ſemeando a ramalhetes:
Com ſer inuerno, manda alegre a Flora
Que eſtenda ſobre os valles ſeus tapetes,
E ſobre elles o riſo ao ſol roubaua,
E mil cachos de aljofar diſtillaua.

15

Com eſta adulação a todos grata
O cabedal das fontes vai tentando,
Ellas cordas lhe dão de ondoſa prata
De cryſtal hũas citharas formando:
A corrente de todas ſe deſata
Armonioſamente vai ſoando,
Moſtrando neſte dia mais primores,
Aues, aurora, plantas, fontes, flores.

16

Caminha a precurſora reluzente
Da maior luz q̃ a quarta eſphera mora
Guiada do farol reſplandecente
Acorda a imperial Maria aurora:
E deſpertandoa dizlhe: O ſol ardente
Eterno de juſtiça quer neſſa hora
Com ſangue ſeu em gotas diſtillado,
Fazer o mundo todo reſtaurado.

17

Logo os olhos abrio, & deſpertando
Em ſeu celeſte peito alabaſtrino
Sentio que o doce leite eſtà mamando
Mais apreſſadamente o Deos Minino:
Que como neſte dia acreditando
Ficaua em verter ſangue, o amor diuino,
Queria que co leite ſe augmentaſſe,
Porque mais cantidade derramaſſe.

18

Banhandoſe na luz tão glorioſa,
Que reluz em o veo do Infante humano
Pergunta ſaõ Ioſeph a ſua Eſpoſa
Nos peitos tendo a Deos, q̃ mama vfano,
Se conſente na força laſtimoſa
De ver ferido o filho ſoberano,
Se em Deos ſe ha de cõprir eſte preceito,
Eſtando por amor jà carne feito.

19

A Virgem glorioſa, que ſabia
Iâ pello embaixador eſclarecido
Que eſta era a ordenação q̃ Deos queria,
Aquem tinha o querer ſempre rendido.
E que o filho, Ieſus ſe chamaria,
Nome que deixa o mundo enriquecido
De ſaluação, de luz, de graça & glori[a]
De vida, de alegria, & de vitoria;

Diſſ[e]

20

Disse, que como o Padre omnipotente
Com seu alto saber tinha ordenado,
Que para enriquecer a humana gente
Fosse o Minino Deos circuncidado;
Ella se lhe rendia obediente
Com coração de dores traspassado,
Porque a pena, que ao filho ameaçaua,
Ià nella seu rigor executaua,

21

E dado que se pinte de ordinario
Assistir a Senhora a este officio
Leuando no seu peito, qual sacrario,
O celeste Minino ao sacrificio:
Outros de parecer saõ bem contrario,
Que como de humildade daua indicio,
Affirmão que a Senhora não saisse
Antes que a lei seu prazo permittisse.

22

Que ainda que era templo de pureza,
E mais que o sol ficou diuina & pura,
E a lei não sugeitaua tal limpeza
A seu rigor forçoso na clausura:
Obedecerlhe quiz com inteireza,
Por encobrir a toda a creatura
A graça, & perfeição marauilhosa
De sua vida santa & milagrosa,

Despe

23

Deſpe a Mãi o Minino precioſo,
E com diuina viſta vé diſtintos
Em ſeu celeſtial corpo fermoſo
De hum mar de leite & roſas labyrintos:
Vio naquelle prodigio milagroſo
Ao torno fabricado de jacintos,
Ser ſua fermoſura apetecida
Só para a adoração, que lhe he deuida.

24

E contemplando ver hum mar de penas,
Aquelle tão fermoſo, quão querido
Corpoſinho de niueas açucenas
Ao amor dos homens tão rendido;
Solta hum golpe de lagrymas ſerenas,
Das quais o brando filho enternecido,
A inda que palauras não formaua,
Com amoroſos olhos lhe fallaua,

25

Nem o Geminis tanto eſtreita os laços,
Nos Ceos (ſe compararſe aſsi podião)
Como do filho aqui mudos abraços
O collo, que he marfim, da mãi cingião:
Seu nutricio Ioſeph o toma em braços,
Deſpois que vio quão prodigas ſahião
As lagrymas, com q̃ ella o laua & penſa,
Para ſer circunciſo ſem detença.

Tal

26

Tal qual ao ſol a candida açucena
Fica logo caida & desfolhada:
Aſsi deixa o rigor da ardente pena
A Virgem ſem ſeu filho demudada:
Auſente ſua luz clara & ſerena,
De ſombra triſte & eſcura eſtà cercada,
Na lapinha ficou com penas viuas
Rodeada de dores exceſsiuas.

27

Ioſeph caminha de ancias rodeado,
Que ainda que deſeja o bem humano,
Intimamente ſente ver ſangrado
O doce & amoroſo pellicano.
Ià chega à Synagoga, & nella entrado
Deſcobre o bello Infante ſoberano,
Que todos quantos vem ſua belleza
Por hum milagre a tem da natureza.

28

E como elle he de Deos aio precioſo,
Começa de o deſpir mui reuerente,
Encolheſe o Minino jà medroſo,
E com elle ſe abraça internamente;
O miniſtro por força riguroſo
Na mão toma o cutelo diligente,
O diuino Ioſeph a Deos lhe entrega,
E com fontes de lagrymas o rega.

Hum

29

Num golfo de martyrios naufragaua,
Pois na idea jà dos pensamentos
O golpe que elle em Deos representaua,
O afogaua em ondas de tormentos:
O Cordeirinho manso soluçaua,
Dizendolhe com mudos sentimentos,
Que nos braços paternos o merecesse,
E naquelle tormento lhe valesse.

30

E nelles, que saõ laços amorosos,
Que tomaua o Minino por escudo,
Feitos seus olhos rios caudalosos,
O trespassa o cruel cutelo agudo:
Teue aqui Deos tormentos anciosos,
E o santo Ioseph de pena mudo
Tanto do rosto a cor hia perdendo,
Que ficou hum defunto parecendo.

31

De sangue o sacro corpo seu tingiose,
Que da ferida vem, como corrente,
Ao collo do pai com dor cingiose
Ligandose com elle estreitamente:
O piedoso Santo a elle vniose;
E para aliuiarlhe o mal que sente,
Lhe diz estas palauras, que saõ tiros
Que lança dentro d'alma cos suspiros

Refri,

32

Refrigerio das almas affligidas,
Doce aliuio dos peitos laſtimados,
Conſolação das lagrymas vertidas,
Prazer dos corações anguſtiados,
Pois quereis padecer, porque as feridas
Crueis & riguroſas dos peccados
Poſſaõ com voſſas dores ter vitoria,
Para que chorais tanto, minha gloria?

33

Se agora, ò vida minha, hum ſò enſaio
Da morte, porque Adam tanto ſuſpira,
Vos deixa o coração com tal deſmaio,
Que do peito o vigor moſtra que eſpira:
Que ſera quando aquelle ardente raio
De voſſo viuo amor em mares de ira
Vos engolfe, para que naufragando
Vos anegueis, porque eu me và ſaluando?

34

Se por gotas de ſangue precioſas
Derramais tantas lagrymas em fio,
Que ſera, quando as veas ſequioſas
Vos fiquem, pollo ter lançado em rio?
Que ſera quando as chamas amoroſas
De voſſo immenſo amor, ſem ter deſuio,
Derrame d'eſſe corpo tranſparente
Por cinco fontes viuas a corrente?

35

Ai, filho de minha alma, quem podera,
Por defender a voſſa, dar a vida!
Mas ſò de vós tal bem o mundo eſpera,
Que ſó podeis ſaluar gente perdida:
Neſta contemplação da morte fera
Polla culpa de Adam voſſa homicida
Martyr eſtou jà feito no ſentido,
E martyr em vos ver eſtar ferido.

36

Aſsi contempla o martyr ſoberano,
Pois o foi no deſejo padecendo,
Quanto Chriſto ſofreo no corpo humano
Cá neſte ingrato mundo, vida tendo:
Que ſeu ardente amor, doce tyrano
Os ſentimentos d'alma combatendo
Lhe fez ſentir na vida dilatada
A morte, que Deos teue, abbreuiada.

37

Na corrente das perlas precioſas,
Que a dor d'eſta ferida lhe vertia,
Eclipſadas as luzes luminoſas,
Brada Deos que lhe acuda hũa alma fria:
Com lagrymas dos olhos amoroſas,
Que dos mudos ſaõ linguas, lhe dizia:
Vinde alma, q̃ vos chamo cõ clamores,
As primicias colher de minhas dores.

38

Vinde com diligencia pressurosa,
E acharmeeis hum mercador posſante;
Por vos comprar, qual pedra precioſa,
Ià de meu ſangue dei ſinal baſtante;
Para deſpois da feira vagaroſa
Reſgataruos com mão tão abundante,
Que leue meu theſouro de contado,
O qual jà tenho aqui deſembolſado.

39

Com liquidos rubìs, prendas tão certas
Vos empenho a palaura, como amante,
De verdes nas entranhas deſcubertas
No fim de minha vida o ardor flamante:
Que então por cinco mil portas abertas
Sairà todo o fogo coruſcante,
Que com tanto rigor me tem ferido,
Vendome de oito dias ſó nacido.

40

Ainda que o rigor d'eſta ferida
Me derrame dos olhos perlas frias,
Tanto deſejo veruos redemida,
Que jà quizera as veas ver vazias:
Eſte deſejo ardente, alma querida,
Me faz derramar ſangue de oito dias,
E por vòs neſta idade jà morrera,
Se em trinta ãnos & tres mais não ſofrera.

Baſtàra

41

Baſtàra huma ſò lagryma amoroſa,
Para ſerdes com ella reſgatada,
Que qualquer gota d'eſtas precioſa
He com preço infinito aualiada:
Mas pede a redempção tão copioſa
O amor, com que fois de mim amada,
Que abrazandome em ſua ardente fragua
Faz que por vòs derrame ſangue & agua.

42

E quiz chegarme a tranze tão forçoſo,
Fezme por voſſo bem tão humilhado,
Que ſendo Deos eterno & glorioſo,
Hoje por peccador ſou reputado;
Que caſo pode ſer mais portentoſo,
Que auer em mim ſinal de auer peccado?
E que ſugeito à lei ſeja ferido,
Como ſe fora em culpa concebido?

43

Alma, ſe minha carne immaculada
Com pena deſigual, & dor ardente
Quiz que foſſe por vòs circuncidada,
Sendo tão delicada, & innocente:
Foi, para que ficaſſeis libertada
Da lei, que fere o corpo agudamente,
E deſterrando os vicios de voſſa alma,
De vida & gloria eterna alcanceis palma.

Deivai

44

Deixai do velho Adam a veſtidura,
Pois do ſangue de Chriſto eſtais veſtida;
Que ſó eſta diuina cubertura
Vos pode fazer ſempre enriquecida:
Meteiuos neſta chama ardente & pura,
Ficareis como phenis renacida;
Vntai com eſte ſangue voſſos olhos
Feridos de crueis duros abrolhos.

45

Com o licor vertido d'eſtas veas,
Alma, purificai eſſes ouuidos
Aas enganoſas vozes das ſereas
Com tanta perda voſſa tão rendidos:
Olhai que ſe no canto ſaõ Orpheas,
He ſò por encantar voſſos ſentidos,
Para que fiquem cegos & enganados
Do mais alto rochedo deſpenhados.

46

Goſtai d'eſte licor tão deleitoſo,
Para que a ſuſpenſaõ doce vos traga,
Deixando o goſto falſo & mentiroſo,
Que eſſa vontade tanto vos eſtraga:
Eſte balſamo rico & precioſo
Ponde na perigoſa mortal chaga,
Que vos cauſarão culpas offenſiuas
Dignas de recompenſas exceſsiuas.

47

Alma, que sois de Deos viuo retrato,
Estimai vosso preço tão subido,
Pois tão caro custais, não deis barato
O amor, que em rigor me he só deuido:
A dureza abrandai do peito ingrato,
Iá que por vós tão cedo estou ferido,
E a pena, que me causa esta sangria,
Vereis logo trocada em alegria.

48

Como aquelle Senhor, que num supposto
Vnio diuina & mortal natureza,
Foi ferido pollo peccado opposto,
Que as almas faz cair na profundeza;
Tratarão que lhe fosse o nome posto
Que era mais competente à tal grandeza,
O qual saber alli logo procura
O ministro, a quem cabe esta ventura.

49

Como Deos a Ioseph tanto engrandece,
Que lhe deo as feições da prenda cara,
Que com seu Padre eterno se parece
Na summa sem igual belleza rara;
Muito justo ao ministro lhe parece,
Que pois no parecer tanto declara,
Ser seu filho o Infante lhe outorgasse,
Que assi Ioseph, como elle, se chamasse.

Nome

50

Nome que significa crecimento
De perfeições & dotes inauditos,
Iesus, (Ioseph lhe diz) q̃ em rico augmẽto
Aas almas ha de dar bens infinitos:
Iesus se deue a seu merecimento,
Nome, que tem valores exquisitos,
Nome, que antes do Verbo concebido,
Foi do Ceo pello Anjo foi trazido,

51

Iesus seja seu nome deificado,
(O ministro lhe diz) & triumphante
Fique, como o que teue o sol parado
Enfreando seu curso rutilante:
Engradecidamente celebrado
Vejais este minino, & tanto auante
Va, que sendo nas graças sem segundo,
Chegue a ser Saluador de todo o mundo.

52

A penas là no Olympo luminoso
Foi ouuido o mellifluo eco amauel
Do nome de Iesus marauilhoso,
Sobre todos os nomes admirauel;
Quando no Ceo Empyreo glorioso
Com gloria & alegria inexplicauel
Os bellos noue coros se prostrarão,
E todos de giolhos o adorarão,

53

Dos graues inſtrumentos afinando
O diuino concento & armonia,
A ventura do mundo feſtejando
Querem cantar com doce melodia:
O jubilo ſuaue eternizando
D'eſte ſuperno nome de alegria,
Aſsi para mouer aos peccadores,
Em mil canções lhe dão eſtes louuores.

54

A gloria ſobre todas verdadeira
Se dè a eſte nome engrandecido,
Que he vida da alma, aliuio da canceira,
Torre do fraco, porto do perdido;
Norte do que ſe perde na carreira,
Perdão do peccador arrependido,
Saude do que ſente mal no iuo,
E certa liberdade do catiuo.

55

Nome, em que o Padre eterno ſe recrea,
Que illuſtra o Ceo de gloria & fermoſura,
O qual ſeu filho tem por boa eſtrea,
Porque com elle ſalua a creatura:
Nome, que faz fugir a morte fea,
E com ſeu ſangue puro ſò procura,
Para o mundo remir, fazerſe eſcrauo,
Tomando em ſi de Adam o S. & crauo,

Nome

56

Nome de preço immenſo, & infinito,
Que poem paz amoroſa na diſcordia,
E deſtrue o cruel geral delito.
Que deſtruio a vida da concordia:
Nome ſupremo, eterno, & inaudito,
Nome, que quer dizer miſericordia,
Nome, que o Padre eterno por ſi cifra,
E de todos ſeus nomes he a cifra.

57

He oliueira fertil & abundoſa,
Que faz com ſeu licor a terra rica,
He ſobre a fermoſura, mais fermoſa,
Porque ſua belleza Deos lhe applica:
He infinitamente fructuoſa;
Porque com dões as almas fructifica,
E tem poder & graça tão ſublime,
Que co ſeu oleo o mundo ſe redime.

58

He vnguento diuino derramado,
Porque para ſaluar o mundo que ama,
Tem todo ſeu valor comunicado,
E ſem termo nas almas ſe derrama:
He forte eſcudo, & muro torreado,
Que faz tremer o inferno a ſua fama,
No qual a alma affligida ſe defende,
Quando ſeu inimigo mais a offende.

59

Ieſus he para a boca mel ſuaue,
Para os ouuidos doce melodia,
Para o peito prazer na dor mais graue,
Que o peccado tyranno nella cria:
Elle faz que o tormento não aggraue
A quem em ſeu auxilio ſò confia,
E ſó em eſte nome tão jocundo
Cabe ſer ſaluador de todo o mundo.

60

Aſsi lhe dão os Anjos doce ſalua,
Aſsi o celeſtial Reino feſteja
O nome de Ieſus, o qual nos ſalua,
Dà vitoria na mais mortal peleja;
Tambem a eſte ſol, que naceo da alua,
Para que alumiado o mundo ſeja,
Toda a humana maquina terreſte
Proſtrandoſe lhe deo louuor celeſte.

61

E feſtejando o bem da creatura
O filho de Latona com mil cores,
Os campos eſmaltou de fermoſura,
O inuerno veſtio de reſplandores:
Zephyro deo aſſopros de doçura,
Cloris moſtrou nos campos mil primores,
Pomona fez effeitos milagroſos,
Dando em Ianeiro frutos ſaboroſos.

Elàno

62

E là no limbo as almas que em cadeas
Auia tantos seculos estauão
Rodeadas de tristes sombras feas,
Pois sò treuas escuras apalpauão;
Quando estando de glorias tão alheas
O nome de Iesus doce escutauão,
Em nouas alegrias influidas
Por terra o adorarão suspendidas.

63

Adorão a singular doce esperança
De sua desejada liberdade,
O rico Iris de paz, que o fim alcança
Da turbulenta & forte tempestade:
O premio em que funda a confiança
Seu martyrio de dor, sem piedade,
A vitoria que acaba sua guerra,
O refugio que a pena lhe desterra.

64

Na tartarea prizão, & lago auerno
Dando gritos mortais com graue susto,
A caterua abrazada em fogo eterno
O giolho inclinou ao nome Augusto:
A terra, o inferno, o limbo, & o Ceo super
Cõ deuido respeito humilde & justo (no
Ao nome de Iesus dão gloria & palma,
Esculpindo o Ioseph dentro em sua alma.

65

E despois que com arte soberana
Foi padrinho do Verbo disfarçado,
Que por remir a geração humana,
Iesus, q̃ he Saluador, quiz ser chamado;
Nos braços toma ao neto de santa Anna,
Ao enfermo de amor, que està sangrado,
E que sabe causar males de amores,
Que se curão com rosas, & com flores.

66

De toda aquella gente despedido
Se parte cuidadoso, & diligente,
Porque o Minino Deos, ceruo ferido
Dos peitos virginais busque a corrente.
Suspira a Virgem Mãi por seu querido
E pollo infinito amor que sente,
Cada instante mil annos lhe parece,
Em que lhe tarda o bem que a enriquece.

67

O coração no peito lhe não cabe,
Em perolas diuinas se derrama,
Tanto sente esta ausencia, que não sabe
Senão chorar, ardendo em viua chama.
Teme a Virgem que a vida se lhe acabe,
Se mais tardar o filho que tanto ama,
Achando hum só breuissimo momento
Mais largo, que mil annos de tormento.

Chega

68

Chega Ioſeph co filho ſoberano
Laſtimado da dor da auſencia braua
D'aquella que lhe deo o ſer de humano,
Quando diſſe humilmente q̃ era eſcraua;
Mais veloces que o vento fero & inſano
São ſeus paſſos: que a dor q̃ a moleſtaua,
Não ſó faz que depreſſa và andando,
Mas poemlhe azas nos pés, para ir voãdo.

69

Traz ao nouo galante namorado
Do campo da batalha, em que a ferida
Recebeo em ſeu corpo delicado,
Porque rondando andou ſua querida:
Traz o que neſſa dor foi enſaiado,
Para que andando o tempo, lhe dè vida,
Com ſer elle ferido de tal ſorte,
Que o golpe que o ferir, ſeja de morte.

70

Chega Ioſeph com peito enternecido,
E na diuina Eſpoſa os olhos prega,
Que com ſeu reſplandor eſclarecido
Caſtamente lhe deixa a viſta cega:
O Santo a nouo pranto reduzido,
O Minino Ieſus logo lhe entrega:
Ella o toma nos braços anciada
Da ferida do filho laſtimada.

71

Tão grandissima pena foi sentindo,
Que os suspiros à lingua atropellauão,
Aos olhos palauras reduzindo
Riquissimos aljôfares lançauão:
As lagrymas que estaua despedindo,
Mais num momento sô significauão,
Do que em largos espaços comprenderão
Quantas razoẽs por arte se disserão.

72

Quanto mais via o corpo sacrosanto
Esmaltado do sangue que o tingia,
Tanto mais alargaua a redea ao pranto,
E desfazerse nelle, parecia:
Seu abrazado amor chegaua a tanto,
Que as lagrymas diuinas que vertia,
Desejaua tornar em mantimento,
Para com ellas dar ao filho alento.

73

Desafogado jà seu brando peito,
Donde a chama celeste mais se afina,
Scintillando qual raio, viuo affeito
De fogo, que entre as lagrymas fulmina:
Olhando para o bello & lindo objeito,
Que cifra a perfeição toda diuina,
Lhe diz nos sacros pés d'ouro fermosos,
Consagrando seus beiços gloriosos:

Centro

74

Centro de meu amor, minha alegria,
Aliuio de minha alma, meu querido,
Bem de meu coração, luz de meu dia,
Deleitoso prazer de meu sentido;
Rico emprego de minha fantasia,
Refrigerio de meu peito ferido,
Doce satisfação de meu desejo,
E lume d'estes olhos com que vejo;

75

Quanto o affecto orador nestes luzeiros
Me falla, sem que a lingua articulando
Possa significar quanto os primeiros
Erros vos vão, meu filho, penetrando:
Os gemidos que dais tão verdadeiros,
São mudas vozes d'alma, que mostrando
Estão d'esta ferida a inclemencia
Com natiua rhetorica eloquencia.

76

Vossas ardentes lagrymas referem,
Que por meterdes paz na guerra errante,
Meu Cordeiro amantissimo, vos ferem
Para que seu triumpho o homem cante:
D'estas candidas perolas se inferem
As finezas de hum Deos minino amante,
Que tão cedo quiz ter mortais desmaios,
Para da maior dor tomar ensaios.

77

Quem vos rasgou, meu filho, o veo natiuo,
Com que nestas entranhas foi cuberto,
Vosso rico thesouro ostentatiuo,
Para o poder do amor, ser descuberto?
Ai, amado Iesus, com que excessiuo
Rigor, da culpa fera o desconcerto
Vos rasga a veste candida & luzida,
E me atrauessa a mim nessa ferida!

78

Ai, como vossa Mãi chorando escuta
A voz que a fè afina, com que clama!
Que a fera que foi vomito da fruta
Que mal logrou Adam, fez esta trama:
Esta rasgada veste lhe tributa
Não alheio licor, se não derrama
Nella em ricos rubìs hum mar vndoso
De vosso sacro sangue precioso.

79

Esse licor que tendes derramado
Não tal como o de Abel, justiça pede,
Mas com vozes ao Ceo que està irado,
Pollo bem dos humanos intercede:
Com elle vera cedo Adam riscado
O processo, em q̃ a culpa a pena excede;
Com vosso sacro sangue, bello Infante,
Ha de romper os Ceos de diamante.

Gloria

80

Gloria do ſoberano & alto coro,
E por amor dos homẽs feito eſcrauo,
O cutello que aſsi vos cauſou choro,
A mim atraueſſou mais fero & brauo:
Se vós, filho, chorais, eu tambem choro,
E tiuera por goſto & não aggrauo,
Que eu a dor padecera, & o tormento,
E que ficaſſeis vòs da dor izento.

81

Nos meu braços eſtais, Minino bello,
E no meu coração, que he branda cera,
Nunca mais filho meu, eſte cutello
Ha de tornar a vós com ponta fera:
Não queirais, minha vida, jà temello
Porque a mim ſò me offendera ſe viera,
Que não ſofrerei eu, doce Minino,
Que vos torne a raſgar o veo diuino.

82

Porem d'eſſe veo roto cruelmente
Ha de fazer ſuprema veſtidura
Quem là do Cherubim a eſpada ardente
Vio, quando perdeo da alma a fermoſura:
D'elle eſcudo farà permanecente,
Ficandolhe a vitoria mui ſegura,
Quando a ira de Deos temida & forte
Contra elle deſparar ſetas de morte.

Ai, meu

83

Ai, meu doce Iesus, de amor ferido,
Nome que salua o homem, & o redime,
Nome que custa o sangue a Deos nacido,
Para que Ceo & terra mais o estime:
Nome de graça & gloria enriquecido,
E nome sobre todos mais sublime,
Nome, a que Latria só se deue,
Reduzindo o eterno a summa breue.

84

Cesse o prodigo pranto que atormenta
Meu coração esphera de amor puro,
Pois naufragastes já nesta tormenta
De tanta pena & dor o pego escuro:
Se esta amorosa mãi, que vos alenta,
He, filho, para vòs porto seguro,
Tomai saido já d'esse naufragio
D'estes maternos peitos o sufragio.

85

O Minino do golpe inda medroso
Nos crystallinos peitos enlaçado
Esconde o bello rosto lagrymoso,
E encolhe o lindo corpo delicado:
Adormeceose brando & amoroso
Mamando o doce leite deificado,
A Virgem suspendeo o largo pranto,
E eu neste repouso deixo o Canto.

ARGV.

MEMORIAL DA INFANCIA DE Christo.

ARGVMENTO.

Dos tres santos Reis mages adorado
Foi o Minino Deos aos treze dias,
Enriquecidos does lhe tem leuado,
Como nos diz a fé das prophecias.
No templo pella mãi apresentado,
Festejão Simeão com alegrias,
E para Nazareth torna a Senhora
Com sãt Ioseph, & o filho, aquem adora.

CANTO SEXTO.

Querédo elRei Assuero augustamẽte
Ostentar seu poder, sua grandeza,
Quiz entre innumerauel varia gẽte
Magnificar a copia da riqueza:
Fez para proua d'ella hum excellente
Conuite de tão grande realeza,
Que ainda que a fama, de outros cante,
Não ouue outro no mundo semelhante.

2

Porque o raro concerto peregrino
Do ſeruiço, o primor das cortezias,
Os precioſos vaſos de ouro fino,
A riqueza & ſabor das iguarias,
O licor de Lyeo, que deſatino
Cauſa com ſuas falſas alegrias,
A muſica, o applauſo, o apparato
Era da perfeição viuo retrato.

3

Eſta magnificencia grandioſa,
Que tanto ſeu valor eternizaua,
A prodiga abundancia apparatoſa,
Com que de tudo a todos contentaua,
Eſcurecia a fama mais luſtroſa,
E a memoria eterna ſepultaua
De todos os humanos, que em largueza
Ficarão immortais na redondeza.

4

Sucedeo (como conta a ſacra hiſtoria)
Que a Rainha Vaſthi eſpoſa cara
D'elRei, da qual a fama faz memoria,
Por ſer dotada de belleza rara:
Tambem por oſtentar mais ſua gloria,
Que com mão liberal ſe faz preclara,
Outro conuite illuſtre às damas dando,
Foi ſeu nome na terra eternizando.

Quiz

5

Quiz o monarca grande pòr o sello
A tudo quanto alli jà feito tinha,
Que todos dessem fè do rosto bello
Da que por fermosura foi Rainha.
Que o collo de alabastro, & o cabello,
Em que preso de amores amor vinha,
Deixasse a quem o visse o lume cego,
E todos festejassem seu emprego.

6

Logo a mandou chamar pellos senhores
De seu Reino com pompa, & magestade:
Mas ella vsando mal de seus fauores,
Lhe desobedeceo com liberdade.
ElRei considerando os desprimores,
Com que lhe respondeo, sem piedade
Deo sentença contra ella, & foi de sorte,
Que a priuou de Rainha, & de consorte.

7

Em seu lugar foi logo recebida
Com titulo real Hester fermosa.
Não menos que Vasthi, & mais querida,
Porque soube ella ser mais venturosa:
Medrou por ter o bem de agradecida;
Porque a ingratidão he tão danosa,
Que o coração de cera de hum amante
Conuerte na dureza de diamante.

8

Aquelle Deos eterno, omnipotente,
O Senhor da ſuprema monarquia,
Outro conuite fez mais excellente,
No qual ſe deo a ſi por iguaria:
Quando ao humano ſer, liberalmente
Com quantos attributos comprendia,
Sua diuina eſſencia foi vnida,
E quiz nacido ſer na mortal vida.

9

O qual co a Synagoga deſpoſado
Neſte dia de ſuas alegrias
No portal de Belem acompanhado
De altas & ſoberanas Ierarquias,
Para ella o ir buſcar lhe dâ recado
Pellas vozes das ſacras prophecias,
Que o queira ir adorar, não ſendo auara,
E que moſtre o valor, de que a dotara.

10

Ella, que por ſeu dano ſe aconſelha
Com ſua ingratidão endurecida,
A deſobedecerlhe ſe aparelha
Perdendo niſſo a gloria prometida:
Que quem pegar não ſabe da gadelha,
Com que a occaſião veloz conuida,
Necio calua a achará ſe a deſpreza,
Não podendo deſpois fazerlhe preſa.

O Aſ-

11

O Assuero eterno, & soberano,
De quem este terreno foi figura,
Sentindo o desamor brauo, & tyrano
Da Synag⁻ga necia, ingrata, & dura,
A deixa, como a Vasthi, por seu dano,
Quando chegou com elle a tal ventura,
E a coroa deo a Hester fermosa,
Que he a gentilidade, sua esposa.

12

A qual jà là da Arabia peregrina
Tão abundante em ouro, myrrha, incenso,
Vir ver seu doce esposo determina,
Em tres Reis transformada por extenso.
Aqui do sacro Apollo a voz diuina,
Que o mundo admira, & faz ficar suspẽso,
Inuoco, para que este alto portento
Cante com modulante & doce ascento.

13

No dia, em que as portas de diamante
Abrio o Ceo, que estaua endurecido,
Que foi là quando Christo Deos amante,
Para nos redemir, quiz ser nacido,
No Oriente aurifero, & distante
(Como a verdade affirma, & he sabido)
Appareceo a todos hũa estrella
De noua luz, & mais que todas bella.

14

Aqual era huma eſtampa clara & pura
D'aquelle ſol diuino, que nacia
Para o mundo liurar da ſombra eſcura,
E morte do peccado, em que viuia:
Deſcobria naquella fermoſura
Dos rutilantes raios que eſtendia,
Aquella immenſa copia de fauores,
Com que enriquecer vinha peccadores,

15

Morauão neſſas partes do Oriente
Tres ſabios de tão grande preminencia,
Que por Reis erão tidos geralmente,
Dotandolhe o ſaber eſta excellencia:
Que nos tempos dourados entre a gente
O que ſe auantejaua na ſciencia
Chegaua a terlhe o pouo tal reſpeito,
Que por Rei entre todos era eleito.

16

Os quais com ſeu juizo illuſtrado
De Balão virão ſer eſta a eſtrella,
Aqual tinha tambem prophetizado
A Perſica Sibylla ſabia & bella:
Lembroulhe Iob, que no tempo paſſado
Largamente em Arabia tratou d'ella,
E virão ſer o tempo jà comprido,
Em que eſperauão ſer Chriſto nacido.

Suſpenſos

17

Suſpenſos neſte raio, em que ſe afina
A maior luz, que a fama exageraua,
Em ſeu circulo d'ouro que illumina
Toda a eſphera, hũ minino vem q̃ eſtaua:
Hũa cruz de ouro puro mui diuina
A ſagrada cabeça lhe adornaua,
E elle em perfeições & graças puras
Excedia altamente as creaturas.

18

Contemplando naquelle immenſo lume,
Que as venturoſas almas lhes recrea,
Ouuirão huma voz là do alto cume,
Que lhes diſſe: Ide, Sabios a Iudea:
Vereis fòra do natural coſtume
Veſtir Deos immortal mortal librea,
E o Rei, que de riqueza a todos cobre,
Eſtar nacido ahi num portal pobre.

19

Sendo da voz diuina conduzidos,
E da fermoſa eſtrella radiante,
Apercebem ſeus dões, foros deuidos
Ao Rei na grandeza, mais poſſante:
Ià ſobre dromedarios vão ſubidos
Mais velozes que o vento ſibilante;
E na eſcura noite, & claro dia
A eſplendente eſtrella ſempre os guia.

20

Como nos dromedarios vão voando,
Chegarão a Iudea em breues dias;
A estrella se foi logo ausentando,
E d'elles desterrou as alegrias.
Vai o Saber eterno asi traçando
Por suas soberanas & altas vias,
Que não cõprẽde o humano entendimẽto
Dar ao mundo de si conhecimento.

21

Porque a luz de seu norte vendo ausente,
Procurassem saber com diligencia
Em aquella metropoli da gente,
Donde Ierusalem tinha existencia,
Em que parte nacera Deos patente,
E tendo do mysterio a euidencia,
Nunca os Hebreos podessem ter disculpa
Nesta falta de fè, que tanto os culpa.

22

Onde (dizem os Reis) que isto inquirimos,
Mora o Rei dos Iudeos, que he jà nacido,
Que sua estrella no Oriente vimos
Com resplandor fermoso, & mui luzido?
Com amor, & vontade nos partimos,
Tanto que este sinal foi conhecido,
Com nossos doẽs viemos visitallo,
Seruillo humildemente, & adorallo.

Toda

23

Toda a gente ſe admira, & toda nota
Virem Reis com amor tão ſem ſegundo
De terra tão longinqua, & parte ignota
Viſitar outro Rei a eſtranho mundo:
Entre todos o caſo ſe denota;
Herodes ſe alterou logo iracundo,
Porque bebendo o alento que reſpira,
A inueja goſtou, veneno, & ira.

24

Com elle, que ſe abraza em viua chama,
Tambem a turba multa jà ſe altera,
Dos ſabios o eſcolhido ajunta, & chama,
Por ſaber donde nace o Rei que eſpera.
Dizem, que na Eſcriptura deixou fama
Micheas, que Belem a cidade era,
Donde ſairia o forte, & esforçado,
Que em Iſrael teria ſeu reinado.

25

Herodes com danado penſamento,
Que na falſa apparencia disfarçaua,
Chama em ſecreto os Reis para o intento,
Que ſeu odio tyranno fabricaua:
Com cortezia, & ledo fingimento,
Deſpois que ſua vinda feſtejaua,
Encarecidamente ſignifica
Que a alma ao nouo Rei jà ſacrifica.

26

E pede com entranhas já danadas,
Que em adorando o Rei de quem pregoa
A fama deidades coroadas,
E sua fè lhe affirma isto que soa,
Lhe venhão nouas dar tão desejadas,
Porque lhe và render sua coroa,
Sugeitando a tão alto dominio
A gloria de seu sceptro & senhorio,

27

Partem os Reis, a quem martyrizauão
As saudades de sua clara estrella,
Pois do porto seguro que buscauão,
O norte, & fiel guia, era sò ella:
Com passos anciosos caminhauão
Implorando o patrocinio d'ella,
E achar tal bem nas penas q̃ os desuelão,
As propheticas almas lhes reuelão.

28

Entre arduas esperanças, que os mouia
Ià do tyranno Rei os tres ausentes,
Tornarão a ver seu norte de alegria
Com seus diuinos raios refulgentes:
Dentro o bello minino apparecia
Que lhes daua sinais mui euidentes
De ser o claro sol, que com mil laços
De luz jà hũa estrella o tinha em braços.

29

Cadaqual ſua luz diuiſa & nota,
E tanto foi ſeu goſto em crecimento,
Que cadahum cem mil lagrymas brota,
Vendo ſeu deſejado comprimento:
Seguião apreſſados ſua derrota
Alegres, & com tal contentamento,
Que de goſto ſuas linguas emmudecem
Ao paſſo que mais as glorias crecem,

30

Eſte grande prazer, com que alentados
Seus corações ſe virão neſte ponto,
De infinitos trabalhos deſuſados
Lhe podèra ſeruir para deſconto.
A clara eſtrella ſeguem apreſſados,
Que as luzes que derrama, ſaõ ſem cõto,
E ſobre o portal pâra rutilante,
Como o ſol no cryſtal, ou diamante.

31

Lançando linguas ſua luz Phebea,
Aſsi com ellas falla, como encanta,
Pois moſtra alli do Padre a alta idea
Nos braços virginais da linda Infanta:
Como no ſeu regaço ſe recrea
O diuino Cordeiro em gloria tanta,
Que muito, amplificaſſe ſeus poderes,
Se occaſionaua aſsi noſſos prazeres?

32

Os Reais Nabatheos, que os suspendia
O bem que sua fé diuina alcança,
Vão prodigalizando a alegria,
Se pena tributarão na tardança:
Naquella esphera, adonde nace o dia,
Cuja luz sobre as treuas raios lança,
Se apeão, dando a Deos muitos louuores,
Pollos auer chegado a tais fauores.

33

Das flores de que o Ceo fresco, & ameno
Com diuina fragrancia he adornado,
O portal em que Deos mora entre feno
Tem jà os Seraphins alcatifado:
Que querem neste dia tão sereno,
Em que elle quiz dos Reis ser adorado,
Mostrar algũs sinais de sua alteza,
De que sempre deo mostras na baixeza.

34

Euaporizão alli em fogo ardente
Com Christo singular Sabeos aromas,
De seu, se rico, prodigo oriente
Suaue cheiro exhalão ricas pomas;
Alimentão o fogo raramente
Com abundancia immensa finas gomas
De ambar, de algalea, & balsamo precioso,
Que o portal, mais q̃ os ceos fazẽ cheiroso.

Com

35

Com ſoberano & raro exalçamento
A Virgem poem hum manto de borcado,
Que para tão real recebimento
Das madexas do ſol tinhão cortado:
Quantas eſtrellas tem o firmamento
Abaixão ao cabello d'ouro ondado,
E fazemlhe hum calçado, em que ſe inclua
A riqueza que goza a branca lua.

36

E porque a Virgem mais ſe enriqueceſſe,
E ſeu valor moſtraſſe em tal viſita,
Poz a ſeu peito a joia que teueſſe
A valia, que ſempre he infinita:
Que certo he, que tal luſtre lhe deſſe
Eſte Agnus Dei, que nelle depoſita,
Que os Reis de tal prodigio ſe admiraſſé,
E logo, deſpois d'elle, a adoraſſem.

37

Os quais mui ricamente entrão veſtidos,
Ricas perolas & ouro em ſi trazendo,
Para adorarem Deos, em que os ſubidos
Theſouros immortais eſtão jà vendo:
E diante da Mãi, que enriquecidos
Tem com elle ſeus peitos, conhecendo
A ſua ſingular magnificencia,
Se inclinão com profunda reuerencia.

38

A pura & fermosiſsima donzella
Com aquella modeſtia d'ella digna,
Se leuantou tão graue, quanto bella,
Moſtrandoſelhe affauel, & benigna.
Seu eſpoſo, que ſoube merecella,
Cuja alma ſempre foi de culpa indigna,
Com termos mui cortezes, & humanos
Recebe a Reis, que ſaõ tão ſoberanos.

39

Pedindo eſtão à mãi, que do ſacrario
De ſeus diuinos braços deificados
A cuſtodia lhes moſtre, & relicario,
Em q̃ o Padre os theſouros tem cifrados:
A cortina correo do Sanctuario,
E os Reis de noua luz alumiados
Conhecerão por modo ſoberano
O myſterio de Deos fazerſe humano.

40

Diante d'eſſe Rei, que em feno & abrolhos
Quiz nacer doces lagrymas vertendo,
Se poem os tres monarcas de giolhos
O roſto cadaqual co chão cozendo:
Ahi viuas correntes ſaõ ſeus olhos,
E deſpois de ſe eſtarem desfazendo,
As cabeças da terra leuantando
Humildemente eſtão Deos adorando.

Contemplão

41

Contemplão no infinito tão eſtreito,
Vão penetrando o forte, como chora,
Admirãoſe de olhar, como homem feito
Eſtà o immenſo Deos, que o Ceo adora:
Tremem de ver, que tem de palha o leito
O verbo, que no peito do Pai mora;
Paſmão, que no Leão faça amor lanço,
Que ſe tornaſſe jà Cordeiro manſo.

42

Abre cadahum ſeu cofre enriquecido
De jacintos, carbunclos, eſmeraldas,
Em os quais cabe o ſol de ouro eſculpido,
Ferindo a bella aurora nas eſpaldas:
Nelles vem com valor alto & ſubido
Mil pinhas de diamantes em grinaldas,
E da alua oriental joias diuinas
Com ſeus rios de prata, & d'ouro minas.

43

Entre eſtá pedraria rutilante
Incenſo, myrrha, & ouro ſoberano
Preſentão os tres Reis ao ſacro Infante
Com vontade amoroſa, & peito humano:
Ao Deos, que com ſer forte gigante,
De parecer Pygmeu ſe moſtra vſano,
O Rei mais ancião diz d'eſte geito,
Rompendo a graue voz do ſabio peito:

44

Recebei, alto Deos, a quem me inclino,
Estes, se pobres doẽs, dos ricos peitos,
Cheios de fè constante, & amor diuino,
Em amorosas lagrymas desfeitos.
Neste ouro que vos damos, rico, & fino,
Em que vão de affeição viuos affeitos,
Por Rei dos Reis os tres vos confessamos,
E a vós nossas coroas humilhamos.

45

No incenso odorifero precioso
Tambem prouamos serdes Deos eterno,
Immortal, infinito, poderoso,
Impassiuel, immenso, sempiterno,
Incomprensiuel, forte, magestoso,
Inuinciuel, magnifico, superno,
Deos trino, que num ser tem absolutos
Mil milhares de nomes, & attributos.

46

Na myrrha claramente confessando
Estamos serdes homem verdadeiro,
Infante agora ao Padre namorando,
E com chagas despois em o madeiro:
E tambem todos tres jà protestando
Com verdadeira fé, & peito inteiro
De adoraruos por Deos eternamente
Em nome da Gentia feliz gente.

E vós,

47

E vós donzella & mãi, que o delicado
Throno de vossos braços a vitoria
Leua ao de Salamão tão celebrado,
Porque nelle se assenta o Rei da gloria;
Lograi esse thesouro deificado,
Que faz ser immortal vossa memoria,
E no valor immenso vosso encerra
Todas as perfeições do Ceo & terra.

48

Deposito das joias peregrinas,
Lograi ser Mãi de Deos, joia mais alta
Que quantas dignidades ha diuinas,
Pois que sò serdes elle, he que vos falta:
Lograi entre essas perolas mais finas,
Com que a mão poderosa vos esmalta,
Serdes despois de Deos, por graça pura,
A mais bella & perfeita creatura.

49

Vos Santo patriarca venturoso,
Da sacra virgindade exemplo raro,
Da caridade, & fè templo glorioso,
Da perfeita justiça espelho claro;
Lograi serdes da Mãi de Deos esposo,
Anjo de sua guarda, & seu emparo,
E lograi com eternas alegrias
Serdes pai putatiuo do Messias.

50

A Rainha dos Ceos esclarecida
Estimou dões, palauras, & os affeitos,
Com que Reis de grandeza tão subida
Mostrarão puros & rendidos peitos;
Como estaua da gloria enriquecida,
Os quiz deixar de todo satisfeitos,
Huma prenda tirou, que tem guardada,
Em infinito preço aualiada;

52

Que foi hum sacro candido lencinho
Esmaltado do sangue precioso,
Que nelle derramàra o Cordeirinho,
Quando o ferio o golpe riguroso:
Que são Ioseph celestial padrinho
Dentro no peito ardente & amoroso
Dizem trouxera (prenda grandiosa)
E dentro n'alma o tinha sua Esposa.

53

Dizendolhe, que pois dos bens humanos
Ella nada na vida possuia,
E aos primores seus tão sobrehumanos
Tanta correspondencia se deuia,
Alli dos dões immensos soberanos
Lhe offerece o que tem maior valia,
Pois que lhe dà naquella sacra ofrenda
Do mundo o maior bem por rica prenda.

Recebem

53

Recebem os tres Reis deuotamente
A diuina reliquia da Senhora,
E do minino Deos omnipotente
O influxo da luz, que ſae fòra:
Beijãolhe os pès em acto reuerente,
E elle com caricias os namora,
Porque os liga cos laços das mãos bellas,
Fauor que os faz ſubir ſobre as eſtrellas.

54

Deſpedemſe os monarcas ſublimados
As almas diſtillando em doce pranto,
Por ſe verem das luzes apartados,
Em que ſua affeição ſe emprega tanto:
De influencia Angelica illuſtrados,
Deixão Herodes bramãdo de ira & eſpãto,
E para ſuas terras do Oriente
Vão por outro caminho differente.

55

Ioſeph, & a benditiſsima Maria
Vendo o minino Deos jà adorado,
E que tres Reis, de donde nace o dia
Com tão raro tropheo o tem buſcado;
Vertem raios de gloria & alegria,
E paſſaõ o rigor do tempo irado.
Ao ſol, que com ſeu raio doce & brando
Em calma o duro frio vai trocando.

56

Dez vezes quatro Delio rubicundo
Seguio vertendo luz, ſua carreira,
E outras tantas com modo mui jucundo
Proſerpina eſtendeo a cabelleira:
Quando aquelle Senhor, que fez o mũdo,
E a celeſtial maquina inteira,
Para que pontualmente a lei guardaſſe,
No templo quiz q̃ a mãi o apreſentaſſe.

57

A Senhora ſe rende obedecendo
Aa lei, que não obriga tal limpeza,
Pois do Eſpirito ſanto concebendo,
A ordem não guardou da natureza:
Mas ainda que eſtà reſplandecendo
Em ella ſempre a candida pureza,
Ao templo quiz partir, porque conhece
Que de mais humildade moſtras deſſe.

58

Vai a diuina mãi acompanhada
De ſaõ Ioſeph, que ordena o aparelho,
Para poder leuar neſta jornada
Ao Anjo, que o he do grão conſelho:
Vai ſua diuindade disfarçada,
Sò para renouar o homem velho,
E para o enriquecer com veſtidura
De ſua diuindade, & fermoſura.

59

A ſoberana mãi, que o Ceo ſublima,
E a terra emnobrece com ſeus paſſos,
Ao peito de cryſtal o filho arrima,
E o minino o prende com ſeus laços.
Ella, que eſte fauor adora & eſtima,
Com mais gloria lhe dà doces abraços.
Toma Ioſeph o filho, porque o anime,
E porque a mãi ao hõbro ſeu ſe arrime.

60

Vãolhe fazendo applauſos neſte dia
A honra, a paz, o gozo, a eſperança,
A concordia, o deſcanço, a alegria,
A caridade, a bemauenturança:
A graça, a admiração, a ouſadia,
O amor, o prazer, a confiança,,
A fermoſura, a muſica, a vitoria,
A virtude, o louuor, o premio, a gloria.

61

Todos os Seraphins amantes chegão,
Para lhe darem ſalua, & fazer guarda,
As bandeiras belliſsimas despregão,
Com que o leão precito ſe acouarda:
Tão luzentes, que os raios do ſol cegão,
E tornão ſua luz dourada, parda,
Seguem Ieſus, Maria, & ſeu conſorte,
Que adonde o Rei caminha, vai a corte.

62

Hia o ſanto Ioſeph de gloria mudo,
Por ter entre os nacidos tal ventagem,
Que leua a Deos nos peitos por eſcudo,
No hombro a mão de ſua viua imagem.
Conuinhame a mim ter celeſte eſtudo,
E não fallar com tão rude linguagem,
Para que penetrando bem ſeu peito,
Mereceſſe ſer voz de ſeu conceito.

63

Mas preſuppondo jà minha ignorancia,
De lhe ſeruir de voz me não deſuio,
Que pouco importa a falta da elegancia,
Quando medras teuer o affeito pio:
D'aquella larga copia & abundancia
De amor, que tinha o centro & dominio
Sobre ſeu coração, hião ſaindo
As palauras, que aqui vou referindo,

64

Suſpenſo meu ſentido em gloria fica
Virgem Māi ſoberana creatura
Nos admiraueis bens, que Deos fabrica
Em mim, de que vòs ſois a origem pura:
E quãdo o affecto da alma mais ſe applica,
E quando em louuallo mais ſe apura,
Mais o louuo, por vos fazer Senhora
De meus felices bens executora.

Por

65

Por vós des do celeste desposorio
Alcancei sendo fraco homem terreno,
Ficar sendo meu peito consistorio
Do Verbo, que nacer quiz entre o feno:
Por vós me vejo jà do propiciatorio
D'esta arca do infinito Deos piqueno
Tornado Seraphim, alta excellencia,
Pois que tenho cõ vosco competencia.

66

Por vòs foi Deos seruido que me quadre,
Ter elle por estima, & não deshonra,
Ser eu pai, do q̃ he filho de Deos Padre,
Que sobre todas he a maior honra:
Pois por vós, soberana Virgem madre,
Tanto Deos me engrãdece, tãto me hõra,
Que se ao Verbo faz ninho em seu peito,
Me concedeo em mim o mesmo effeito.

67

Por vòs me quiz subir a tanta estima,
Que porque minha gloria a tudo exceda,
A meu redemptor Deos quer q̃ redima
Com estes cinco siclos em moeda:
Por vós tanto me quer, & me sublima,
Que mostra não ter mais que me cõceda,
Pois me fez pai do todo poderoso,
E da rara belleza casto esposo.

68

De vos, Virgem, me vem toda a valia,
Por ser esposo vosso, alcancei tella,
Que sois preciosissima Maria,
Aurora, lua, sol, luzente estrella;
Norte, zona, carreira, luz, & guia,
Cedro, palma, açucena, rosa bella,
Throno, sacrario, & nao do pão diuino,
q̃ trouxe ao porto humano, Deos minino.

69

Torre de ouro, & marfim firme, & estauel,
Milagroso jardim, que Deos cultiua,
Muro de fortaleza inexpugnauel,
Fonte de pura liquida agua viua;
Porta do Ceo, & paraiso amauel,
Niuea pomba, real aguia altiua,
Das rosas das virtudes açafate,
Mina, que aos catiuos deo resgate.

70

Não ha encomio, & nome soberano,
Que se não cifre em vos, & se resuma,
Nem pode auer nenhum juizo humano,
Que de saber louuaruos bem presuma;
Menos fora esgotar o mar Oceano,
Com comprender em si grandeza suma,
Que de cifrar louuor, de quem he cifra
Da perfeição, que o Verbo sô decifra.

A Se-

71

A Senhora prudente & auisada
Graças lhe torna, dando a Deos louuores,
Que nunca quiz assi referir nada
Fundãdo na humildade os bens maiores:
Todos os Seraphins nesta jornada
De saõ Ioseph lição tomão de amores,
Que foi do amor diuino tão bom mestre,
Que não he marauilha o seu lhe adestre.

72

Entra pois na cidade populosa
De Iudea a filha de Deos Padre,
Do Paracleto santo casta esposa,
E do filho immortal, diuina madre:
Torna a tomar a prenda preciosa,
Porq̃ ordenou o Ceo, q̃ mais lhe quadre,
Dos braços de Ioseph, q̃ estando àlerta,
Para comprir a lei, ordena a offerta.

73

Compra duas rolinhas amorosas,
Ou dous pombinhos candidos polidos,
Ellas, que sempre viuem saudosas,
Elles, que sempre voão com gemidos:
Significando as almas preciosas,
As quais enriquecendo seus sentidos,
Seu officio he só ir contemplando,
E da contemplação ao Ceo voando.

74

Cinco ſiclos leuou, com que, ſegundo
A lei, ſe redemiſſe Deos nacido,
Ià que outra vez reſgate neſte mundo
Não lhe daria, ſendo elle vendido:
Por cinco chagas de valor profundo,
Com que ha de ſer o homem redemido,
Preço, que cabalmente ainda baſtàra,
Para que cem mil mundos reſgatàra.

75

Entrão no templo ſanto glorióſo,
Moſtrando cadaqual doce brandura,
O grão Tobias caſto, & venturoſo,
E a Sara, mais que a outra, ſanta & pura:
Ella leua no collo precioſo
O filho com immenſa fermoſura,
Que cuberto com ſeu cabello louro,
Fluctuar parecia entre ondas de ouro.

76

Simeão, cuja eſpera agora acabe,
Recebe alegre o bem, que aguarda ha tãto,
Que ſer eſte o Meſſias certo ſabe,
Pois lho ha reuelado o Eſpirito ſanto:
O coração no peito lhe não cabe,
A alma ſe lhe eſtreita com eſpanto,
Tremendo ao diuino acatamento
Lhe falta o reſpirar, & perde o alento.

Alçando

77

Alçando os veneraueis graues braços
Com amoroſo pranto o roſto rega,
E animando a ſeus timidos paſſos
Aos diuinos raios do ſol chega:
Abrazaſe entre ſeus ſuaues laços
Leuando a palma à borboleta cega,
Pois entre a luz mortal, perdida fica,
E elle na immortal ſe viuifica.

78

Proſtrado ante a Mãi do Infante bello,
E derramando lagrymas a pares,
Lhe pede com feruor & pio zelo,
Que o aliuio lhe dé de ſeus pezares:
O deſejado fim de ſeu deſuello,
Por quem eſtão ſeus olhos feitos mares,
O theſouro, que ao mundo eſtà cuberto,
E Deos faz ſer a elle deſcuberto.

79

Ella nas mãos do Iuſto temeroſo,
Suſpendendoſe o Ceo cõ gloria & eſpãto
Poem ſeu amado filho precioſo
Anjo do teſtamento ſacroſanto.
Começa o Ciſne brando & ſaudoſo
Com dulciſona voz ſeu graue canto,
Canta, ſem ter temores na partida,
Porque nos braços tem a eterna vida.

Agora

80

Agora em paz, Senhor, doce & gostosa,
Deixai ir vosso seruo despedido,
D'esta vida mortal, triste, & penosa,
Assi como me tendes prometido:
Pois meus olhos com vista luminosa
Virão, sem tanto bem ter merecido,
A saude, que às gentes propuzestes,
Na qual a redempção, & vida destes.

81

A luz de inaccessiuel claridade,
Que com seus raios fez o sol dourado,
Luz dando às treuas da gentilidade,
Que atè agora em cegueira tem estado:
Aquelle eterno bem, que de verdade
He a gloria de vosso pouo amado,
Prometido de seculos & idades,
E esperado com viuas saudades.

82

E lançando huma benção milagrosa
Cos sentidos no Infante arrebatados
Ao santo Patriarca & sacra esposa,
Que de ouuillo estauão admirados,
Vai proseguindo a historia copiosa,
Em que o emprego tem de seus cuidados,
Dando a gostar à mãi hum triste trago,
Que na vida lhe foi de dor hum lago.

Sabei

83

Sabei, ò ſoberana Virgem pura,
Que voſſa alma ſantiſsima ſagrada
De huma eſpada de dor feroz & dura
Ha de ſer cruelmente atraueſſada:
Quando d'eſte minino a fermoſura
Nos rios de ſeu ſangue for banhada,
Porque então por amor dando elle a vida,
Aueis vós de ſentir eſta ferida.

84

Anna, matrona inclyta, que eſtaua,
Auia annos, no templo ſempre orando,
Ser o minino Deos prophetizaua,
Cõ juſto Simeão indo alternando:
Brandamente a Senhora conſolaua,
Que hia mil viuas lagrymas chorando,
Polla morte, que ao filho deſpiadada
Via por Simeão prophetizada.

85

Aaquelle eco admirauel, & diuino
Da voz, que Simeão & Anna prophetas
Denunciou o fado do minino
Que o coração da mãi ferio com ſetas,
Se ajuntou muita gente, que o deſtino
A fez vir mais ligeira que cometas,
Toda paſma da mãi vendo a belleza,
E do doce minino a gentileza.

Todo

86

Toda com grande applauſo & alegria
Em prociſſaõ ſe eſtà offerecendo,
E por ir nella o filho de Maria,
Os Anjos vão as azas encolhendo:
A poz os coros ſantos, ſe ſeguia
O coro dos Leuitas, concorrendo
Com pia deuação & humildade,
Adorando a diuina Mageſtade.

87

E Simão, aquem jà tributario
O ſol lançaua luzes ſem compaſſos,
No meio d'elles vai co relicario
Do ſanto Sacramento entre ſeus braços.
Chega com eſte rico ſantuario,
Dandolhe mil dulciſsimos abraços,
Ao diuino altar puro, & ſagrado,
Donde ha de ſer ao Padre apreſentado.

88

A bella & diuiniſsima Maria
Ao Sacerdote pede ſeu querido,
Que como muro antigo ſe fazia
Co a hera celeſtial mais forte & vnido.
Elle com as correntes que lhe enuia
Seu brando coração de amor ferido
De ſeus laços diuide o bem que adora,
E o poem nos ſacros braços da Senhora.

Toma

89

Toma a mãi o minino assas ferida
Da dor, com que o pronostico a ameaça,
E como hum Seraphim puro, acendida,
Derramando mil lagrymas, o abraça:
Despois de desfazer enternecida
Em triste pranto, a pena que a trespassa,
Poem no altar o filho sempiterno,
E vai dizendo assi ao Padre eterno:

90

Senhor, que sois a alteza das altezas,
Com que a corte dos Ceos enriquecestes,
E grande sobre todas as grandezas,
Em que vosso poder mostrar quizestes;
Aqui vos trago as mais altas riquezas
Encerradas no filho que me destes,
Offerecendo seu valor profundo
Pollo resgate, & saluação do mundo.

91

Se dádiuas na vida transitoria
Facilmente quebrantão penhas duras,
E no maior rigor leuão vitoria
Das mais incontrastaueis creaturas;
Que mais rico presente, que mais gloria,
Que dõ mais singular, que mais doçuras,
Que mais vos posso eu dar, para abrandar
Que este bẽ ꝗ me destes, para daruos? (uos,

Se pode

92

Se pode huma molher ſabia & fermoſa
Fazer que hum Rei irado ſe abrandaſſe,
E fez o dom da mão induſtrioſa
Que elle a Nabal as culpas perdoaſſe,
Se huma dadiua fraca, & desluſtroſa
Valeo com que huma vida reſgataſſe,
Eſta de todo o mundo ſeja preço,
Pois quanto vòs valeis, nella offereço.

93

Olhai, que entre o rigor de voſſo peito
E a ingrata, indigna creatura
Eſtà eſte minino, que he conceito
De voſſa mente ſoberana & pura:
Pois ſobre todo o dom vos he aceito
O reſplandor de voſſa fermoſura,
A vós o trago aqui offerecido,
Por elle perdoai a Adam perdido.

94

E ſellando o theſouro precioſo,
Tendo ſobre o altar a rica prenda,
Parouſe o ſol ao caſo portentoſo,
Que he juſto que ſeu curſo ſe ſuſpenda:
Por ver eſte tropheo marauilhoſo,
Não ha Anjo que logo não decenda,
Que do templo abrindoſe as cortinas,
Apparecem com muſicas diuinas.

Avara

95

A vara ſe humilhou, & o veo luſtroſo
Do templo virão ir logo encolhendo,
O mannà ſoberano & precioſo
Ao que repreſenta, eſtà temendo:
E as taboas da lei hum temeroſo
Rumor, que foi notado, eſtão fazendo,
Porque a verdade, toda a ſombra rende,
Tudo faz admirar, tudo ſuſpende.

96

Vendo o Padre o eſpelho immaculado,
Em que olhandoſe eſtà ſeu ſer diuino,
O ſoberano Iſac alli vendado,
O innocente Abel da morte indino:
Seu peito contra o homem tão irado
Suaue ſe tornou brando & benino,
Seu ſacro ſacrificio aceitando,
E ſò por elle a Adam patrocinando.

97

O virginal Ioſeph mui diligente
As rolinhas, que tem pobre valia,
Entrega à doce eſpoſa humildemente,
Como offerta, que a pobres pertencia.
Ella as enriqueceo com a corrente
Das perlas que eſcurecem as q̃ o mar cria,
Das quais fazendo a Deos priſaõ ſuaue,
Lhe diz com voz tão clara, quãto graue:

98

Grandeza & Mageſtade enriquecida
Recebei d'eſtas aues a ſimpleza,
E com ellas vos dou a alma & vida,
Que não tem mais q̃ dar minha pobreza:
Peſſo a voſſa bondade ſem medida,
Pois tanto em mim cifrou ſua largueza,
Que vos mereça a vos, & ſeja digna
Dos ricos dões de voſſa mão benigna.

99

Offerecer neſte officio não intento
Cordeiro algum de candida brancura,
Porque ſe o verdadeiro aqui apreſento,
He juſto ceſſar jà ſombra & figura:
Por eſte que em patibulo tormento
Sofrera por amor da creatura
Voſſo juſto rigor, que frechas tira,
Em brandura & clemencia troque a ira.

100

E ſe ao pouo amado ſocorreſtes
Moſtrando voſſo braço & poder forte
Nos Egypcios morgados, que quizeſtes
Que por bẽ dos Hebreos teueſſem morte,
Ordenando, que a gente que eſcolheſtes,
Que não ſoube eſtimar tão boa ſorte,
Sacrificaſſe a vós os ſeus morgados,
E que deſpois podeſſem ſer comprados;

Aqui

101

Aqui ao meu Iesus vos offereço
Ià em forma de escrauo desterrado,
Para ficar o mundo em seu progresso
Do triste catiueiro, libertado.
Com estes cinco siclos, que he o preço,
A meu Redemptor faço resgatado,
E barato mo dais, pois pouco era
Dar terra & Ceo por elle, se pudera.

102

Por vós, descanso meu, dera eu a vida,
Por vòs, libertador do amor escrauo,
Este rosto com gloria sem medida
Ferrara, pondo nelle o S. & crauo:
Para vos resgatar, fora eu vendida,
Bem que viuera em catiueiro brauo,
E tudo, meu querido, pouco fora
Para o muito que esta alma vos adora.

103

Oo se assi como escraua tendo a alteza
Tão rara, tão diuina, & soberana,
De vos vestir de minha natureza,
Dandouos no meu gremio carne humana,
Pudera, como escraua de amor preza,
Liuraruos da prizaõ tão deshumana,
Que Simeão me diz que vos espera,
Para vos darem nella morte fera!

104

Ai eſpelho ſem macula luzido,
Quão venturoſa fora ſe alcançara
Vendouos outra vez ſerdes vendido
Que por vòs como eſcraua, me entregara!
Que prazer que tiuera tão crecido,
Se por vós toda a pena em mim paſſara
Liurandouos do lobo carnicciro
Brando ſuaue candido cordeiro!

105

Comprido tudo quanto a lei ordena,
Começão de ordenar a deſpedida
Sentindo toda a gente graue pena
Do filho, mãi, & eſpoſo na partida.
O templo ſem a luz bella & ſerena,
Que lhe dà claridade enriquecida,
Ficou qual fica a terra em ſombra eſcura,
Tendo auſente do ſol a fermoſura.

206

O rico carro humilha Delio louro,
Para que o grão Ioſeph, & caſta eſpoſa
Leuando dentro nelle ſeu theſouro
Não lhe ſeja a jornada trabalhoſa.
Os Seraphins com ſuas azas d'ouro
O ſeguem na derrota glorioſa,
E eu do brando plectro me leuanto,
Por ter fim o caminho de meu Canto.

MEMORIAL DA INFANCIA DE Chriſto.

ARGVMENTO.

O inuejoſo Herodes & maldito,
Por fazer immortal ſua coroa,
Contra Deos ſoberano & infinito
A ſentença de morte lhe pregoa.
Manda o Anjo a Ioſeph, ir para Egypto
A mãi de Deos, & a diuina peſſoa
Segunda da ſantiſsima Trindade
Igual ao Padre & Eſprito na deidade.

CANTO SEPTIMO.

COmo dos tres monarcas adorado
Foi na terra o eterno Deos minino,
q̃ deixarão Herodes já fruſtrado
Mouidos do ſupremo alto deſtino,
Sentio ſeu coração ficar tocado
De hum impulſo tão fero & tão malino,
Que a ſi meſmo ſe come & ſe praguеja,
Effectos naturais da cega inueja.

2

Que como nelle jà ſe encorporaua,
E ſuas amarguras lhe infundia,
Elle proprio a ſi meſmo deuoraua,
Porque as entranhas ella lhe roia.
O mais doce bocado lhe amargaua,
Lograr quieto o ſono, não podia,
Trazia ſempre em guerra o penſamento,
Que era ſeu peito inferno de tormento.

3

Nas ondas de mil penas naufragando,
Entrou num boſque pallido, & fragoſo,
E ſempre coſta acima triſte andando,
Hum caminho pizaua pedragoſo.
E jà no interior d'elle indo entrando,
Ouuio hum tom medonho, & temeroſo
Com que hum tropel de tigres infinito,
Se innundaua nas aguas do Cocito.

4

Pello cume do ſitio ſe aſſomauaõ
Mil horriferos dragos venenoſos
Com feias cataduras que formauão
Contaminando o ar tons temeroſos:
E de golpe no rio ſe lançauaõ
Com bramidos taõ feros, & eſpantoſos,
Que Herodes, triſte morte alli teuera,
Se mais cruel, a inueja lha naõ dera.

Iunto

5

Iunto a hum negrorio huma ſombria
Maſmorra, ou funda coua ſe moſtraua,
Na qual a ſombra eſcura ſó ſe via,
E nunca aluz do ſol nella aſſomaua:
Numa eſphera de fogo, que a mouia
Mais o vento veloz, ſentada eſtaua
Huma velha com cor toda de terra:
Mas os dentes moſtraua ter de perra.

6

Toda era no ſembrante monſtruoſa,
Tinha huma lingua fóra muito aguda,
A cabeça pelada de tinhoſa,
E mais com ſer molher, era barbuda:
Embraçaua huma ſerpe venenoſa,
Parecendo com ella, que ſe eſcuda,
E biboras aſsi como frecheira,
Atiraua tão deſtra, quão ligeira.

7

Na negra fronte cheia de verrugas,
Que nem a do diabo aſsi ſe pinta,
Auendo entre huma & outra largas fugas,
Por ſer a fealdade mais diſtinta:
Com o negro licor de ſanguexugas,
Que não merecia ella melhor tinta,
Dando de ſi auiſo verdadeiro,
Declaraua quem he, neſte letreiro.

8

Sou Raĩnha da guerra & da peleja,
Sou quem cauſa a zizania & tyranias,
Sou quem deſterra o bem, & o mal feſteja
Sou quem ama as contendas & porfias:
Sou filha primogenita da inueja,
Sou quem conuerte em pena as alegrias,
Sou mortal inimiga da concordia,
Que he juſto ſer aſsi, pois ſou Diſcordia.

9

Aqual com viſta irada & mui medonha,
Por ſer de natureza deprauada,
Derrama huma boceta de peçonha
De eſcorpioẽs mirrados adornada
Sobre o triſte de Herodes, que não ſonha
Se não como ſua alma anguſtiada
Se vingarà dos Reis que o enganarão,
E do diuino Infante, que adorarão.

10

O qual como de inueja eſtaua farto,
E bebera ſeu ſangue requeimado,
Muitas vezes pior que de lagarto,
Tendolhe podre o peito atribulado:
Com a Diſcordia agora, q̃ he ſeu parto,
O ter com a peçonha inficionado,
De feridas mortais ficou ferido,
E a toda a perdição ſe vio rendido.

Conſulta

11

Conſulta com ſeu cego penſamento
O mal que lhe cauſou mortal perigo,
Que foi ſó por liurarſe de tormento,
Dar morte a Deos, como cruel imigo;
Deliberado em tão danado intento,
Como doudo, que não tem paz comſigo,
Manda chamar os grandes da cidade,
Para lhes declarar eſta maldade.

12

E juntos, dos tres Reis ſantos blasfema,
Lançando a voz, que atè no inferno ſoa,
E contra a Mageſtade que he ſuprema,
Do cordeirinho Deos morte pregoa,
O mundo todo, he juſto de mim trema
(Dizia) & reine ſò minha coroa,
A ſua mando aqui ſeja tingida
Em ſeu ſangue, que então ſò terei vida.

13

Em Nazareth eſtaua o ſol nacido,
Criandoſe nos braços de huma eſtrella
Em companhia do virginal marido
Da mãi, que com parir, ficou donzella:
Cō eſtremos de amor, d'ambos querido
Ambos em ſua luz ſerena & bella
Gozauão neſta vida tranſitoria
Tudo o ꝗ os Seraphins gozão na gloria.

14

Quando do ſacro aſſento, alto, & diuino
Decende hum Paranympho, que roubaua
A luz do Ceo, que chamão cryſtallino,
E de Phileſio os raios eclipſaua:
Com ſeu ſubido voo peregrino
Das argentadas azas derramaua
Grão copia de grãos d'ouro & de jacintos
Com diuinos rubìs todos diſtintos.

15

Meio caminho a noite tinha andado,
Cobrindo a clara luz co manto eſcuro,
Quando por Nazareth entra apreſſado
O Anjo eſclarecido, bello, & puro:
E de Deos ſempiterno, deſtinado
Aa caſa ſoberana vai ſeguro;
Adonde o creador do Ceo viuia
Com o ſanto Ioſeph, & a mãi que o cria.

16

Vio que o Adam, não d'Eua, ſenão da aue,
Que à eſphera ſubio de toda a graça,
Em huma pobre cama, humilde, & graue
Combatido do ſono ſe traſpaſſa:
Em ſonhos lhe fallou brando & ſuaue,
Porquanto ordena o Ceo, que aſsi ſe faça,
E para o animar para o degredo,
Lhe diz do Padre eterno eſte ſegredo:

Leuantaiuos

17

Leuantaiuos, Ioſeph, ſem ter tardança,
Tomai o filho, & a mãi, não cõ detença,
Para Egypto fazei logo mudança
A tè vos eu trazer outra ſentença:
Porque Herodes cruel, que a perder lança
Sua alma com inueja, que he immenſa,
Em perder o minino, a vida gaſta.
E a Deos, Ioſeph: que o referido baſta.

18

Acorda o Santo, todo eſtremecido
A a voz do Seraphim, que doce encanta,
(De ſeus olhos o ſono ſacudido)
Com preſſa, & ligeireza ſe leuanta.
Breuemente ſe veſte, & em ſeu ſentido
Conſidera neſta ida, que o eſpanta
O tormento, a anguſtia, & dor penoſa,
Que ſe aparelha ao filho & mãi fermoſa.

19

Sente o ſanto Ioſeph, ſerlhe forçoſo
Acordar o minino Deos eterno:
Que dorme ſoſſegado & amoroſo
No ſeu celeſtial ninho materno.
Mas vai o eſcolhido & caſto eſpoſo
Abrazado naquelle amor paterno
Eſpreitar, para ver ſe então dormia
A candida & puriſsima Maria

20

Mas como seu cuidado madrugaua,
Na imaginação contemplatiua
A mòr parte da noite vigiaua
Com consideração ponderatiua:
E bem se pode crer que então estaua
Como esteue mil noites pensatiua,
De giolhos olhando a Virgem bella
Como dorme o Senhor, q̃ sempre vela!

21

Com que serenidade soberana
Os seus bellos luzeiros tem cerrados
Aquelle Deos, que em cada huma pestana
Hum Argos he para quantos saõ nados!
Como pella mortal fraqueza humana
Està como os demais necessitados
Mendigando o fauor do sono manso,
Para cobrar alento, & ter descanso;

22

Absorta estaua a Virgem neste instante
No soberano Adam, que sossegado
Dorme, porque ao outro semelhante
Saia a diuina esposa do seu lado:
Suspendese na luz do lindo Infante
O diuino Ioseph, que entra apressado
E não menos no rosto da Senhora,
Pois nelle à meia noite vè a aurora

Quanto

23

Quanto mais bello o vè estar dormindo,
Tanto mais sente o Santo despertallo,
De sua fermosura conferindo
Serlhe só pertencente, o adorallo:
Porem como do Anjo esteue ouuindo
Que quer o Padre eterno desterrallo,
Com alma enternecida & magoada
Declara à Virgem santa a embaxada;

24

Toca a rebate o assalto repentino
Da voz de saõ Ioseph, no sentimento
Do peito que ferio o amor diuino,
E desmaiouse a lingua a seu accento:
Sobre o fermoso rosto do minino
As lagrymas lhe caem cento a cento,
O qual abrindo a boca, em que dormia,
D'ellas o doce espirito bebia.

25

A Senhora com pena, na qual sente
Do coração partirselhe a ametade,
Acorda o doce filho descontente,
Porque do sono brando o dissuade:
Soluça, chora, geme internamente
Seguindo a condição da tenra idade,
Logo de seus bracinhos faz cadea
E para a mãi se ri, & lhe gorgea.

Leuantaiuos

26

Leuantaiuos, amor, do doce ninho,
(Lhe diz a Virgem pura) meu querido,
Fugi como ligeiro ceruosinho,
Que vos busca o sabujo embrauecido:
Para Egypto fazei vosso caminho,
Leuaruosei nos peitos escondido,
Vamos, prazer d'esta alma enternecida,
Que vos querem dar morte, sendo vida.

27

O Cherubim do nouo paraiso
Ioseph andaua esperto & diligente,
As cousas pōdo em ordem de improuiso,
Para se mostrar logo obediente.
Tambem consideraua o summo auiso
Do soberano Deos, como consente
Ir seu filho peregrinar tão cedo,
E que do Rei humano tenha medo.

28

Ajunta a ferramenta com presteza,
E como he muito pobre de fazenda,
Num fardo sua tão rica pobreza
Faz o Santo diuino que se estenda:
Abre, vencendo o vento em ligeireza,
Sem que ninguem o sinta, nem entenda
A porta, tendo bem mão na couceira,
Porque não faça officio de palreira.

Logo

29

Logo aparelha a bem fadada aſninha,
Que mais que a de Balão, foi venturoſa,
Por quanto ha de leuar a alta Rainha,
Carga doce, ſuaue, & deleitoſa:
Que como ſe entendera o bem que tinha
Em alcançar vitoria tão honroſa,
Alegre, preſumida, & confiada
Para elle ſe chegou mui ſoſſegada.

30

Poz nella a ſem igual Maria aurora
Com ſeu diuino ſol, em que ſe inflama,
Que para regalar o bem que adora,
De ſeus diuinos braços lhe faz cama.
Elle buſca ſeu peito, por quem chora,
Ella buſca a ambroſia, que derrama
Sua ſuaue boca de doçura,
Fauor que he ſò deuido a mãi tão pura.

31

Com a madexa de ſeu cabello louro,
Que mais que a de Abſalam, era diuina,
Cobre o celeſtial rico theſouro
A bella ſoberana peregrina.
Parece o rico veo de tela de ouro,
Que eſtà na oitaua eſphera cryſtallina,
E fica indignamente comparado,
Por ſer muito mais que elle auentajado.

Partem

32

Partem os peregrinos soberanos,
E vai Deos perseguido dos amigos
Doces pazes fazer com os siganos
Que algum tempo lhe forão inimigos:
Vailhe recompensar todos os danos
Das pragas que quiz dar a seus antigos,
E mostra no fauor mão tão extensa
Que elle mesmo se dà por recompensa.

34

Caminhando depressa temerosos,
Por não ser descuberto Deos minino,
Que com tantos apertos rigurosos
Se vai de sua patria peregrino;
Começa elle com rios caudalosos
A banhar o seu rosto crystallino,
A soberana Virgem que o adora,
O aperta comsigo, & tambem chora.

35

Ai filho de minha alma, ai meus amores,
(Lhe diz) correndo as lagrymas em fio,
Porq̃ chorais, meu bem, cõ tais clamores
No amoroso peito em que vos crio?
Ramalhete de myrrha & mais de flores,
Se vos offende & trata mal o frio
Abri meu coração, que he fragua ardente,
E nelle sem chorar, ireis contente.

O Padre

35

Oo Padre ſoberano, ſe em ſeus ninhos
Aas aues dais deſcanſo ſeparado,
E não vos eſqueceis dos coruoſinhos,
Quando clamão a vós, com ronco brado:
Porq̃ mandais, Senhor, por tais caminhos
Hum ſò filho que tendes deſterrado?
E ſem pizar a terra em que he nacido,
Fazeis que buſque a alheia perſeguido?

36

Oo mundo cego, vil, eſquiuo, ingrato,
Se em ti acha o ladrão, & o homicida
Lugar, onde ſe eſconda com recato,
Para nelle poder ſaluar a vida,
Como com tal crueza & deſacato
O morgado da alteza enriquecida
Deſterras, tendo elle por vitoria
Sò por te poſſuir, deixar a gloria?

37

Não te baſtaua, ó mundo deshumano,
Que no fim de ſeu curſo preſſuroſo
Lhe façàs deſpedida de tyrano,
Com lhe dar a beber fel amargoſo:
Senão que tão tenrinho, & tão humano,
Mamando ainda o leite ſaboroſo,
Mandes peregrinar tua riqueza
Com tanto deſemparo, & tal pobreza?

A Deos

38

A Deos (proſegue a Virgem) patria cara,
Donde leuo o penhor d'eſtas entranhas,
A Deos, pois de clemencia es tanto auara.
Mal a poſſo eu achar em as eſtranhas:
De Deos ſomente na piedade rara
Auxilio eſpero de afflições tamanhas.
E pauſa fez aqui: que a pena graue
Lhe ligou na garganta a voz ſuaue.

39

A propria dor do peito disfarçando
Com inuinciuel animo ſofrendo,
Ioſeph vai ſua eſpoſa conſolando,
Que ſeu intento era illa entretendo.
Ella vai ſeu valor conſiderando,
Sua conſolação agradecendo,
Sente vello fugir, & ir carregado,
Sempre à pè, ſem moſtrar q̃ eſtà canſado.

40

D'eſte modo os diuinos caminhantes
Vão ſeguindo caminho tão comprido,
Padecendo os tormentos penetrantes
Do riguroſo inuerno embrauecido,
Leuando ao amante dos amantes
Entre jaſmins & roſas eſcondido
Entre o diuino peito de Maria,
Que o lirio & flor do campo rega & cria.

Per

41

Por medonhos desertos vão andando
Contrastados do vento, & neuoeiros,
Dando topadas, quedas, & passando
Por lamas, & infinitos atoleiros:
De dia o comer lhe vai faltando,
De noite como amantes verdadeiros,
O sono de seus olhos desterrado,
Vão sempre vigiando o seu amado.

42

Indo assi por viagem tão fragosa
Com tão grande pobreza & desemparo,
Vio saõ Ioseph com luz marauilhosa
Hum, para aliuio seu, portento raro:
Huma figura olhou prodigiosa
Em trages de molher com rosto claro,
Vestida muito alegre & prazenteira
Toda de verde, a modo de monteira.

43

Tinha huma larga cruz posta às espaldas,
Nella encrauada & jà em chaga feita
A sua esquerda mão, & de esmeraldas
Huma rica coroa mui perfeita:
Valia mais que de ouro mil grinaldas,
E na diuina & forte mão direita,
Que he rara em obrar altas imprezas,
Grão copia de candeas muito acesas.

44

E como tudo quanto a ella toca,
O juizo mortal ſuſpende & admira,
Hum grande cadeado traz na boca,
Que eſcaſſamente moſtra que reſpira:
A juſta ſuſpenſaõ toda prouoca,
Em tudo ao alto Ceo moſtra que aſpira,
Sua viſta aliuia a todos, & conſola,
Ambos os pès tem poſtos nũa bola.

45

Aqual pondoſe logo á deſtra parte
Do ſeraphico Santo, que caminha,
Moſtrando da virtude o eſtendarte
Com Chriſto, & ſua mãi do Ceo Rainha,
Tirou com ſutileza, & gentil arte
Da boca o cadeado, que então tinha,
E diz: Sacro Ioſeph, venho aſsiſtiruos,
E quero de bordão aqui ſeruiruos.

46

Tendes para com Deos tanta excellencia,
Que para aliuiar voſſa canceira,
Vos manda por encoſto a paciencia
Neſta tão penoſiſsima carreira:
O qual me quiz dotar de tal eſſencia,
Que quẽ me a mim teuer por cõpanheira,
Alcançarà ter força tão immenſa,
Que todo o mal da vida & morte vença.

47

Sou aliuio de toda a pena esquiua,
Quem comsigo me tem, nada lhe falta,
Mezinha em todo o mal preseruatiua,
Que tira perfeição da mesma falta:
Porque com fome dou força mais viua,
Dou a beber com sede grandeza alta,
Dou esforço inuinciuel com fraqueza,
Enriqueço com infima pobreza.

48

Porque da paciencia esta he a gloria,
Que donde quer que està, he abundante,
Inclyta alcança em tudo ter vitoria,
E fica rica em tudo o que he minguante:
He em todos seus actos meritoria,
Em tudo mostra forças de gigante,
E mais com ter fechada sempre a lingua,
Nunca jàmais em nada sente mingua.

49

Com ella o deserto he paraiso,
As espinhas & abrolhos ficão rosas,
Porque os campos mais secos fertilizo
De flores & boninas mui cheirosas:
A terra dura assi singularizo,
Que he mais q̃ de algodão camas mimosas,
O orualho do Ceo, quando mais frio,
Comigo he de agua de angeles hum rio.

50

Em fim, a meu querer ſugeito tenho
O inuerno, o verão, o frio, o quente,
Que como em bens da gloria ſò me empe-
Tudo leuo com animo contente: (nho,
E de tão grande alteza me mantenho,
Que moſtro vir pizando preminente.
Eſta redonda bola, que he o mundo,
Que em pizallo, & vencello ſò me fundo.

51

Trago eſta eſquerda mão em cruz pregada,
Que a fraca humanidade ſignifica,
Que quando mais ferida, & laſtimada,
Mais enriquece huma alma, & a ſantifica:
A direita com luzes adornada,
Porque a obrar grandezas ſò ſe applica,
As quais manda o Senhor q̃ reſplandeção,
Para que ſeus louuores ſempre creçaõ.

52

De verde cor alegre ando veſtida,
Em que eſperanças dou do bem futuro
A quem me agazalhar cà neſta vida,
Para deſpois o ter no Ceo ſeguro:
A coroa lhe trago aqui tecida,
Que mais que de ouro tem o valor puro;
Que quem moſtra em me ter perſeuerãça
A coroa da gloria ſempre alcança.

53

Disse isto a Paciencia, & animando
A saõ Ioseph de nouo deo alento,
Que a leua por bordão, & vai andando
Com summo singular contentamento:
Mas se vai seu trabalho aliuiando,
Não lhe pode tirar o sentimento,
E temor, de que teue a alma chea,
Porque espias de Herodes arrecea.

54

O alamo do vento sacudido,
Cujas sombras na neue o Santo sente,
Ià cuida que he de Herodes combatido
E que busca o minino omnipotente:
Ià se lhe representa no sentido,
Arrancallo cruel & rijamente
Do peito de sua esposa soberana,
Para a importuna morte & deshumana.

55

Ià da Virgem sagrada, mãi diuina
A figura ao viuo tem na idea
Com belleza tão rara & peregrina,
Que a mesma fermosura deixa fea:
Aqual presa de Herodes imagina,
E que elle de cruel tanto se arrea,
Que o collo de crystal ensangoentado
Deixa com hum punhal atrauessado.

56

Absorto nesta angustia temerosa,
Como quem o juizo tem perdido,
Arrebata com força pressurosa
A soberana esposa, & Deos dormido.
Que he isto (diz a Virgem gloriosa)
Amado esposo meu, que aueis sentido?
He Senhora, (lhe torna despertando)
Sempre estar cõ temor, quẽ viue amando.

57

O minino que estaua então dormindo,
Acorda, & com Ioseph fica abraçado,
O qual seu coração lhe fora abrindo,
Para mais dignamente o ter guardado.
Tanta gloria com elle vai sentindo,
Que se esquece do medo jà passado
Enleuado no gosto & na doçura
De leuar tanto bem, tal fermosura.

58

Poem a boca de rosa Deos humano
No rosto de Ioseph com gosto immenso;
Elle gostando d'ella o soberano
E tão diuino alento, está suspenso.
E como o bello Infante he jà de hũ anno
E às mortais miserias paga censo,
Lhe pede agua, por ser cruel & ardente
A sede sem remedio, que então sente.

Affligido

59

Affligido Ioſeph, porque a tal hora
Não tem mais q̃ a dos olhos, com q̃ o laue,
Eſſas meſmas tributa ao bem que adora,
Que por ſer de tais fontes, lhe he ſuaue:
A bella & diuiniſsima Senhora
Tambem vai padecendo ſede graue,
Mas ſofre, porque o amado eſpoſo ſanto
Não largue mais a vea de ſeu pranto.

60

Indo aſsi padecendo eſtes rigores,
Que a paciencia mais lhe acreditaua,
Huma quadrilha vem de ſalteadores,
Que para perto d'elles ſe chegaua.
Eſte eſquadrão de vis & malfeitores
Com infinito goſto ſe alegraua,
Porque para ſeguir ſeus deſatinos,
Querem roubar os ſantos peregrinos.

61

Ioſeph com traça, & proceder diuino
Procura de vencer ſua dureza,
Dizendo que na mãi, & no minino
Se encerraua do Ceo toda a riqueza:
Porem que cà da terra por deſtino
Da ſumma, ſempiterna, immenſa alteza,
De todas as riquezas careciáo,
E nenhum bem da vida poſſuião.

62

Que por ſerem na patria perſeguidos,
Hião buſcar a alhea deſterrados,
De penas, & tormentos combatidos,
E de frios temores rodeados:
Que pois os vião ir tão affligidos
Por aſperos caminhos deſuſados,
Sua dor os moueſſe a piedade,
E lhe abrandaſſe a ira, & crueldade.

63

De pouco vigor fora na inſolencia
D'eſte eſquadrão proteruo & tão malino
A efficacia chea de prudencia
D'eſte rogo ſuaue, & tão benino,
Se là a infinita omnipotencia
Com impulſo affectiuo, d'ella dino,
Hum peito diamantino não tocara,
Para que em paz a guerra ſe tornara.

64

E foi, que pondo os olhos no Infante
Hum moço vnico filho mui amado
Do capitão, que por ſer mais poſſante,
Com ſingular applauſo era eſtimado,
Foi tão viuo o amor, & penetrante,
De que ſeu coração fica inflamado,
Que ſem termo, ſem prazo, & ſem eſpera,
De ſeu deſejo o fez diuina eſphera.

Porque

65

Porque o golfo de chamas ſuperiores,
Que o roſto do minino vaporaua
A aquelles diuiniſsimos candores,
Que ſua diuindade ſcintillaua,
Com incendio de luz, & mais de amores
A alma docemente lhe abrazaua,
Contemplando no corpo do minino
Endeoſado, hum eſpirito diuino.

66

A ſeu pai com inſtancia eſtà rogando,
Que nos braços da mãi và libertado
Hum minino, que as almas vai roubando,
Que he roubo mais que o ſeu auentajado:
Elle as impias entranhas abrandando
Tanto que por ſeu filho foi rogado,
Aos tres concedeo a liberdade
Com grande compaixão, & piedade.

97

Executando o amor a actiua chama
No ditoſo mancebo, por deſtino
D'aquelle immenſo bem em q̃ ſe inflama,
De giolhos ſe poz ante o minino:
E do interno peito, com que o ama,
Que mereceo ſentir dom tão diuino,
Aſsi deſenlaçou a voz choroſa
Com eſta petição tão amoroſa:

Oo mais

68

Oo mais bello & fermoſo entre os nacidos,
De cujo roſto ſae a claridade
Dos raios mais diuinos & ſubidos
Da ſuprema & diuina deidade:
Minino que em principios florecidos
Moſtrais tão infinita mageſtade,
Que he digna neſta vida tranſitoria
Do throno & da coroa da alta gloria,

69

Eu vos peſſo, Senhor, pois me ha cabido
A ſorte tão felice, & venturoſa
De vos poder aqui ter ſocorrido
Em eſta occaſião tão perigoſa,
Que vos lembreis de mim, q̃ ſou perdido,
Quando jà em idade mais luſtroſa
Me virdes por ladrão ſer condenado,
E a vòs por amador, na cruz pregado.

70

Eſte, ainda que a fè o não confirma,
Foi Dimas, roubador aſſas ditoſo,
A opinião deuota aſsi o affirma,
E não ſe tem por conto fabuloſo:
Cuja gloria immortal nos Ceos ſe firma,
Pois que teue triumpho tão honroſo,
Que deſpois de roubar tudo o da terra,
Roubou quanta riqueza o Ceo encerr a.

O qual

71

O qual na cruz penosa dando a vida,
Em vendo a Deos no lenho tão ferido,
Nelle vio toda a luz esclarecida,
Com que aqui para Egypto hia fugido:
E com fè viua, & alma enternecida
Tanto que d'elle então foi conhecido,
Lhe fez a petição com tanto auiso,
Que mereceo por ella o paraiso,

72

Seguirão seu caminho os salteadores,
Deixando em paz os peregrinos santos,
Que dão ao Ceo mil graças, & louuores,
Por mostrar seus poderes serem tantos.
E porque em tantas penas & rigores,
Em tão grandes perigos & espantos
Hia suas angustias temperando,
E seus graues temores confortando.

73

Mas assi sem comer noites & dias,
Inconstantes areas vão pizando,
Por asperas montanhas, pedras frias,
Mil animais ferozes encontrando:
Faltando a Deos eterno, que a Elias
Co milagroso pão foi sustentando,
Que naquelle deserto lhe valesse,
E com algum sustento o socorresse.

Porem

74

Porem em tanta mingua enternecidas
As palmas, humilhandolhe as grandezas
De ſua fermoſura combatidas,
Lhe entregauão nas mãos ſuas riquezas:
Não menos a ſeu Deos reconhecidas
As canas entre tantas aſperezas,
Das entranhas lhe vem pagar tributo
Com ſeu açucarado & doce fruto.

75

Ià ſobre a clara nuuem, que voando
Do mundo ſobre toda a redondeza,
A ſeca terra foi fertilizando,
Quando lançou o Deos de ſumma alteza
Entre o pouo mortal, & miſerando;
Ià do minino Deos a alta belleza
Entra em Egypto, em que idolatras viuião,
E ao Senhor dos Ceos não conhecião.

76

Tanto que ſua luz ferio a Egyto,
Como touros indomitos bramauão
Os deoſes que adoraua o appetito,
E no profundo jà ſe deſpenhauão.
De ſeu horror terribel, & exquiſito
O ar, & toda a terra inficionauão,
Com penas & tormentos penetrantes
Se abrazarão nas chamas crepitantes.

Aſsi

77

Aſsi o tinha jà em antigos dias
Prophetizado, & dito à toda a gente
Aquelle ſabio, a quem por altas vias
Os beiços lhe apurou a braza ardente.
E tambem o propheta Ieremias,
Quando catiuo eſteue, ſabiamente
Ao ſom dos grilhoẽs com alegria
Hia prêgando aſsi tal prophecia:

78

De valor huma Virgem exquiſito
Là no tempo futuro venturoſo
Peregrinando irà para o Egyto
Leuando hum filho mais q̃ o ſol fermoſo:
A cujo reſplandor puro, infinito
Com eſtrondo medonho & temeroſo
Hão de cair os deoſes, & os altares,
Publicando com gritos, ſeus pezares.

79

E deſde então alçarão huma rica ara
De ouro puro, & metal diamantino,
Offerecida à Virgem taõ preclara,
E a ſeu bento filho tão diuino:
E por milagre, & marauilha rara
Adorarão a mãi, & o minino,
Nella reconhecendo a virgindade,
E nelle confeſſando a diuindade.

80

E ſó eſtas imagens ſacroſantas
Sobre eſta ara ficarão leuantadas
Entre a copia & multidão de quantas
Se virão no profundo deſpenhadas;
Quando com reſplandor de luzes ſantas
A viua arca de altezas increadas
Quiz entrar em Egypto, a qual ſem guerra
As eſtatuas do drago poz por terra.

81

Chegarão os caminhantes ſoberanos
Aa inſigne Thebaida venturoſa,
Donde teuerão fim penas & danos
De peregrinação tão trabalhoſa:
E d'ahi com prazeres ſobrehumanos
O virginal Ioſeph, & ſua Eſpoſa
Logo entrão em Heliopoli cidade
Com o minino & Deos da eternidade.

82

Entre hum freſco aruoredo florecia
Huma aruore tão bella, & exalçada,
Que em perfeição a todas excedia,
E Preſide eſta planta era chamada:
Tão alta ſe moſtraua, que feria
A eſphera primeira ſublimada,
Competindo arrogante, alegre, & vfana
Na alteza & fermoſura com Diana.

Aqual

83

A qual em vendo o reſplandor ſiderio
Do ſol, poſto nos braços do Oriente,
Logo o throno humilhou de ſeu imperio,
Aſsi como ſe fora alma viuente:
E como no ſupremo Reino etherio
Se lhe humilhão os Ceos profundamente,
Os ramos inclinou à Virgem madre,
E adorou o filho de Deos Padre.

84

E naquella pobriſsima cidade
Alugarão os dous huma caſinha,
Para que nella ao Rei da eternidade
Criaſſe a ſoberana mãi Rainha.
Ella de ſeu tear (como he verdade)
E de ſua almofada ſe ſuſtinha,
Aiudada do eſpoſo, & companheiro
Com o officio ſeu de carpinteiro.

85

De ſua vida ſanta, & excellente
O exemplo diuino, & a pureza
Cauſaua admiração a toda a gente,
Como milagre de ſubida alteza.
Elles ficão com Deos omnipotente
Entre ſua riquiſsima pobreza,
E eu para Belem me vou; por tanto
Não me poſſo deter mais neſte Canto.

MEMO-

MEMORIAL
DA INFANCIA DE Chriſto.

ARGVMENTO.

Morrem os piqueninos Innocentes,
Que da terra cordeirinhos infantes
Vão ſer là nos aſſentos refulgentes
Altos emperadores triumphantes.
Criaſe Deos entre as Egypcias gentes,
Dando de ſeu valor prouas baſtantes,
O minino Ieſus jà florecendo
Vai, às leis da infancia obedecendo.

CANTO OITAVO.

QVãdo ſeu largo veo a noite eſcura
Sobre a mãi dos viuentes eſtendia,
E de toda a humana creatura
Com repouſo o trabalho fenecia;
Com pompa taõ funeſta quaõ ſegura
Hum portento em Belem apparecia
Digno de ſe eſcreuer com larga hiſtoria,
E de eſtar ſempre viuo na memoria.

Humas

2

Humas funeſtas andas enlutadas
Quatro vultos em ſeus hombros trazião
Com quatro funerais bem ofuſcadas
Tochas, que em ſuas mãos cõ furia ardião:
E nas eſcuras frontes tão crauadas
As letras de ſeus nomes reluzião,
Que aſsi ſe lem, reinando a noite auara
De luz, como ſe o dia dominara.

3

Erão Eſquecimento, & mais Mudança
Os dous eſcuros vultos dianteiros,
Que guiando a funeſta & triſte dança,
Moſtrauão ſeus effectos verdadeiros:
O Deſengano & a Deſconfiança
Nas eſpaldas lhe vão, como parceiros,
E quem elles nos hombros vão leuando,
Os vai no ſer q̃ tem, ſempre augmẽtando.

4

Com manto huma phantaſma vem cuberta
Nas andas, que eſmaltadas traz de dores,
Que ſempre as dà mortais, vindo encuberta,
Natural condição de traidores:
Tão grande boca traz, & tão aberta,
Que deſde Eua, & Adam progenitores
Até os filhos vltimos defuntos
Lhe podem caber nella todos juntos.

5

Com ſer loba voraz, tão carniceira,
Que as vidas todas come, toda a vida
Vinha poſta nos oſſos de maneira,
Que toda a carne tinha conſumida:
Mas aſsi tão valente, & tão ligeira
Se moſtra nas batalhas & atreuida,
Que mata, ſem ter ferro, & obra com ira,
Mouendo ſó o ar, que ella reſpira.

6

Tão arrugada velha parecia,
Que ſe tem por certiſsima verdade,
Que de Apollo a Cumea bem vencia
Com Hecuba Troiana na idade.
Tanto que o mundo apenas florecia,
Quando a Adam, em pena da maldade
Que fez, por affeição tão indiſcreta,
Lhe coube por desdita, ter tal neta.

7

Izenta, fera, dura, portentoſa
Hum coruo alfange ſeu rijo afilaua,
Que feroz os cabellos & eſpantoſa
A quem a eſtaua vendo, arrepiaua:
E pella boca atroz, quanto eſpaçoſa
Duas grandes biſarmas vomitaua,
Huma, Perſeguição tinha por nome,
A outra Conſumpção, que as vidas come.

Ine-

8

Inexorauel Atropos & irada
Deo à Perseguição d'este terreno
Huma espada mui dura, & sacalada,
Parca, que fere o peito com veneno;
E herua florecida em seta heruada,
Que toda a humanidade he puro feno,
A Consumpção a dà, porque sem vida
Fique da seta a herua consumida.

9

Tirou a hum anão d'entre seus braços,
Que de dous annos tinha a estatura,
E por Belem lhe manda que dé passos,
Em busca da innocencia mal segura:
Que lhe corte da vida os doces laços,
Porq̃ Deos na suprema & immensa altura
Com eterno saber tem destinado
Ser o seu prazo asi tão limitado.

10

Com voz medonha, horriuel, grossa, & fera
O prazo aos mininos vai chegando,
Para que na diuina & alta esphera
Os và Deos com coroas collocando.
A caterua de Herodes como espera
A permissaõ que o Ceo lhe vai jà dando,
Em chegando a aurora esclarecida,
Aos luzeiros vão tirando a vida.

11

Porque este Rei cruel entre os humanos
Mandou que no destricto, & na comarca
De Belem, para euitar seus danos,
Imaginando ser sempre monarca,
Matasse atè idade de dous annos
Com insolencia fera, a dura Parca
Quantos mininos cruelmente achasse,
Sem que nenhum das vnhas lhe escapasse.

12

Porque em cadaqual d'elles pretendia
Matar a Iesu Christo, porque fosse
Liure do vil temor, em que viuia,
E teuesse do Reino sempre a posse.
Mas foilhe occasião tal tyrania,
Para que d'elle mais se desaposse,
E morra cruelmente lastimado,
Em castigo de seu graue peccado.

13

Correm os feros lobos esfaimados,
Ferindo com crueis & agudos dentes
Os tenros cordeirinhos desarmados,
Abrindolhe de sangue mil correntes.
Colhem os carniceiros vis irados
As pudibundas rosas florecentes,
E debaixo dos pés as tem pizadas,
Tornandose de brancas, encarnadas.

14

Aos peitos das mãis, em que mamauão
No principio as auroras de ſeus dias,
A doce & clara vida lhe tirauão
Eſtes tigres com feras tyranias:
O ſangue com o leite miſturauão,
Que das celeſtiais boquinhas frias
Dos manſos cordeirinhos vem ſaindo,
Todos os corações de dor ferindo.

15

Aas vezes ſem tocar golpe de eſpada,
Para ſi o filhinho a mãi tirando,
E puxando o algoz com mão irada,
Se ficaua entre os dous deſpedaçando.
Outras vezes com furia endiabrada
Co minino às paredes atirando,
Selhe abria a cabeça, & as mãis vião
Os miolos que d'ella lhe ſahião.

16

Pede huma triſte mãi ao homicida,
Que a deixe, para ver ſe lhe val a arte,
Dar hum abraço ao filho na partida;
E elle pello meio alli lho parte.
Outra toda choroſa & eſmorecida
Pede miſericordia ao fero Marte,
E elle executiuo nos rigores
Co ferro deſpedaça as tenras flores.

17

Outra vendo que o algoz do filho tira,
(Deuia ella de ser molher inteira)
Lhe atassalhou a mão, ardendo em ira,
Cos dentes, & mostrou não ser cordeira
Que a hũ, q̃ contra o mesmo Deos cõspira,
He bem se trate assi d'esta maneira;
Que não he culpa ter affecto irado,
Quando a tal ira for contra o peccado.

18

Qual infante innocente festejaua
A espada, porque lhe reluzia,
E do collo materno se lançaua,
E em seus agudos fios se metia.
Qual mouido do Ceo, alto brâdaua,
Quando mais a mãi triste o escondia,
E o algoz matando o cordeirinho,
A alma hia fazer no limbo o ninho.

19

Que vozes pellos ares vão soando,
Que perolas dos olhos distilladas
As espheras diuinas penetrando,
Suas luzes lhe deixão eclipsadas!
Como o vento ligeiro vai leuando
Ricas madeixas d'ouro, que arrancadas
Poderão às do sol dar a belleza,
Que liberal lhe deo a natureza.

Qual

20

Qual mãi vendo mortais as luzes bellas,
Em q̃ as flores de Abril mais reſplandecẽ,
Que poderão no Ceo ſeruir de eſtrellas,
Sem que os filhos de Leda lho tolheſſem:
Sentem penas tão duras, que dizellas,
Parece que os eſpiritos falecem,
E que o entendimento ſe ſuſpende,
Quando em conſiderallas mais entende.

21

Qual no fermoſo ſeu roſto ſe arranha,
E o cabello fino de ouro arranca,
Quando nos braços ſeus cõ preſſa eſtranha
Vè tingida de ſangue a eſtola branca:
E com que ſentimento & dor tamanha,
Das abundantes lagrymas tão franca
Nellas ſe afoga, & da pena vencida
Tambem co filho morto perde a vida.

22

Qual ſaluçando diz: Eſpelho claro
D'eſtes jà cegos olhos, quem pudera
Dar a vida por vós, & menos caro
Aa riguroſa dor tributo dera!
Oo Ceo, pois de clemencia nunca auaro
Conheceis minha dor tão dura & fera,
Em eſta occaſião trocai a ſorte,
O filho tenha vida, & a mãi a morte.

23

Qual diz ao Troglodita & inhumano,
Vendo leuar o seu bello luzeiro,
Para fazer o effecto deshumano,
Que faz o voraz lobo ao cordeiro:
Causa de minha dor, se sois humano,
E de pai tendes zelo verdadeiro,
Eu vos rogo, que abrandeis a vontade,
E tenhais d'este filho piedade.

24

Elle ouuidos cerrando ao doce encanto,
Lhe degola o cordeiro paciente,
Ella vertendo furia em triste pranto
Vingança quer tomar da dor que sente:
Esperame, ò couarde (diz) q̃ em quanto
O sangue d'este Abel, justo innocente
Polla justa vingança a Deos der vozes,
Minhas mãos contra ti serão algozes.

25

Qual gritando lhe diz Tigres Hircanos,
Estes os premios saõ a nòs deuidos?
Mofinas das molheres, que seus danos
Grangeão, pois se perdem por perdidos!
Não vedes que rasgai, ò deshumanos,
Retratos, em que estais tão esculpidos?
Mas sò porque comuosco se parecem,
Merecem muito bem, que se rompessem.

Oo Sal-

26

Oo Saluador do mundo (outra vozea)
Pois que vens a ſaluar, porque condenas?
E com tão atrociſsima cadea
Nos ligas na'priſaõ de tantas penas?
Vem, Saluador diuino, & a ſombra fea
Com tuas luzes claras & ſerenas
Logo ſe auſentarà do pouo amigo,
Vem, porque ſinta Herodes teu caſtigo.

27

Os Arimaſpos mais encarniçados
Andauão na cruel dura matança,
Eſmorecem os peitos magoados,
Vendo poſta no fim ſua eſperança:
Acrecentãoſe mais ſeus roncos brados,
Fenece de ſeu bem a confiança,
De roxo ſangue ſe abrem nouos mares,
E correm viuas lagrymas a pares.

28

De aſſombros ſe veſtio o claro dia,
De ſangue ſe moſtrou Phebo manchado,
E morrendo de ver tal tyrania,
Em cinzas de cryſtal foi ſepultado.
Com veo de eſcuro horror Delia ſahia
Moſtrando tambẽ roſto enſangoentado,
Porque abrazar a terra aſsi deſeja,
Pois contra o alto Ceo fez tal peleja.

Todo

29

Todo o mundo ſe funde com clamores,
E mais que todos clama enternecida
A fermoſa Rachel por ſeus penhores,
Sem lhe poder com lagrymas dar vida:
Não quer conſolação, não quer fauores
Em pena & dor tão forte & tão crecida,
Não quer mais que dar vozes & gemidos,
Que por todas as partes ſaõ ouuidos.

30

Foi de todos os montes eſcutada,
Os valles reſponderão com triſteza,
A celeſtial maquina enlutada
Se moſtrou, quando vio tanta crueza:
A agua mais luzente & prateada
Logo tomou contraria natureza,
As pedras ſeus rigores abrandarão,
As flores & boninas ſe ſecarão.

31

A tunica talar ao vento a fama
Deo voando valor, & aſsi ſe parte,
Toda tinta de ſangue geme & brama,
Soando ſua voz em toda a parte.
Deſde a boca da aurora, que derrama
O theſouro que em perolas reparte,
Até o eſcuro Occaſo paſſeaua,
E eſta grão maldade publicaua.

32

Por onde ſeu cryſtal eſtà vertendo
O abundante Nilo, foi paſſando,
Com a ſonora trompa o ar rompendo,
Em o Egypcio reino vai entrando:
Os inuinciueis hombros combatendo
Do vento, ſem ter peſo, vai voando,
E chega a Heliopolis veloz aue,
A donde a noua dà do caſo graue.

33

Viuia alli Ioſeph, Ieſus, Maria,
Que por ſeruir a mãi, & o filho Infante,
Chegou a merecer tanta valia,
Que elles lhe dão a honra de ir diante.
Enleuados na luz, que a do ſol cria,
Gozauão de hũa lua ſem minguante,
De hum raio, que em reflexos ſoberanos
Lhes cauſaua prazeres ſobrehumanos.

34

Tanto que a voz da fama o rigor forte
Alli denunciou, & a violencia,
Com que a Parca cruel por alta ſorte
Priuou da doce vida a innocencia,
Ioſeph, & a belliſsima conſorte
Se ſentirão ferir, ſem reſiſtencia,
De huma dor apertada & laſtimoſa,
Que as almas lhes treſpaſſa riguroſa.

Deſde

35

Desde a planta do pè atè o cabello
Igualmente os trespassa hum temor frio,
E entre fogo ardente & mais regelo
Vertem do coração o sangue em fio.
O minino Iesus fermoso, bello,
De quem manando està da gloria o rio,
Vendo chorar a mãi & o casto esposo,
Chora, dando sinais de estar medroso.

36

Este preciosissimo minino
Hia crecendo, & luzes jà lançaua
Por sua bella fronte hum sol diuino,
Que os corações de amores abrazaua.
De tantos raios era este sol dino,
De tantos esplendores se cercaua,
Quantos cabellos tinha na cabeça,
Na qual a perfeição estaua impressa.

37

Com graça sobrehumana, & nunca ouuida,
Ià pai & mãi mui claro vai chamando,
Do regaço da mãi esclarecida,
Para ir ao de Ioseph, se vai lançando:
O qual, para ter gloria mais crecida,
Para tras se fingia ir afastando,
Elle estendendo os seus tenrinhos braços,
Là o hia buscar, dandolhe abraços.

38

Ioſeph lhe beija o roſto lindo & bello,
Ajuntando a elle o ſeu tão graue,
Ligaſe nas madeixas do cabello,
Das quais faz o amor priſaõ ſuaue:
Moſtra que dentro n'alma quer metello,
Donde tem a que muda a Eua em aue,
E em chamas de amor puro acendido
Fica com Deos nos braços ſuſpendido.

39

O fermoſo diuino Infanteſinho
Dos braços de jaſmins azas fazendo,
Torna logo a voar ao doce ninho,
De gloria a Virgem pura enriquecendo.
Vindeuos para mim, meu cordeirinho
(A ſoberana mãi lhe eſtá dizendo)
Porque vòs ſois o bem, em que ſò vejo
Tudo quanto gozar pode o deſejo.

40

Abraça ao filho candido & roſado,
E da purpurea roſa entre a neue
O ambar ſoberano diſtillado
Com doçura infinita goſta & bebe.
O minino amoroſo co cuidado
Do muito que ao juſto Ioſeph deue,
O torna a vir buſcar com grande preſſa,
Porque mais ſeu prazer & gloria creça.

41

Ioſeph, que em cordeal amor ſe inflama;
Lhe nega por induſtria ſabiamente
Aquella deleitoſa & doce cama
Dos braços que lhe daua reuerente:
E a neuada mão, que adora, & ama,
Do candido minino, & excellente
Lhe liga, indo com elle os pès mouendo;
Para que Deos a andar va aprendendo.

42

Andai, diuino Infante, andai comigo,
E eſſa mão, que abarca o ſoberano
Ceo & terra (lhe diz) me dai de amigo,
Para poder ter fim do mundo o dano:
Ià para elle, Senhor, voſſo caſtigo
Se torne em doce paz, pois tão humano
Em mim cõ a mão de Adã, q̃ he o culpado,
Tão amoroſamente eſtais ligado.

43

Andai, à lei da infancia obedecendo,
Vós, que com veloz curſo & mouimento
As eſpheras do Ceo enriquecendo
Sobre as pennas andais do vago vento:
Aſsi os ſacros pès ide mouendo,
Ora tomai agora algum alento;
Quem cuidou, immortal ſabedoria,
Que podeſſe Ioſeph ſer voſſa guia?

O minino

44

O minino olhando o pai querido,
Que lhe manda fazer cousa tão noua,
Bolia os pès de neue, mas temido,
Como que teme de cair, se os moua:
E jà de mais esforço enriquecido
Os poẽ firmes no chão, & andar só proua,
Mas dando huma passada, estaua quedo,
Que sugeito à idade tinha medo.

45

Ià dos peitos da mãi virgem Senhora
O doce leite deixa o lindo Infante,
E por essa doçura jà não chora,
Porque vai no esforço muito auante:
Crecia na belleza de hora em hora,
E mostrando destreza triumphante,
Ià nos sacros pès de ouro se firmaua,
E sem ter couardia, só andaua.

46

Todo banhado em gloria, alegre, & vfano
Para a diuina mãi vinha correndo,
Que o seu debil sustento, fraco, humano
Ganhaua na almofada, & mais tecendo:
E com graça & auiso soberano
Infinitas caricias lhe fazendo,
Co dedo no fiado jà tecido
Lhe diz: Querida mãi, deme hũ vestido.

Sim

47

Sim darei, minha esphera de luz pura
(Lhe responde com alma enternecida)
Eu vos farei, meu filho, vestidura,
Que vos possa seruir por toda a vida:
E ficarà tão forte, & tão segura,
Indo em laços de amor toda tecida,
Que tudo na vossa hora derradeira
Partido ficarà, mas ella inteira.

48

Entra o santo Ioseph, que vem de fòra,
Porque ir fòra tambem lhe competia;
O minino, que d'elle ausente chora,
Correndo o vai buscar com alegria.
Ià o abraça, & diz: Pai, venha embora;
Porque não posso estar sem elle hũ dia,
Ioseph o coração todo abrazado
Lhe entrega pellos olhos distillado.

49

Colhendo a Deos nos braços amoroso
O leua a donde coze a mãi amada;
E rindose o minino gracioso
Lhe beija a mão, tirandolhe a almofada.
Ella estendendo o resplandor fermoso,
Como ve de seu Deos ser auisada,
Com infinita graça & com destreza
Poem aos dous que adora, a limpa meza.

50

Ioſeph, que o creador de tudo cria,
Iunto de ſi na meſa o aſſentaua,
E com immenſo amor & alegria
Em as accoẽs humanas o adeſtraua.
A bella & diuiniſsima Maria,
Que em vello, todo o bem junto gozaua,
Certo he, que de tal modo ſe aſſentaſſe,
Que no meio o minino Deos ficaſſe.

51

A qual com o coração de cera branda,
Com que todo o poder humilha & doma,
Pede a ſeu caſto eſpoſo, & tambẽ manda,
Que, por lhe dar prazer, ſeu mãjar coma.
Elle cortez & humilde a tal demanda,
De ſuas mãos de neue alegre o toma,
E com elle, a quem dà ao mundo vida,
Doce & amoroſamente alli conuida.

52

As luzes, que da luz trina à Eeſſncia
Vem mais clara, que o ſol ao meiodia,
Tendo impreſſas as cifras da ſciencia
Em ſua illuminada theophania,
Aa meſa vem fazer doce aſsiſtencia
Com ſumma reuerencia & cortezia,
Vendo que come alli, Deos feito humano,
Para fazer ao homem ſoberano.

53

Com textura de raios, peregrina
Em tunicas de sol vertendo flores
A bella Ierarquia jà se inclina
Dos thronos immortais cõ seus candores.
E logo d'esta mesa dos Ceos dina
Hum Anjo entre os demais superiores,
Que tem louuar a Deos por exercicio,
Tomou de mestre-sala o graue officio.

54

Outro, em que nace a luz com noua graça,
Com hum vestido azul de ouro bordado,
E que entre as esmeraldas, que elle enlaça,
Rutilaua o jacinto mais prezado,
Com tão veloz destreza, que embaraça
Zephyro, quando està mais apressado,
As doces iguarias presentaua,
Outro com mãos mui destras as trinchaua.

55

E posto de giolhos, lhe faz salua
Hum Seraphim tão graue quanto bello,
Que vencendo na luz a estrella d'alua,
Poem no copo o licor, para bebello.
O supremo Senhor, que o mundo salua,
Bebe com são Ioseph, por merecello;
Que he justo, sendo d'elle tão querido,
Chegue dos Seraphins a ser seruido.

Qual

56

Qual meſa triumphante ſumptuoſa
De qualquer ſuceſſor grande de Nino,
Ou qual tão celebrada & tão famoſa
De Cleopatra ao vencedor Latino,
Se vio jàmais na vida tão luſtroſa?
Nenhuma, pois o ſummo alto deſtino
Poz neſta tres peſſoas, em que encerra
Tudo o melhor que tem os Ceos & terra.

57

Muitos Anjos com muſica excellente
Tocão ſeus ſonoroſos inſtrumentos,
E retinia o ar ſuauemente
Co doce murmurar de ſeus accentos.
A Senhora & Ioſeph com gloria ingente
A ſeu Deos, q̃ lhes rouba os penſamentos,
Dão graças, pois no fim das iguarias
Os recrea com tantas melodias.

58

Logo os bellos eſpiritos luzentes
Com ineffauel goſto & alegria
Humildes, cuidadoſos, diligentes
Sobre o alçar da meſa tem porfia:
Todos parte teuerão mui contentes,
E o filho da ſantiſsima Maria
Se lança em ſeu regaço com doçura,
Throno, donde preſide a fermoſura.

59

Chegase o Seraphim mais luminoso
Com auano de seda & ouro tecido,
Fazendo sombra ao rosto tão fermoso,
Que estaua docemente adormecido:
E todo o esquadrão de Anjos zeloso
Vendo seu Deos ao sono tão rendido,
Com o dedo na boca vigiauão,
E com mais olhos, q̃ Argos, o guardauão.

60

Qual o crystal & aljofar que manaua
De sua bella fronte sobre as rosas,
Com mais finas toalhas lhe limpaua,
Que as que Pallas fiou industriosas.
E qual, em quanto o infante repouzaua,
Entre flores & perlas preciosas
Engastadas diuinas esmeraldas,
Lhe tecia lindissimas grinaldas.

61

Qual vez o Patriarca soberano
Com as setas de amor atrauessado
Saindo fora, leua o Verbo humano,
Sò para o pouo ver bem tão prezado:
Toma a mão do minino & Deos arcano,
O qual à lei da infancia sugeitado
Vai fazendo de tudo proua humana,
Com elle ser sciencia soberana.

62

Os ſeus diuinos olhos leuantando,
O que foi de ab æterno ſapiente,
Com grande admiração vai perguntando
Por tudo quanto vé, como innocente.
O ſabedor Ioſeph hia adeſtrando
No humano o diuino Omnipotente,
Declarandolhe o que elle não ignora,
E como a eterno Deos, humilde o adora.

63

Qual enxame de abelhas, que a doçura
Sente do fauo nouo & deleitoſo,
E de tropel com impeto procura
Goſtar o mel ſuaue & ſaboroſo:
Aſsi vendo do infante a fermoſura
As ſiganas, com curſo preſſuroſo
Correm, para poderem fazer proua
D'eſta belleza antiga, que he tão noua.

64

Qual os pès de jaſmins beija & adora,
E qual as mãos de neue pura & branca,
Qual a roſa, que em ſuas faces mora,
Que de toda a belleza eſtà tão franca;
Qual chama venturoſo o dia, & hora
Com ſuſpiros que dentro da alma arrãca,
Que vio o roſto bello & ſublimado,
Que he do Padre immortal, viuo treslado.

65

Qual deſeja tomar a cryſtallina
Mão do fermoſo infante, porque veja
Se de huma perfeição, que he tão diuina,
Semelhante a ventura tambem ſeja:
Cadaqual das ſiganas quer ſer dina;
E ſobre qual ſera, armão peleja;
Lanção ſortes, & ſae alli vencendo
A que entre as demais, vai mais ſabendo.

66

Lhe diz: Minino, que os jaſmins neuados
Venceis em os quilates da brancura,
E os Seraphins em luzes abrazados
Eſcureceis com voſſa luz mais pura,
A cujo aſpecto vejo vinculados
Os doẽs & perfeições da fermoſura,
Dos olhos paraiſo, & doce objeito,
Que em ſeraphico ardor abraza o peito;

67

Minino, que qual maquina eſtrellada
Com voſſas ſoberanas plantas bellas,
Deixais a terra toda ſemeada
De mil flores & candidas eſtrellas;
Moſtraime a voſſa m o deificada,
Que poem ao caſto amor ricas capellas:
Ai que ſorte que tendes tão ditoſa!
Huma eſmola me dai, cara de roſa.

68

Tão claro como o ſol mais tranſparente,
Neſſa mão, que o cryſtal deixa vencido,
Conheço que de Deos ſois tão parente,
Que o ſer d'elle não tendes diuidido.
Sois da parte do pai, omnipotente,
E em todo o Ceo o mais engrandecido,
E da parte da mãi, em vos ſe encerra
Serdes o melhor homem que ha na terra.

69

Quão infinito ſois de Deos querido!
Que de graças vos deo tão copioſas!
Ai como vejo ſerdes perſeguido
De vontades danadas & enuejoſas!
Porque ainda que amor he ſó deuido
Aas luzes d'eſſes olhos tão fermoſas,
Tambem ha aue que ama a noite parda,
E julga ſer a luz do ſol, baſtarda.

70

Triſteza não tomeis, Paſcoa de flores,
Porque tambem ordena o alto fado,
Que ſejais entre inueja de traidores
De mil milhares de almas adorado:
E por correſponder a ſeus amores
Com premio ſobre tudo auantejado,
Neſtas mãos de grandezas infinitas
As tendes jà, Senhor, todas eſcritas.

71

Não vedes, que huma ponta reluzente
Da lança na mão vossa está grauada,
E que se vai metendo internamente,
E a vea do coração deixa rasgada?
Pois esta, que de sangue abre corrente
Com sinais & escritura ensangoentada,
Vos tem vossos penhores nella impressos;
E quanto por amor, fareis de excessos!

72

Oo que terribel cruz vos ameaça,
Por mãos do desamor jà fabricada!
Mas odio não podéra dar tal traça,
Se a licença de amor não fora dada:
E se esse bello rosto, que em luz passa
A clarissima estrella da aluorada,
Nella, lindo minino, não cruzarem,
Ao corpo, affirmo eu, não perdoarem.

73

Ai, meu florido Abril, & que bonança
Aueis de ter despois de tanta magoa!
Iesus, valhame o Ceo, que grande herãça
Vos ha de vir por sangue, & mais por agoa!
D'este rico thesour , que por lança
Vos dara vosso amor, aberta a fragoa,
O dote aueis de dar a vossa esposa.
Com o qual sera rica, & gloriosa.

74

Daime pois huma eſmola, meus amores:
Mas eu, rico theſouro, que mais quero,
Que ver eſſes belliſsimos candores,
Dos quais para minha alma a luz eſpero?
Não buſco outra riqueza, nem fauores,
Mais que o bem de vos ter amor ſincero:
Deos vos guarde, minino glorioſo,
O Ceo diga os applauſos luminoſo.

75

Torna o celeſte Atlante venturoſo
Com o que rege a corte ſoberana,
E vem alegre o todo poderoſo
De ouuir a boa dita da ſigana:
Porque tem por tropheo marauilhoſo,
Por vitoria excellente, & ſobrehumana,
Por felice ventura, & alta ſorte,
Auer de padecer por amor morte,

76

Torna Ioſeph, & traz Deos humanado
Donde eſperando eſtà a doce eſpoſa,
Que ſempre emprega nelle ſeu cuidado,
E d'elle moſtra eſtar bem ſaudoſa.
Fica o Santo contente, & enleuado
Em ſua viſta clara, & luminoſa,
Nella noua alegria reſplandece,
E nelle nouo amor & gloria crece.

A preſenta

77

Apreſenta o minino a Virgem bella,
Que na ſua almofada eſtà laurando,
E humilhaſe aos pés da mãi donzella
O Deos que Seraphins anda pizando:
Com interna doçura chega a ella,
Bebe as perlas dos olhos, que manando
Moſtrão com viuo affecto da vontade
Seu coração desfeito em ſaudade.

78

Sete vezes em carro reluzente
Fez o fermoſo Phebo Abril florido,
E por dar alegria a toda a gente,
Lhe quiz pòr eſmeraldas no veſtido.
Em quanto o Rei do Ceo ſecretamente,
Para não ſer de Herodes perſeguido,
No Egypto viueo, & Ioſeph ſanto
O torna a Nazareth neſtoutro Canto.

MEMO-

MEMORIAL DA INFANCIA DE Chriſto.

ARGVMENTO.

Em ſonhos com tal luz que não ſe iguala
Ao roſto fermoſiſsimo do dia,
O Paranympho ſanto a Ioſeph ſala,
Que leue o Infante Deos, & a mãi Maria:
Que vence jà a morte, & que auaſſala
Aquem fazerlhe guerra pretendia.
Caminha a Nazareth, deixa o Egyto,
Leua a diuina mãi, & Deos bendito.

CANTO NONO.

QVē buſca amor alheio de mudãça,
Quē nelle q̃r achar ſempre firmeza,
Quē nelle ēprega o goſto & a cõfiãça.
Quem d'elle exprimētar quer a lar-
Quem nelle aſſegurar quer eſperãça, (gueza,
Quem d'elle conhecer quer a fineza,
Quem d'elle aualiar quer os poderes,
Quē nelle ſem ter fim, quer ter prazeres,
Buſque

2

Busque o minino amor dentro no Egyto,
Que nelle quanto apõto ha de ir achando
Tudo recolhe em si, que he infinito,
E tudo nelle sò se vai gozando.
Alem d'isto que escreuo, a fè escrito
Deixou, que de tal modo esta amando,
De tal maneira està comnosco vnido,
Que impossiuel sera ser diuidido.

3

Foi tão forte este laço, & verdadeiro
Entre a diuina & humana natureza,
Que nem no vltimo ponto derradeiro
Pode a morte romper sua firmeza.
Naquelle estreito abraço, em q̃ primeiro
Quiz Deos comsigo vnir nossa baixeza,
Ficou, com lhe ficar o corpo em calma,
Quando, por nos dar vida, deo sua alma.

4

E para que melhor seja entendida
Esta vnião que digo, & este laço,
Quero, se não estou mal aduertida,
O amor diffinir, o que não faço
Na maneira que foi constituida
Por Ouidio, Boscão, & Garcilasso,
Senão a que de luz orna o sentido,
Aqual Paulo escreueo vaso escolhido.

Diz

5

Diz, que amor he hum laço forte, & eſtreito
De perfeição ſublime, alta, & diuina,
Que o mais valente braço faz ſujeito,
E liga o coração, quando ſe inclina:
Que he hũ vinculo tal q̃ ao amado objeito
Huma laçada dá tão forte & fina,
Que faz de duas huma alma que prende,
Tanto que ſeu poder diuino eſtende.

6

Eſte laço de amor, he caridade,
Que em todas as acções & faculdades
Com engenho ſutil, & habilidade
Faz que ſeja huma ſò, duas vontades:
Então conhece a alma ſer verdade
Eſcolhida entre as mais certas verdades,
Que por experiencia bem ſe exprima,
Que mais viue a dõde ama, q̃ onde anima.

7

Para ſer toda a alteza comprendida
Do amor, conuem darſe eſta laçada,
E com tal ſutileza ſer tecida,
Que não poſſa jàmais ſer deſatada:
Que não ſò por affecto fique vnida
De duas, hũa ſendo a couſa amada,
Senão que por eſſencia & puro effeito
De dous faça ſer hum o amor perfeito.

A eſte

8

A este grao de amor, que he mais subido,
Chegou só o minino namorado,
Pois sendo Deos de gloria enriquecido,
O ser da cousa amada tem tomado.
Amou, & logo foi ao homem vnido,
Aqui nenhum amor teue chegado,
Nem se pode esperar, por mais q̃ amasse,
Que outro, fóra de Deos, aqui chegasse.

9

Vnido d'este modo docemente
Co homem em Egypto Deos estaua
Mamando aquelle leite, que excellente
Dos peitos da Senhora o confortaua:
Aqual sem descançar com peito ardente,
Em seruillo & criallo se occupaua
Com seu pai são Ioseph, que de contino
Se estaua suspendendo no minino.

10

Em quanto este Senhor era de peito,
Dormia com a Virgem mãi celeste:
Tanto que foi crecendo, em laço estreito
Com são Ioseph repouza, & elle o veste.
Tinhalhe summo amor, grande respeito,
Nem nesta vida ouue homem terreste,
Que de Deos tantas graças alcançasse,
Nem que tantos fauores seus gozasse.

11

Em ſeus braços o deixa adormecido
A noite jà no meio de ſeu cume,
Fermoſa com veo claro & mui luzido,
Mais d'aquelle que tinha por coſtume,
Todo o mundo fazia enriquecido,
Por lhe lançar o ſeu confuſo lume
Com mão tão liberal, tão rica, & franca,
Que deixaua enuejoſa a Cynthia branca;

12

Quando de raios de ouro variado,
E de claros luzeiros, como eſtrella,
Dourando o ar ſutil, & delicado
Co luzido valor da roupa bella,
Hum Anjo bate as azás apreſſado,
Entrando adonde Deos dormindo vela,
E vè com clara viſta tranſparente
O paſſado, o futuro, & o preſente.

13

E vio que o infinito alli cabia
Nos braços de Ioſeph, q̃ tanto o preza,
Que o eſquerdo bracinho lhe metia
Debaixo da cabeça com terneza;
E do direito hum laço lhe fazia
Com tão raros quilates de fineza,
Com exceſſos de amor tão ſingulares
Como ſinala a eſpoſa nos Cantares.

Eſpiritos

14

Espiritos de viuo fogo ardente
Na cama, que parece primauera,
Brotaua o Anjo puro refulgente
Em seu diuino ardor desfeito em cera:
Vendo quão delicada & docemente
Aquelle Deos, que adora a alta esphera,
Dormia com Ioseph no proprio leito
Em laço tão interno, & tão estreito.

15

Nesta alteza de altezas imagina,
Ficando em suspensaõ alta & secreta,
E seu silencio n'alma mais se afina
Com vir para mostrar voz de trompeta:
Mas do Infante a luz clara & diuina
Lhe dà força & vigor com que acometa,
E va vociferando a embaixada,
Que do Ceo a Ioseph vem dedicada.

16

Ioseph, do Ceo de amor diuino Atlante
(Assi em sonhos diz o Nuncio claro)
Que o thalamo de gloria triumphante
Tẽ Deos em vossos braços mais preclaro,
Com a sagrada mãi & sacro infante,
De vossa alma amorosa penhor caro,
D'este reino parti, que o Ceo ordena
O desterro ter fim, que vos dâ pena.

17

Ide para Iudea caminhando,
Que aſsi o ſoberano alto deſtino
Com ſeu ſummo ſaber vai ordenando
Por modo ineſcrutauel, & diuino;
Porque a gente inimiga, que traçando
Hia perderſe a vida do minino,
Ià debaixo do carro eſtà pizada
Da morte inexorauel, fera, irada.

18

Diſſe, beijando os pès de neue pura
Do filho de Deos Padre humildemente,
Que dorme, como humana creatura,
E vela, como Deos omnipotente:
Voando, logo foi à mór altura,
Paſſando o ar & fogo tranſparente,
E mais candido & bello, que a aurora,
Lâ neſſe Empyreo Ceo a Deos adora.

19

Deſpertou ſaõ Ioſeph, & leuantouſe,
Sem ter perturbação, nem ſobreſſaltos:
Dos ſegredos diuinos admirouſe,
E com razão, pois vio ſerem tão altos:
Com jubilos ſuaues alegrouſe,
Determinando dar ao ſol aſſaltos,
Que cõ ſer noite eſcura,& eſtar dormindo,
O dia por ſeus olhos vem ſaindo.

20

Deſpertai (diz) Senhor das Ierarquias,
Dos altos Seraphins ſempre adorado,
Minino ſem principio em voſſos dias
Deixai, querido meu, o ſono amado:
Goze a terra d'aquell s alegrias,
Que he ver em voſſos olhos acordado
O ſol eſtar nacendo no Oriente,
Sem nunca ſe eclipſar ſeu raio ardente.

21

Voſſas luzes abri, luz de minha alma,
Pois a com que feris, & me alumia,
Faz ſubir glorioſa minha palma
Sobre a mais alta eſphera da alegria:
Alcance eu jà gozar da doce calma
De voſſo reſplandor, ſol de meu dia,
Acordai, Deos de amor, porq̃ vos chama,
Quem muito mais q̃ a ſi, vos quer & ama.

22

E como o radiante ſol diuino
Da nuuem tira o roſto mais fermoſo,
E moſtra o raio ſeu mais cryſtallino,
Mais puro, mais ardente, & luminoſo,
Aſsi como acordou logo o minino,
E deſpedio o ſono; luminoſo
Moſtrou, abrindo os olhos de improuiſo,
De par em par aberto o paraiſo.

Com

23

Com ſembrante amoroſo & agradauel
Na cama ſe aſſentou, em que dormia,
São Ioſeph com goſto inexplicauel
O mandado do Padre lhe dizia.
Aquelle Deos ſupremo & admirauel,
Pego da immortal ſabedoria,
Theſouro, em que a gloria toda cabe,
Com attenção lhe eſcuta o que jà ſabe.

24

E tanto que foi d'elle alli ouuido
O mandado do Padre diligente,
Começa de pedir o ſeu veſtido
Com graça, q̃ outra tal vio nunca a gente.
Ioſeph de noua gloria enriquecido
A tunica inconſutil excellente
Por ſua mãi ſantiſsima tecida
Lhe veſte; ó quem lha vira então veſtida!

25

Veſte a ſumma ſciencia increada,
Que a terra & Ceo veſtio de fermoſura,
E ſujeito à infancia delicada,
Não ſabe bem cingir a veſtidura:
Naquella veſtimenta endeoſada,
Prenda dada de mãi, mais que o Ceo pura,
Ficou o ſoberano & lindo infante,
Como engaſtado em ouro o diamante.

26

Aa phenis entre todas escolhida
Vai Ioseph dar a noua venturosa,
Cuidando que esteuesse adormecida
Quem no Ceo sempre viue cuidadosa.
Mas vio que estaua a Virgem suspendida
Na contemplação sua gloriosa,
Dando de maior luz ao sol ensaios
Com illuminação de nouos raios.

27

O Santo a chama branda & docemente,
Quãdo ella humilha os Anjos mais altiuos,
E sobre o Ceo Empyreo refulgente
Piza com pès de neue thronos viuos.
Acode a seu esposo obediente
Aquella que o resgate de catiuos
Tirou do rico nacar precioso
De seu gremio diuino & glorioso.

28

Ioseph no resplandor puro enleuado
Da bella & fermosissima Maria,
Lhe declara o mysterio relatado,
Com o qual recebeo summa alegria.
Por aluiçaras torna a seu amado
O bem com que ella mais o enriquecia,
Que era mostrarlhe o rosto de belleza,
Que he da terra & do Ceo a mòr riqueza.

Em seu

29

Em ſeu eburneo coche ainda eſtaua
Da roxa luz de Apollo a roubadora,
Quando Ioſeph ſeraphico tiraua
Do cego Egypto o ſol, & a bella aurora.
E para a cara patria ſe tornaua,
Toda aquella prouincia geme & chora,
Acrecentando ao Nilo com ſeu pranto,
Vendo ir Ieſus, Maria, & Ioſeph ſanto.

30

Deos nos braços leuaua com cautella,
E a diuina mãi, que foi tão dina,
Que deſpois de parir, ficou donzella,
Leuaua pella mão alabaſtrina:
Da gloria de Ioſeph ſe alegra ella,
Vendo que por ventura peregrina
O carro ardente he, do ſacro Elias,
E o Anjo Raphael do bom Tobias.

31

Ià a roſada aurora coroada
Seu cryſtallino carro conduzia,
Quando huma legua tinhão de jornada
O minino Ieſus, Ioſeph, Maria:
A qual alumiou quem lhe tem dada
A luz com que ella faz nacer o dia,
Mais candida, & com noua fermoſura
Logo argentou da noite a ſombra eſcura

32

Ioseph vendo a sagrada esposa pura
Ir a pé de descanso tão alhea;
Huma mui mansa asninha lhe procura
Tanto que foi entrando numa aldea.
E como com vontade em amar se apura,
E em seruillos tanto se recrea;
Poz nella a mãi & filho soberano,
E elle de ir a pé não sente o dano.

33

Leuaua a candidissima pombinha
Ao templo alto de Deos, & arca amada
O ramo da oliueira, com que vinha
Dar jà sinal da paz tão desejada.
Temia a serenissima Rainha
Que na margem do Nilo celebrada,
Sem lhe poder valer seu doce abrigo,
Padecesse o minino algum perigo.

33

Teme os montes altissimos de area,
Os quais pizando, às nuuens vão subindo:
Teme que a fome fraca, vil, & fea
A Deos nomem se atreua ir preseguindo.
Do casto esposo seu muito arrecea
Não poder o caminho ir proseguindo:
Ate que quanto mais elle se anima,
Tanto mais ella na alma se lastima.

Indo

35

Indo ſeguindo os tres ſua derrota
Por deſertos, & aſperas montanhas,
Caminhando por via tão remota,
Por partes tão lõginquas, quãto eſtranhas:
Ouuirão huma voz viua & deuota,
Que parece ſahia das entranhas,
Dizendo enternecida & mui ſonora:
Meu minino Ieſus, venhais embora.

36

Que qual as fontes de aguas ancioſo
Buſca o ferido ceruo na peleja:
Tal meu affecto da alma feruoroſo
Para apagar a ſede vos deſeja.
Depoſito do ſol bello, & fermoſo,
Seja eu tão venturoſo que vos veja;
E mereça, curſando duros paſſos,
Gozar voſſos dulciſsimos abraços.

37

Attentos os felices peregrinos
Com ſuſpenſaõ humana & piedoſa
Aos ecos ſuaues & diuinos
De voz tão efficaz, quanto amoroſa,
Hum vulto virão vir, que aos continos
Que aſsiſtem lá na corte glorioſa
Em perfeição de graça ſoberana
Excedia na terra, em carne humana.

38

Virão cos pès descalços hum minino,
Que se admiraua o Ceo, suspēso em vello,
Cingido de hum cilicio (ó amor fino)
E vestido de pelles de camello:
Seu rosto mais que humano, era diuino,
Em todas as feições perfeito & bello;
Porem de cor morena foi notado,
Porque o tinha do sol o ardor tostado.

39

Este era o esplendor, que antes dos dias
O autor das grandezas eminentes
Precursor decretou ser do Messias
Claro espelho dos homens penitentes.
Propheta sem igual, que excede a Elias,
O maior que naceo cà entre as gentes,
Que foi por Deos tido neste mundo
Primeiro em perfeições, sem ter segundo.

40

Que o prophetico esprito (ò cousa rara)
Andando elle fazendo penitencia
Neste aspero deserto, lhe dictara
Dos peregrinos tres a excellencia:
E conheceo alli com vista clara
Do Verbo disfarçado a omnipotencia,
Seu infinito ser, valor eterno,
Como no anciāo ventre materno,

41

Tanto que a voz Ioão rompeo do peito,
O de Iesus ſuaue penetrando;
Bradou a ſaõ Ioſeph com grande affeito
Que o foſſe ſem tardar logo abaixando.
O Santo obedecendo com effeito,
Do regaço da mãi o vai tirando,
E ſobre os hombros poem a mão ditoſa,
Donde eſtriba a eſphera Empyreoſa.

42

Abaixa Deos à terra o ſacro Atlante,
E os dous infanteſinhos delicados
Ficarão hum do outro firme amante
Com affectos reciprocos ligados:
Em Olympica luz clarificante
Bellos & luzidiſsimos banhados
Lagrymas de prazer doces vertião
Seus collos de marfim ambos cingião.

43

Ioſeph, & a perfeitiſsima Maria
Aos dous ſoes, que no throno eminente
Comunicão a Deos noua alegria,
E ſaõ dos olhos ſeus rico Oriente,
Acompanhão no coro de alegria
E no candido amor, puro, & ardente,
Seguindo ao Baptiſta, que caminha,
O minino Ieſus para a lapinha.

Entrão

44

Entrão na ſem igual funda cauerna,
Donde o celeſtial Anjo em pureza,
Banhado em clara luz, q̃ he ſempiterna,
Fazia penitencia de aſpereza.
Offereceo à mãi da vida eterna
O minino gigante na grandeza
Logo de mel ſilueſtre hum ſeu tarrinho
Para ella, ſaõ Ioſeph, & o cordeirinho.

45

Comeo Ieſus, Maria, & Ioſeph ſanto
D'aquelle doce mel delicioſo,
Que por ſer do Baptiſta ſacroſanto,
Lhe foi confortatiuo, & mui goſtoſo.
Era o contentamento, & prazer tanto
Do minino infinito, & poderoſo,
Que tendolhe do peito a porta aberta,
O coração lhe daua por offerta.

46

E ſe he certo que o Ceo, de hum miſerauel
Peccador penitente ſente gloria,
E os Seraphins com goſto inexplicauel
Feſtejão ſeus triumphos, & vitoria,
Como ſeria o goſto penetrauel
De Deos, vendo na vida tranſitoria
Andar hum como Anjo encarnado
Fazendo penitencia ſem peccado!

Que

47

Que ſegredos, que candidos amores
Os dous mininos juntos falariaõ!
Que ſinais dos affectos interiores
Tão diuinos amantes moſtrariaõ!
Que internos diuiniſsimos fauores
Ambos juntos vnidos ſe fariaõ!
Que lagrymas, que dor, que ſaudades,
Que finezas, que amor, & que verdades!

48

A Virgem mãi de Deos, intacta, & pura
Segunda vez o toma nos ſeus braços,
Como em madrinha fez, que eſta ventura
Teue elle deſde os ſeus maternos laços.
Lançoulhe muitas benções de doçura,
Deolhe mil candidiſsimos abraços,
O bendito Ioſeph, que o acompanha,
Em lhe moſtrar amor ſe deſentranha.

49

Deſpois que o mantimento receberão
Do mel, com que Ioão os alimenta,
E a Deos infinitas graças derão,
Porque tão liberal todos ſuſtenta:
Para fóra da lapa ſe vierão,
Adonde entre os dous ſe repreſenta
Hum paſſo tão deuoto, & tão ſentido,
Que deixa o coração enternecido.

Porque

50

Porque vendo chegada a despedida
O minino Ioão com Deos ligado,
A cor do rosto já tendo perdida,
Lhe caio sobre seu hombro sagrado.
O sacro infante Deos, por lhe dar vida,
Entende que conuem ser borrifado
Com lagrymas ardentes amorosas
De seus olhos, que saõ candidas rosas.

51

E como lhe elle pede nos Cantares,
Para o tornar bem d'este accidente,
Lhe derrama estas flores a milhares
Christo minino & Deos suauemente.
Bebe Ioão as perlas singulares,
Iesus com singular amor ardente
Cos crystais soberanos lhe alimpaua
As que elle por seus olhos derramaua.

52

Em fim cos corações sem fim vnidos,
Os mininos alli se despedirão,
A Senhora & Ioseph de amor feridos
Com viuas saudades se partirão.
Em o sacro Ioão enternecidos
Pollo muito que nelle do Ceo virão,
Empregando o cuidado & fantazia
Vão seguindo a penosa & larga via.

53

Neſte caminho, que elles vão ſeguindo
Aſpero, inhabitauel, trabalhoſo,
Ora o bello minino vai ſubindo
No regaço da Virgem precioſo;
Ora o toma Ioſeph nos braços rindo,
Ora o poem ſobre os hombros amoroſo,
Ià pella mão com goſtos ſoberanos,
Sẽdo o diuino infante então de oito ãnos.

54

Duas vezes de luzes argentada
Moſtrou a bella fronte tranſparente
A vigilante Delia confiada
Da noite ſe alegrar vendoa preſente:
Outras duas do reſplandor priuada
No ſeu Ceo ſe eſcondeo confuſamente,
Em quanto os peregrinos ſingulares
Virão de Paleſtina os freſcos ares.

55

Ioſeph cheio de goſto & ſumma gloria
Sauda com amor a amada terra,
E dà os parabens d'eſta vitoria
Aa mãi de quẽ venceo do mundo a guerra.
Ella com a vontade, & a memoria
Em Deos, no qual o bem todo ſe encerra,
Rende as deuidas graças ao minino,
Por lhe dar hum triumpho tão diuino.

Quando

56

Quando do ſacro monte do Parnaſo
Sobre globos de luz apparecendo
Vinha huma bella dama que do Occaſo
As eſpaldas jàmais pode ir temendo:
E na Caſtalia fonte em campo raſo
Com rica vara de ouro reuoluendo
A agua foi, que em cryſtais ſe dilata,
Fazendo tornaſoes de fina prata.

57

Vinha eſta ſingular & excelſa dama
Veſtida de mui rica pedraria,
Com roſto refulgente mais que a chama
Da clariſsima alampada do dia.
E ſe querem ſaber como ſe chama,
Digo que em lingua Grega diz Sophia,
A Latina declara Sapiencia,
Vnida ao ſer de Deos com exiſtencia.

58

Sobre a creſpa madexa de ouro tinha
Huma coroa rica & preçioſa,
Hum prezado carbunclo nella vinha,
Que eſcurecia a luz mais luminoſa.
E com a grauidade de Rainha,
Moſtraua mageſtade imperioſa,
Cauſando admiração aquem a olhaua,
Que parece que o mundo auaſſallaua.

59

Ao ſonoro & doce mouimento,
Que na liquida fonte cryſtallina
Mouida de celeſte & alto intento
Fez com a ſacra mão, ſabia, & diuina,
Sairão dentro da agua num momento
Mil nymphas de belleza peregrina;
Com applauſos de luz vinhão ſerenas
Cubertas de jaſmins, & de açucenas.

60

Com arpas de cryſtal d'alli ſahião,
E com violas de arco mui fermoſas,
Sendo as cordas que nellas reluzião,
Prata liquida em toque ſonoroſas.
Da Sapiencia as glorias applaudião:
E vendo as luzes d'ella luminoſas,
De todas foi em claro alli cercada,
E como alta Rainha, venerada.

61

De glorias immortais as nymphas cheas,
E deſpois a adorarão juntamente,
E logo com mil danças & choreas
Da gloria oſtentão, que cadaqual ſente:
De bailes indecoros bem alheas
Com virginal applauſo mui decente
As arpas cryſtallinas temperarão,
E com vozes diuinas lhe cantarão.

Huma

62

Huma por huma a todas poz grinaldas,
Metendo rosas de ouro entre mil flores,
Mescladas com jacintos & esmeraldas,
E pedras de riquissimos valores:
Pozlhe sobre a cabeça atè as espaldas
Finissimos sendais de honestas cores;
Que então se estima mais ver a belleza,
Quando ella està cuberta de pureza.

63

E como a Sapiencia sempre aspira
A lhes dar de seus does ricos augmentos
As immortais grandezas lhes inspira,
Que a tal fim se encaminhão seus intentos:
Com ellas se abraçou, & lhes respira
Nouas luzes em seus entendimentos;
Porque infunde a diuina Sapiencia
De todo o bem perfeito a existencia.

64

Espalhando a suaue voz diuina,
Com que vai de contino penetrando
O Ceo, a terra, o mar, que ella benina
Com sua omnipotencia foi creando;
Logo do alto monte se lhe inclina
Hum coro soberano, que cantando
Vencia na doçura & melodia
Dos igneos Seraphins a Ierarquia.

65

Sete vozes ſoauão ſonoroſas,
Ferindo o Ceo Empyreo com clamores,
E por ellas mil chamas amoroſas
Lançaua Deos de ſeus doces amores:
Por ellas com entranhas piedoſas
A juſtos vai rogando & peccadores,
Se lembrem do amor immenſo & forte,
Com que, por lhe dar vida, ſofreo morte.

66

Entre ellas com triumpho mageſtoſo
Debaixo de ſeus pés pizando o mapa,
Se moſtraua hum varão graue & fermoſo
Com alua branca, eſtola, & rica capa:
Declaraua com raio myſterioſo
Que ſoube criar filho, que foi Papa;
Mas curta ſerei eu, ſe hum ſó lhe aponto:
Quarenta & oito teue; eſte he o conto.

67

Com Real pallio de ouro recamado
As diuinas cantoras o cobrião,
E vinha nelle Apollo debuxado,
Cujos raios à fronte lhe decião:
No meio eſtaua hum platano pintado,
E ſeus ramos na terra ſe eſtendião
Com letra que dizia: Mais cobrira
Tal ſombra, ſe maior o mundo vira.

68

Vinhão em ſeu diuino ſeguimento
Niueos & candidiſsimos cordeiros
Huns a pos outros, que erão cento a cento
Os eſquadroẽs de armados caualeiros:
As armas erão ricas no ornamento,
Todas ſemeadas de luzeiros,
Com a luz das eſtrellas competião,
E vencer toda a guerra prometião.

69

Em torno com aquelle engrandecido
Varão alto & diuino ſe chegarão
Para a Sabedoria, aquem deuido
Se ledo rendimento tributarão.
Ella com ſeu valor alto & ſubido
Deſpois que todos juntos a adorarão,
A ſeus Heroes todos deo hum louro,
Que quantos ramos tinha, erão d'ouro.

70

Ao ſeu capitão, que triumphantes
Vitorias alcançou ſempre na vida,
Huma coroa poz de diamantes
Por ſuas altas obras merecida:
E com todos nas luzes ſemelhantes
A eſphera diafana luzida
Caminha, para darem doce ſalua
Là no Iordão ao ſol & eſtrella d'alua.

O ceruleo

71

O ceruleo Iordão tal bem gozando,
Não ſabe ſe a corrente deteueſſe,
Como fez outra vez, quando paſſando
Por elle a arca foi, que o enriquece,
Ou ſe dos braços ſeus o amor moſtrando
Hum aſſento bizarro lhe fezeſſe,
Para que os tres da terra mais ſupremos
Não mendigaſſem pobre barca & remos.

72

Niſto em throno de eſtrellas apparecem
A Sapiencia & nymphas tão fermoſas,
As luzes do Varão, que reſplandecem
Mais que as chamas de Phebo luminoſas:
De toda a companhia as glorias crecem,
Ouuindo as ſete vozes deleitoſas,
E juntas todas, como as aqui ſerro,
Rodearão a Virgem do deſterro.

73

Então a Sapiencia, que impaſsiueis
Formou as creaturas tão prudente
Pois fez Ceos, Seraphins, & nas paſsiueis
Tambem ſe quiz moſtrar omnipotente;
Eſta, que as couſas viſtas, & inuiſiueis
Dependem de ſeu ſer eternamente,
Com melliflua doçura & melodia
Diſſe aſsi à ſeraphica Maria:

74

Vnica ſem igual, aguia diuina,
Que as offenſas do ſol nunca padece,
Maria ſingular, & peregrina
Phenis, q̃ entre as mais aues reſplandece,
Izenta totalmente da ruina,
Em que a eſtirpe de Adam toda perece,
por mais que valeroſo em tanto empenho
Se atreua a arte, & ſe apure o engenho;

75

Eu venho do Parnaſo, em que ſe apura
O grao mais leuantado da ſciencia,
Porque neſſe lugar, & neſſa altura
Mora ſempre a diuina Sapiencia.
Fui à Caſtalia fonte, clara, & pura,
Que tem agua de viua intelligencia,
E d'ella trago aqui alimentadas
Eſtas nymphas, que a vòs vem dedicadas.

76

Eſte monte ordenei foſſe traslado
De huma Religião, que no futuro
Moſtrará ſeu imperio dilatado,
Dos eſtragos do tempo bem ſeguro.
Que eſte varão, que aqui vem coroado,
Lhe ha de fazer tão rico & forte muro,
Que ſem ter fim, ſera permanecente,
Cauſando admiração a toda a gente.

D'eſte

77

D'este Heroe diuino, Virgem pura,
Do qual hão de gozar futuros annos,
Aqui trago a bellissima figura
Cercado de triumphos mais q̃ humanos.
Este tera comuosco tal ventura,
Que d'esses brancos peitos soberanos,
E do leite que a Deos destes minino,
A este grande Santo fareis dino.

78

Este he quem no Parnaso sacro monte
De Cister, ha de ter tanta vitoria,
Que da sabedoria abrindo a fonte,
Alcance d'ella em cifra toda a gloria:
E este como pai de Phaetontes,
Em estendendo os raios, sua historia
De polo a polo a fama irâ cantando,
Seu nome aos fins da terra dilatando.

79

A fama lhe dara gloria subida
Na terra & mais nos Ceos cõ voz eterna,
Com valor immortal na mortal vida
Conseguirà sem fim a sempiterna.
Sua Religião esclarecida,
Que por seu claro norte se gouerna,
Sera jardim de flores adornado,
De Deos com gosto immenso cultiuado.

80

Todos os Heróes de armas reluzentes,
Que em fortes eſquadrões o vê cercando,
São os diuinos ramos florecentes,
Que d'eſta ſacra plãta hão de ir brotãdo:
Que o Ceo padece força, & os valentes
São os que o vão por lanças alcançando,
Nem là ſobe ninguem, ſem que primeiro
Saiba ſer muito deſtro caualeiro.

81

Neſtas nymphas, belliſsima Maria,
Ià vem muito ao viuo retratadas
As Virgens encerradas, que elle cria,
E na Caſtalia fonte tem banhadas:
As quais para lhe herdar ſabedoria,
Acertarão de ſer tão bem fadadas,
Que neſtas aguas quiz que ſe banhaſſem,
Para que ſeu morgado eternizaſſem.

82

As ſete vozes claras de amor dinas,
Que com accento doce & alternante
Suſpendendo as eſpheras cryſtallinas,
Vem em diuina eſquadra roçagante,
São ſete Miſſas ſacras & diuinas,
Em cujo ſacrificio Deos amante
Se quiz dar a comer em pão de roſas,
O ſello pondo às obras amoroſas.

Se por

83

Se por elle com ſumma intelligencia
O mundo em ſete dias foi creado,
E com tanto valor & preminencia
De ſignos doze o orbe coroado,
Mais grandezas de ſua omnipotencia
Em eſtas ſete Miſſas tem cifrado,
Porque nellas, ſantiſsima Maria,
Faz de voſſos eſcrauos confradia.

84

Cà na terra os mortais peitos humanos
Com eſtas ſete Miſſas em memoria
D'eſte voſſo deſterro de ſete annos
(Materia que pedia larga hiſtoria)
Serão voſſos catiuos ſoberanos,
Porque mui ſoberana fica a gloria
De ficar tendo o mundo por Senhora
Aquella, aquem o Ceo Empyreo adora.

85

Tereis, Emperatriz da alta coroa,
Là nos futuros dias, na ditoſa
Quanto Real cidade de Lisboa
Huma caſa magnifica, & famoſa:
Adonde, deſde a mais alta peſſoa
Atè a mais humilde, & deslustroſa,
Sereis candida pomba venerada,
E todos vos terão por auogada.

86

Nesta fabrica digna d'essa alteza,
Que tem sobre a de Epheso vencimento,
Cujo adorno, valor, traça, & riqueza
Admira o mais sublime entendimento;
Festejada sereis, alta Princeza,
Applaudindo deuoto exalçamento
Vossas virtudes, rosas, & açucenas
Com Missas procissões, sermões, nouenas.

87

Com musicas diuinas, canções varias,
Ao som dos acordados instrumentos,
Com festas de inuenções extraordinarias
Que trasmontem nos Ceos os pensamẽtos.
Com jogos, bailes, danças, luminarias,
Com faustos soberanos & opulentos,
Tudo à vossa grandeza dedicado
Por este catiueiro libertado.

88

Vossas altas empresas, Virgem pura,
Serão pellas paredes retratadas
Em mui ricas medalhas de esculptura,
Donde ficarão sempre eternizadas,
Os cegos terão luz clara & segura,
Aos mortos as vidas serão dadas,
Dos surdos se abrirão logo os ouuidos,
Por vòs serão os mudos socorridos.

Todos,

89

Todos, para que dem de amor exemplo,
Os que de dor as almas virão cheas,
Pendurarão, Senhora, em vosso templo
Dos tristes catiueiros as cadeas:
Em cujo sanctuario jà contemplo
As riquezas, que saõ da terra alheas,
Estarem nelle em cifra reduzidas,
Aos confrades sendo repartidas.

90

Do mellifluo Bernardo este traslado
Vos vem render com gloria mui crecida
Graças polla merce, jà penhorado
De ser á ordem sua concedida.
O mundo que tal bem tem alcançado,
A elle com vontade agradecida
Deue por toda a vida dar louuores,
Pois que por elle goza tais fauores.

91

Disse, & as bellas nymphas pressurosas
Cortando da agua vão logo o thesouro
Com capellas de flores & de rosas
Sobre o fino cabello, crespo, & louro:
Humildes, festiuais, & amorosas
Vão beijar ao minino os seus pès de ouro,
E saudão a mãi em companhia
Do viceparacleto, que a Deos cria.

Nos

92

Nos caſtos hombros, que a intacta neue
Em candor vencem, tomão a barquinha,
Peſo ſuauemente brando, & leue
Era o que em ſeus hombros ſe ſoſtinha:
Ellas ligeiramente poem em breue
Na praia; que o amor que nellas vinha,
As faz na fortaleza tão conſtantes,
Que chegão a poder ſer do Ceo Atlantes.

93

E amarrando em terra firmemente
A embarcação com perfeição diuina,
A Deos cantando glorias, de repente
A viſaõ ſe ſuſpende peregrina.
Niſto apparece a aurora refulgente
Com a face abrazada & cryſtallina,
E mil perlas vertendo o bello dia,
Ià com à meia luz introduzia.

94

Sae com mageſtade ſoberana
O mercador Ioſeph logo diante,
E traz da ſacra nao rica Indiana
O eterno theſouro de Leuante.
E vem a mais fermoſa, que Diana
Seguindo ſeu querido nauegante,
Que qual Bias, fugindo do perigo,
Soube todo o ſeu bem trazer comſigo.

95

Vendose em saluo já Noe ditoso
Com a sua familia gloriosa
Vencedor do diluuio temeroso,
E possuindo a paz tão deleitosa,
Apenas em triumpho tão gozoso
Se recreaua a alma affectuosa,
Quando a pena, por ser da gloria espia,
Lhe quiz vir a embargar sua alegria.

96

Porque ao sacro Ioseph lhe foi contado
Como Archelao, aquelle filho herdeiro
Do pai que no abismo atormentado
Era de Lucifer jà companheiro:
E reinando em Iudea, intitulado
Estaua por tetrarca verdadeiro;
E filho de tal pai, justo he cuidasse
Tambem a tyrannia sua herdasse.

97

Temeo ir là Ioseph, mas o destino,
Que o rege com seu eterno auiso,
Lhe reuela que o filho Deos minino
De Galilea não seja diuiso.
Caminha a Nazareth o pai benino,
Leuando o resplandor do paraiso,
Eu me deixo ficar: porque entretanto
Possa alento cobrar para outro Canto.

MEMO-

MEMORIAL DA INFANCIA DE Chriſto.

ARGVMENTO.

O bendito Ioſeph, & a Virgem pura
Com coração & peito enternecido,
Sentindo da auſencia a pena dura,
Buſcão por toda a parte a Deos perdido,
No cabo de tres dias de amargura
O acharão no templo recolhido,
Scintillando diuinos reſplandores,
Com que moſtra o ſaber entre Doutores.

CANTO DECIMO.

A Todos os que tem caſtos amores,
E tem d'aquelle amor a confradia,
q̃ por moſtrar ao mũdo ſeus valores
Poz o Ceo em cõcerto & armonia;
Que a maquina das couſas exteriores
Conſerua em ſeu vigor, deſpois q̃ as cria,
E co grande valor que em ſi encerra,
Em ſeu centro tem firme ſempre a terra;

A eſtes

2

A eſtes que em razão pura fundados
Tem ſò o bem honeſto por objeito,
Por aluo, a donde o fim de ſeus cuidados,
Sem nunca errar o tiro, vai direito;
Que como verdadeiros auiſados,
Nunca deſejão mais que o bem perfeito,
E julgão por grandeza ſem ſegunda
O amor que em virtude ſó ſe funda;

3

A eſtes que dão ſempre ao ſol no fito,
Aguias ſua luz ardente examinando,
Pois penetrando ardor tão exquiſito,
Ficão de tantos raios triunfando,
Com rogo affectuoſo humilde incito,
Que as penas examinem, contemplando
Que a Virgem ſacratiſsima Maria
Na auſencia de ſeu filho ſentiria.

4

Deſpois que a mãi mais pura que açucena,
E ſeu eſclarecido & ſanto eſpoſo
Gozarão com a paz d'alma ſerena
A infancia de Chriſto precioſo;
E deſpois que trocada em gloria a pena,
Que lhes cauſou Herodes enuejoſo,
Com Deos em Nazareth juntos viuião,
E na ſua belleza ſe reuião.

5

Virão que doze vezes Grineo louro
Tinha bordado ao Peixe a branca eſcama
Com o rico valor de ſeu theſouro,
A quem o mundo todo eſtima, & ama:
Deſpois que Deos minino ſobre o ouro
De ſeu diuino ſer, q̃ o Empyreo acclama,
Em o ventre da Virgem ſoberana
Poz a capa mortal da tea humana.

6

Virão que d'eſta idade era obrigado
A dar ſatisfação ao ſacro rito,
Em memoria de ter Deos libertado
Seu pouo, caſtigando Elrei de Egyto:
E ſó por obſeruarem tal mandado,
Vão caminhando jà a ſeu deſtrito
Leuando a luz do Ceo pura & fermoſa
Ao templo da cidade mais famoſa.

7

Tanto que o ſacrificio foi comprido,
Tendo nos corações viua lembrança
Do raro beneficio recebido,
Em que o pouo de Deos teue bonança,
Se partem ſem tardar, & diuido
Vinha Ioſeph da eſpoſa, que era vſança
Molheres dos varoẽs vir apartadas,
Sò para que não foſſem mal julgadas.

Cuidaua

8

Cuidaua a ſingular Virgem Maria
Que leuaua Ioſeph ſeu filho amado:
Cuida o Santo que vai na companhia
Da ſantiſsima Mãi Deos disfarçado.
Aos dous eſta auſencia combatia,
Ambos leuauão nelle ſeu cuidado,
D'ambos o firme amor a hũ fim caminha,
Que ẽ ſeu theſouro os ſeus corações tinha.

9

Chegou primeiro a pura Virgem bella
Ao lugar adonde ſeu querido
Ioſeph antes traçou verſe com ella,
Quando foſſe do templo deſpedido.
Sentia a diuiniſsima donzella
O coração de dores jà ferido,
Contando d'eſta auſencia os momentos
Seus doces & amoroſos penſamentos.

10

Iulgaua por eterno cada inſtante,
Que aquellas duas almas, que erão vida
De ſeu enternecido peito amante,
Tardauão de lhe dar gloria comprida,
E com dor, que não tinha ſemelhante,
Pois de amor ſem igual era nacida,
O coração moſtraua ſeu effeito
Pellos olhos em lagrymas desfeito.

E tal

11

E tal como nos mais antigos dias,
Sentindo dor & angustia rigurosa,
Sahia a ver a madre de Tobias
Se vinha sua prenda deleitosa:
Asi ferida a alma de agonias
Hia & tornaua a Virgem saudosa,
Para ver se o esposo apparecia,
E o seu minino bello lhe trazia.

12

Ioseph, sem poder pór na pena praso,
Sentindo o nouo mal de estar ausente,
Caminha cuidadoso pello occaso,
Em que o deixou seu sol resplandecente.
Com ardentes suspiros em tal caso
De perguntar não cessa a toda a gente
Se sabe do minino & mãi querida,
Que de sua alma saõ prazer & vida.

13

Tanto que diuisou a Virgem pura,
Ioseph, sem ver a luz que nas estrellas
Poz os raios d'aquella fermosura,
Que as argenta, & faz ficar tão bellas,
Ficou, qual fica o corpo sem figura,
Qual nao, que na tormenta perde as velas,
Qual sol, sem suas luzes mais serenas,
E qual mostra ficar a aguia sem penas.

14

Chegou ſeu affligido & caſto eſpoſo,
E não vendo neſta ora deſejada
O fermoſo minino precioſo
Com ſua ſingular eſpoſa amada;
Hum paſſador agudo & furioſo
Lhe deixou logo a alma atraueſſada,
E entrando dentro nella a ponta aguda,
Lhe fez a dor ficar a lingua muda.

15

A Virgem os bellos olhos leuantando
Com pranto, que de puro amor nacia,
Por ſeu filho a Ioſeph vai perguntando,
Seu bem, ſeu refrigerio, & alegria.
E elle com ſuſpiros deſpertando
Do ſono em que o tormento o ſuſpendia,
Tendo do roſto a cor quaſi defunta,
Pello minino amado lhe pergunta.

16

Aqui d'ambos as linguas ſe embaraçāo,
Aqui d'ambos as vozes ſe enrouquecem,
Aqui d'ambos as almas ſe traſpaſſaō,
Aqui d'ambos os peitos ſe eſmorecem:
Aqui ambos em vida a morte paſſaō,
Aqui d'ambos as glorias jà fenecem,
Aqui ambos as mãos vão jà cruzando,
Seu deſcuido ſem culpa condenando.

17

Com enlutado manto ao comprido
Logo a noite em tal tempo o dia ſerra,
Eſtoruando buſcarſe o bem perdido,
Que ſe perde de amores pella terra.
Foi para os dous tormento mais crecido
Vir ella dilatarlhe ſua guerra,
Vertendo em ſuas horas vagaroſas
Mil milhares de lagrymas penoſas.

18

Anticipou a Aurora as luzes bellas,
E vem vertendo perlas magoada
De ver as que derrama a que d'eſtrellas
Eſtá diuinamente coroada:
Vendo a grande riqueza & valor d'ellas,
Bebeo d'eſta corrente diſtillada
Em o celeſtial fogo de amores
Aljofar, para dar valor às flores.

19

Apenas eſta luz eſclarecida
Os ferio com ſeus raios ſutilmente,
Quando ſua oração alta & ſubida
Deixarão, por buſcar ſeu bello auſente.
A doce mãi de anguſtias combatida
Logo toma o caminho diligente,
E o ſanto Ioſeph por outra parte,
Como fóra de ſi, tambem ſe parte.

20

A candida cordeira, que derrama
O ſangue d'alma, em agua conuertido,
Pello cordeiro ſeu choroſa chama,
Que por paſto de amor anda perdido,
Là da rola affligida, por quem ama
A voz ſoando vai: cujo gemido
Dos montes a dureza enternecendo,
Aſsi diz temeroſa os Ceos rompendo:

21

Querido auſente meu, filho adorado,
Que me vedes comuoſco eſtar fallando,
E quanto mais dos olhos apartado,
Tanto mais dentro n'alma eſtais reinando;
Em que (dizei) ò fim de meu cuidado,
Pode agrauaruos eſte affecto brando
Do peito meu, a quem tirais a vida,
Pois que, perdido vòs, fico perdida?

22

Adonde eſtais vendo o rigor injuſto,
Com que meu coração preſo em cadea
Rebolue em voſſa auſencia (como he juſto)
De ſeu mar alterado a groſſa area?
Adonde eſtais, meu bem, q̃ a tanto cuſto
Da mãi, que ſò em veruos ſe recrea,
Lhe moſtrais ſer em fim Deos eſcondido?
Mas ai; quem ſofrerà teruos perdido?

23

Se da viſta do bem nace a alegria,
E quanto o valor d'elle he mais perfeito,
Tanto crece do goſto a demaſia,
Que ſente o coração ſer vaſo eſtreito;
Eu que, doce amor meu, quando vos via,
Sentia ter de gloria tal affeito,
Que ſe de vós não fora confortada,
Deixara ao corpo a alma arrebatada;

24

Que ſentirei de penas neſte ponto,
Em que me vejo eſtar, filho, ſem veruos?
Pois não ha bem que ſirua de deſconto
Neſta magoa que ſinto de perderuos.
Saião pois minhas lagrymas ſem conto,
Publiquem eſte exceſſo de quereruos,
Moſtrem que ſaõ no effeito menſageiras
De minhas ſaudades verdadeiras.

25

Quem tera, meu minino delicado,
De voſſo deſemparo ſentimento?
Quem vos dara de noite gazalhado?
Quem vos dara de dia mantimento?
Ai filho, ſe de alguem denunciado,
Archelao vos poria em tal tormento,
Que nelle vos tiraſſe a doce vida,
Que jà foi de ſeu pai tão perſeguida!

Ai juſto

26

Ai justo Simeão, sabio propheta,
Assi como de vós prophetizada,
Assi jà nesta ausencia a mortal seta
Me tem o peito, & alma atrauessada:
Não temo que a da morte me acometa,
Pois a d'esta saudade dilatada
A tal estremo chega o sentimento,
Que não dara lugar a mais tormento.

27

Outra vez que me vi d'ella ferida,
Quando o tyranno Herodes enuejoso
Pretendeo destruir a amada vida,
Que viue neste peito saudoso:
Nunca do filho meu fui diuidida,
Nunca a transe cheguei tam riguroso,
Antes sempre em meus braços o leuaua,
Gloria, que muito a tras a dor deixaua.

28

Mas agora (ai de mim) como o não vejo
Com olhos corporais, & na alma mora,
O cutello da dor sem nenhum pejo
Me fere o coração, que a elle adora.
Achar a Deos, só busca meu desejo,
Que por cobrar Adam, se perde agora;
Buscalloei por ruas, & por praças,
Pois elle por amor, vsa estas traças.

29

Entra em Ierusalem triste & chorosa,
E com a branda voz, enrouquecida
Pergunta na çidade populosa
Pella gloria que nella anda perdida:
Pergunta pella luz do Ceo fermosa,
Que o mundo ganharà perdendo a vida,
Quando manando graça feito exangue
Laue nodoas de culpa em mar de sangue.

30

Todos lhe multiplicão suas dores,
Pois ninguem em tropel tão copioso,
Do sol de seus purissimos amores
Vira o diuino rosto luminoso.
Ella com mais que angelicos ardores
Do grande amor do filho precioso,
Mouendo toda a gente a piedade
Dizia assi às damas da cidade:

31

O nobres virginais castas donzellas,
Se virdes o escolhido entre milhares,
Do qual, porque mo roubão as estrellas,
Tenho estes cegos olhos feitos mares;
Dizeilhe minha dor, ó damas bellas,
Denunciailhe todos meus pezares,
Dizeilhe como o busco, & como o choro
Enferma d'este amor, com que o adoro.

Dizeilhe

32

Dizeilhe como as guardas da cidade
D'esta alma, que saõ todos meus sentidos,
Me ferirão com grande crueldade
Do rigor saudoso combatidos:
Que me rasgarão jà sem piedade
Do sofrimento o manto, & aduertidos,
Que só na occasião de sua ausencia
He virtude rasgarse a paciencia.

33

D'esta arte busca a mãi o filho amado,
Que o coração de dor, & amor lhe parte,
E o justo sentimento, magoado
A piadosa afflição co Ceo reparte.
O soberano esposo angustiado
Com seu tormento vai por outra parte
Buscando aquelle Deos, que he a ventura,
Que he o perfeito bem, que sempre dura.

34

Torna pello caminho donde veio
Ià cega de chorar, perdido o tino,
Sem dar fè do que vè, nem tomar meio,
Com que cure o discreto desatino:
Sem pòr a queixas nem a magoas freio,
Não faz mais que brádar pello minino,
Dizendo: Adonde estais, doce esperança,
Que sem vos ver minha alma não descãça?

35

Fugis de quem chegando a conheceruos,
Mereceo desejar sempre adoraruos?
E consentis q̃ chegue eu a perderuos,
Despois q̃ em summo grao cheguei a amar(uos?
Não pode meu amor, Senhor, moueruos,
Com o qual em doze annos de criaruos,
Vos sustentei, & dei sempre a comida,
Ganhada co suor de minha vida?

36

Não vos lembra, dizei, summa belleza,
Quantas vezes me estaua suspendendo,
Quando vos via em minha pobre meza,
Sendo Deos immortal, estar comendo?
Tomando nos desmaios da fraqueza
O sustento de estarme em vós reuendo,
E não buscando outra agoa na secura
Mais que a fonte de vossa fermosura?

37

Não vos lembra, Senhor, como velauão
Meus olhos sobre vòs, noites inteiras?
E que as aues na aurora publicauão
Excessos d'este amor, como palreiras?
Não vos lembra, que os dias se passauão,
Traçando nelles eu de mil maneiras
Obras, em q̃ o querer mais vos mostrasse
Em que mais vos seruisse, & adorasse?

Mas

38

Mas ai, que o certo he, meu bem perdido,
Dardeſme eſte caſtigo juſtamente,
Porque nunca de mim foſtes ſeruido,
Como à voſſa grandeza era decente!
Por eſte erro de mim tão conhecido,
Perdão vos peſſo agora reuerente,
Tornai, rico theſouro, amada prenda,
Tornai, q̃ vòs vereis a minha emmenda.

39

Ai doce filho meu, que eſtou ſentindo
Huma dor que me fere, & que me corta,
Porque vos repreſento andar pedindo
O ſuſtento vital de porta em porta!
E que mui ſeueramente deſpedindo
Quem na alma tem a piedade morta,
Vos irà, meu amor; & vòs gemendo
De fome & mais de ſede ireis morrendo.

40

Aſsi entre temores & eſperança
Quanto jà tinha andado, deſandaua,
E por mais que caminha, & que ſe cança,
O minino perdido não achaua.
Com elle dentro n'alma, & na lembrança
Entra em Ieruſalem, adonde andaua
Sua celeſtial eſpoſa amada
Buſcando a diuindade, disfarçada.

41

Agora he bem mudar, Musa, entre tanto
Que caminha Ioseph de pena mudo,
Com as cordas as vozes de meu canto
Tocando jà no graue ja no agudo:
Do filho do alto Padre eterno & santo,
A quem não perdeo culpa nem descuido,
Cantemos, & o q̃ obrou em quáto ausente,
Perdido por amores docemente.

41

Como o supremo amor, que jà ab æterno
Nessa esphera de seu peito diuino
Tanto quiz acender o fogo interno,
Atè que fez fazer a Deos minino,
O visse jà em idade de gouerno,
Para o mundo gozar fauor benino;
Logo a chama mostrou, que nelle ardia,
Em lanço de immortal sabedoria.

43

Para este fim traçou dissimulado
O minino Iesus ficar tres dias
No templo, & entre o pouo que enleado
Andaua jà na vinda do Messias;
a r a que com seu raio eternizado
Lhe prouasse na fè das prophecias,
Que jà era chegado o sem segundo,
Que auia de trazer o bem ao mundo.

Antes

44

Antes de entrar no applauſo d'eſta gloria
Aquelle eterno Deos, que he vno & trino,
E de leuar a todos a vitoria
Com ſeu ſummo ſaber, raro, & diuino;
Podemos ter por couſa mui notoria
Que eſteue eſtes tres dias o minino
No templo de ſeu Padre ſempre orando
Com elle o bem do mundo conſultando.

45

D'ahi com mil finezas ſingulares,
Com que de ſeu amor fazia lanço,
Moſtrando como as dores, & pezares
Padecidas por elle, erão deſcanſo;
Viſitaua os ſantiſsimos lugares,
Nos quais eſte Senhor, cordeiro manſo,
Sem abrir ſua boca emmudecido
Auia de ſer morto, & Adam remido.

46

Na viua & amoroſa fantazia
Jà todos ſeus tormentos fabricaua,
E com lagrymas doces que vertia,
Porque não vinha a morte, ſe queixaua.
Oo quando vos verei, minha alegria
(Aſsi ſuauemente ſuſpiraua)
E quando goſtarei em vòs dos fauos,
Que eſtão no dulce lignum, dulces clauos!

Fara

47

Fara ſer tão ſuaue & deleitoſa
O que me abraza amor voſſa amargura.
Que para mim ſera tão ſaboroſa,
Como de mel ſuauiſsima doçura:
Quando me dem (a boca ſequioſa)
De fel & aceto a acerrima miſtura,
Não na hei de aceitar, porque os rigores
Da ſede que tiuer ſerão maiores.

48

Ià doce neſta ſede a boca trago
Na imaginação da pura idea,
Ià me quizera ver de ſangue hum lago,
Que eſta eſperança o animo recrea:
Porem ſò no final & vltimo trago
Sera cruel a lança dura & fea,
Porque o lado abrirà deſpois da vida,
Sem eu poder ſentir eſſa ferida.

49

D'eſta arte em ſua morte contemplando
Tantas vezes ſe crè que a vida deſſe
Ao perdido Adam, quantas obrando
Seu amor, o affecto lhe moueſſe.
E logo para o templo caminhando,
Se pode preſumir que offereceſſe
A ſeu Padre os deſejos interiores,
Que tinha de morrer por peccadores.

E com

50

E com a voz de cithara ſonora
Tanto que ouuia dar o meiodia,
Pellas portas o Deos, que o Ceo adora,
Huma eſmola de pão, ſem mais, pedia.
E ſaindoſe logo para fora,
Derramando doçura, prometia
Que eſſe pão que lhe dauão por comida,
Auia de pagar em pão de vida.

51

E como o claro dia declinaua,
E vinha a noite eſcura temeroſa
Batendo a qualquer porta, aſsi bradaua:
Abrime, alma querida, minha eſpoſa:
Ninguem para lhe abrir, ſe leuantaua;
E tornaua a dizer com voz choroſa:
Abrime, que cuberto de rocio
Me abraza voſſo amor poſto no frio,

52

Mas vendo como a cega ingrata gente
Indigna de tal bem, lhe não abria,
E o fauor tão raro, & excellente
De agazalhar a Deos, não recebia;
Tornauaſe o cordeiro paciente
Para o templo do Padre, & alli dormia,
Dormia, ſendo ao ſer de homem ſugeito,
E como Deos, velaua no ſeu peito.

53

Aſsi tres dias quiz andar perdido
Eſtando na idade de doze anos
Como outros tres á morte reduſido
Para curar do mundo os viuos danos.
Cante pois com eſtilo mais ſubido
Agora a Muſa os triumphos ſoberanos,
Pois chega a venturoſa & feliz hora
De apparecer o ſol filho da Aurora.

54

Neſte terceiro dia ſe ajuntarão
Os Rabinos, Eſcribas, & Doutores
Em o templo de Deos, & começarão
De ſe querer moſtrar mui ſabedores.
Sobre a vinda de Chriſto diſputarão,
Porque andaua jà fama entre os maiores
Que o Meſsias na terra era nacido,
Para fazer ſeu pouo redemido.

55

Logo diſsimulando Deos immenſo
Se chegou arrimado ao aſſento
De hum d'aquelles letrados mui ſuſpenſo,
Como quem applicaua o entendimento,
Quiz eſcutar a todos por extenſo,
Moſtrando ter em tudo muito tento
De ver ſua attenção, que a gente admira,
Não ſabe nenhum d'elles o que infira.

Ventilauaſe

56

Ventilauaſe de hũma & outra parte
Diſputa tal, por mui difficultoſa,
Procurando com grande engenho & arte
Não ficaſſe a verdade duuidoſa.
Os que moſtrar querião eſtendarte
Da ſciencia que tinhão por famoſa,
Interpretando mal as prophecias,
Dizião não ſer vindo o Deos Meſsias.

57

E para acreditar eſta verdade,
Prouão como a Eſcriptura declaraua
Que auia elle de vir com mageſtade,
(Como bem Iſaias confirmaua)
Dizendo, que elle diz com liberdade:
O Senhor ha de vir; & acrecentaua,
Iuiz, Lesgislador, Rei ſem deſuio
Na terra moſtrarâ ſeu poderio.

58

Em outra parte o meſmo conferindo
Diz que virà de longe com furores,
Fogo de ſua boca deſpedindo,
A todos eſpantando ſeus rigores.
Qual rio impetuoſo irà ſaindo,
E deſpois de cauſar grandes pauores,
Soltarà ſobre a terra ſua enchente,
Para aſsi ſe perder a imiga gente.

59

O Sabio diz, que o Ceo, abiſmo, & terra
Tremerão fortemente em tal preſença,
Porque virà moſtrando que ſe encerra
Nelle huma mageſtade, que he immenſa.
Affirma Daniel, que neſta guerra
Lhe renderà o mundo recompenſa,
Todos os tribus, gentes, linguas varias
O ſeruirão, pagando largas parias.

60

Vir elle (dizião) tremebundo
Por fè das eſcripturas nòs o cremos
Mas ſe elle he jà nacido neſte mundo,
Que he d'eſta mageſtade, que não vemos?
O que aqui ſe nos moſtra, & que (ſegũdo
Nos enſina a razão) julgar podemos,
He, que não deue ainda ſer nacido,
Pois tanto ſeu poder tem eſcondido,

61

A tudo iſto eſtaua prompto & á letra
O bello & benditiſsimo minino.
E vendo que a reſpoſta era incerta,
E que de a dar, nenhum era alli dino;
Quiz moſtrar logo a fonte deſcuberta
De ſeu ſummo ſaber, puro, & diuino,
Quiz derramar o ſingular theſouro,
Abrindo da ſciencia a mina de ouro.

E poſto

62

E posto logo em pè, passa adiante,
Metendose no meio dos doutores
Com huma graça viua, & hum sembrante,
Que roubaua os sentidos exteriores.
Elles, que outro não virão semelhante,
Nem que tão digno fosse de fauores,
Com mui grande alegria o receberão,
E a principal cadeira alli lhe derão.

63

Ouuido tenho aqui, varões prudentes,
Que com allegações das prophecias
(Lhes diz o Deos, q̃ he luz dos eloquẽtes)
Prouais, não ser chegado o Rei Messias.
Pergunto: E esses mesmos sapientes,
Que dizem vir pizando as Ierarquias,
Não escreuem tãbem, q̃ humilde & mãso
Ha de vir, para dar paz & descanso?

64

Hum Propheta, que d'elle està tratando,
Aa filha de Sion com sentimento,
Não diz: Eis o teu Rei, que vem entrãdo
Pella cidade, humilde num jumento?
Isaias tambem não vai contando,
Que despois de prouado no tormento,
Qual ouelha ao altar, sera leuado,
E cruelmente ahi sacrificado?

65

Não diz, que neſtas penas & agonias,
Com que a vida dara tão affligido,
Sofrendo tanta dor, tais tyranias
Se não ha de queixar emmudecido?
Não lhe ſae ao encontro Zacharias,
Dizendo como o vio todo ferido,
Quando ſe deo a ver ſem fermoſura,
E tal como leproſo, na figura?

66

Ora, como entendeis iſto, pergunto,
Pois ſaõ os pareceres tão contrarios?
Reſpondem, que o ſaber nelle eſtâ junto,
Que pode concordar ditos tão varios.
Elle, que da verdade he o traſunto
Com reſplandores extraordinarios,
Por moſtrar a certeza verdadeira,
Vai proſeguindo aſsi d'eſta maneira:

67

Para ficar concorde a diſonancia
D'eſta diuina muſica que encanta,
E poder ir ligando em conſonancia
O doce com o graue que ſe canta;
He juſto que entendais ſem repugnancia
Que na fè da Eſcriptura ſacroſanta
Se alcança vir (ſegundo as prophecias)
Aa terra duas vezes o Meſsias.

Numa

68

Numa, com mageſtade furibunda
Ha de vir riguroſo, brauo, & forte;
E eſta aueis de crer que he a ſegunda,
Na qual ſera juiz da vida & morte.
Noutra virà com manſidáo profunda,
Porque então de ſaluar lhe cabe a ſorte,
E de dar luz ao mundo verdadeira,
E eſta enſina a fè ſer a primeira.

69

Tudo o que aueis aqui argumentado,
Ser da ſegunda vinda, he entendido;
E aſsi não fica o credito encontrado,
De eſtar elle no mundo jà nacido:
E para ficar mais acreditado,
O ſceptro de Iuda eſtá perdido,
Que he ſinal muito certo, em q̃ ſe encerra
A fè, que podeis ter, de eſtar na terra.

70

E ſe os ſentidos tendes acordados,
Tambem vos lembrarà, q̃ ha doze annos,
Que huma noite em Belẽ raios dourados
Corações alegrarão dos humanos:
E na terra dos Anjos exalçados
Se ouuirão doces cantos ſoberanos,
Mandando com doçura que partiſſem,
E que a Deos por amor, nacido viſſem.

71

Não ouuiſtes dizer, que com capella
Os Anjos, & paſtores feſtejarão?
E nos braços de luz de huma donzella
Por verdadeiro Deos o adorarão?
Nã o ſabeis que guiados de huma eſtrella
Os tres Reis là de Arabia o viſitarão?
E como a Rei maior elles rendidos
Lhe offerecerão doẽs enriquecidos?

72

Todos os vimos (cadaqual dizia)
E que Herodes de inueja perturbado
Ficou notauelmente, porque ouuia
Que elle Rei dos Iudeus era chamado.
E muito bem nos lembra a tyrania,
Com que, por ſer dos Magos enganado,
Matou os cordeirinhos innocentes,
Por deſtruir o Saluador das gentes.

73

Eſtando neſte paſſo, eisque apparece
A Virgẽ, & ſaõ Ioſeph, buſcando a gloria.
Da qual ha tanto tempo que carece
Sua viſta com pena tão notoria.
Oo Seraphins do Ceo, que aqui fenece
Meu engenho, aqui perco a memoria,
Aqui ſò voſſo amor, voſſa elegancia
Podem fazer perfeita conſonancia.

A ſuaue

74

A ſuaue alegria & a doçura,
Que ſentirão os dous de amor feridos,
Diga a que entre as molheres he mais pura,
E o mais venturoſo entre os nacidos.
Ligaraõ a diuina fermoſura,
Ficando docemente ſuſpendidos
Na gloria deleitoſa de ſeus braços,
Dandolhe mil dulciſsimos abraços.

75

E como aſsi com ambos o aueis feito,
Filho (lhe diz a doce mãi querida)
Que voſſo pai & eu (ferido o peito)
Vos buſcamos, de dor perdendo a vida?
O minino em puro amor desfeito
Com ſugeição humilde, & alma rendida
O roſto entre os dous vai eſcondendo,
Aſsi a ſuas queixas reſpondendo:

76

Importaua ô ficar, inda que dura
Pena, & immẽſa vos deſſe minha auſencia;
Que aos negocios do pai da ſumma altura
Eſte cuidado deuo, eſta aſsiſtencia.
Os doutores da lei á Virgem pura
Fezerão huma profunda reuerencia,
Dizendo que o ſaber de tal minino
Não era cà da terra, mas diuino.

77

Que quem tinha taõ viuo entendimento,
E lume de diſcurſo aſsi taõ claro,
Como a idade foſſe em mais augmento,
Viria a ſer no mundo homem preclaro.
A Senhora com ſeu alto talento,
E ſaõ Ioſeph com ſeu engenho raro
Lhe moſtraõ coração agradecido,
Leuando o ſeu minino taõ querido.

78

Caminhão (conuertidas as triſtezas
Em prazeres & glorias venturoſas)
Com eſtremos de amor, com mil finezas,
Mil doçuras, mil queixas amoroſas.
Chegaraõ a Nazareth, donde as cruezas
De ſuas ſaudades riguroſas
Forão de todo o ponto fenecidas,
E ſuas alegrias mais crecidas.

79

O minino Ieſus lhe era ſugeito
Tanto à celeſte mãi doce Maria,
Quanto a ſeu pai Ioſeph, que cõ reſpeito
E exceſsiuo amor ſempre o ſeruia.
Hia crecendo em graça, & em dõ perfeito,
A ſciencia crecer nelle ſe via,
Ao paſſo da florecida idade,
Roubando a Deos & aos homens a võtade.

O crecer

80

O crecer na sciencia inaudita
Nos actos se entende exteriores,
Porque na alma santissima & bendita
Sempre infusa mostrou seus esplendores.
Teue graça tambem, como infinita;
Porem nas mostras cá de seus valores
(Segundo o tempo & idade o permittia)
Em graos de perfeição Christo sobia.

81

Aqui, luz de minha alma verdadeira,
De vossa doce Infancia & santa vida
Tem ja fim esta parte, que he Primeira;
Em meu coração fica esculpida.
Fauorecei, Senhor, vòs a Terceira,
Pois que ja vola tenho offerecida;
Aceitando o desejo, que se funda
Em vos offerecer logo a Segunda.

Finis.

2915

EX-LIBRIS
Annibal Fernandes Thomaz
NOBILITAS MEA NOMEN
PASTOR